

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASILEIRO



CANSEI DE
TOMAR FANTA

ERRADO

NANOITE
DA PRAÇA

UM DEUS CRUEL

O TEATRO DE

ALBERTO GUZIK

imprensa oficial

O Teatro de Alberto Guzik

O Teatro de Alberto Guzik

Um Deus Cruel
Cansei de Tomar Fanta
Na Noite da Praça
Errado

Alberto Guzik

| **imprensaoficial**

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente

Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral

Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da Nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquères

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Introdução

Por tudo que me ensinou sobre teatro, especificamente, e também sobre todas as outras artes, ainda que, neste caso, de maneira mais diluída, seria uma temeridade de minha parte dizer não a um convite profissional feito pelo ator, escritor, diretor, professor, ex-crítico e, acima de tudo e antes de mais nada, grande amigo Alberto Guzik. Ainda assim, me flagrei receoso quando ele me convidou para escrever o prefácio deste livro que traz quatro peças de sua autoria. O que eu poderia dizer sobre teatro, pensei na hora, que pudesse surpreender um mestre com o conhecimento enciclopédico do Guzik? E, o que é ainda mais grave e preocupante, o que eu poderia dizer sobre o teatro produzido pelo próprio Guzik que ele mesmo já não soubesse muito antes de mim? Tarefa árdua esta em que um discípulo é chamado à frente para tentar decifrar aos seus pares a obra consistente de um reconhecido mestre. Mas, como eu acabei de dizer, que profissional de teatro seria louco o bastante para se negar a atender a um apelo do Guzik? Eu seguramente não. Pedido feito, pedido aceito. E segue então, nas linhas abaixo, a lição de casa que eu orgulhosamente entrego agora ao mestre Alberto Guzik e aos seus inúmeros e fiéis leitores.

Conheci Alberto Guzik na redação do Jornal da Tarde, na qual trabalhamos juntos por mais de dez anos. Ao longo de todo este tempo, tive o imenso privilégio de ser um dos primeiros leitores – em inúmeros casos, o primeiro – das críticas teatrais redigidas por ele, que sempre resultavam numa combinação equilibrada entre conhecimento técnico, visão astuta e bem treinada da cena, um didatismo que jamais chegou a ser pedante e uma discreta, mas sempre presente, torcida pela continuidade do exercício teatral. Às vezes, eu lia na manhã seguinte a crítica de um espetáculo a que tínhamos assistido juntos na noite anterior e eu invariavelmente me perguntava, irritado comigo mesmo, como era possível eu não ter enxergado tudo aquilo que o Guzik esfregava agora diante do meu nariz. E foi assim, por meio destas lições semanais, que eu também, aos poucos, fui encontrando o meu caminho para o palco. Se eu tivesse dado ouvidos ao Guzik, meu principal incentivador, há mais tempo, talvez minhas primeiras peças tivessem nascido antes do que efetivamente nasceram. Ironicamente, foi com ele que eu também assimilei a certeza de que tudo tem seu tempo. E, assim como os frutos que a natureza nos dá, os espetáculos e seus autores só têm algum sabor quando já se encontram maduros.

Falo a respeito de tudo isso para deixar claro que, à medida que me incentivava a escrever para teatro, sorratamente Guzik também se servia dos seus conselhos e, ele próprio, sentava-se diante da tela do computador para produzir dramaturgia – e não mais apenas para ensinar. Três das quatro peças que constam deste volume – *Errado*, *Cansei de Tomar Fanta* e *Na Noite da Praça* – foram escritas a partir de 2003, mesmo ano em que dei início à minha produção. É a respeito delas que eu me sinto mais autorizado a falar. Talvez eu possa afirmar, sem modéstia, que a cada vez que tomava impulso para me empurrar em direção ao teatro, Guzik também dava um passo à frente no mesmo sentido. A quarta peça que integra esta coleção, *Um Deus Cruel*, é um pouco anterior a esse período. Um brilhante comentário sobre este texto o leitor encontrará um pouco mais adiante, escrito por um dos mais importantes críticos de teatro que o Brasil já conheceu, Sábato Magaldi.

Errado foi o segundo destes quatro textos a chegar aos palcos. É possível que haja um certo exagero nesta informação, já que *Errado* chegou e saiu dos palcos com uma velocidade injusta. Concebida para integrar um ciclo de nova dramaturgia organizado pelo Sesi, a peça, que contou com uma direção ágil, leve e muito

bem-humorada de Sérgio Ferrara, foi apresentada apenas três vezes. Em meio a um repertório de espetáculos que apostavam muito em novas linguagens e pesquisas cênicas que nem sempre despertavam a empatia da plateia, Guzik criou um texto de inegável apelo popular – e teve a sensatez de admitir que teatro podia ser, também, lugar de diversão. A peça falava sobre os encontros e desencontros entre um intelectual mais velho e solitário e um jovem balconista de lojas, com grande apetite pela vida e uma impiedosa ausência de traquejo social. De maneira suave e quase indolor – o quase é por minha conta e risco – Guzik exibiu, em *Errado*, os pequenos e inevitáveis tropeços que a vida nos reserva a cada vez que saímos do nosso casulo em busca de um provável amor.

Este mesmo olhar sobre o cotidiano e seus tipos frágeis que, paradoxalmente, nem mesmo as grandes dores são capazes de curvar, foi despejado também sobre os outros dois textos agora editados. *Cansei de Tomar Fanta*, na verdade mais uma cena bem encorpada do que propriamente uma peça, abriu uma das edições das Satyrianas e, a exemplo de *Errado*, sofreu com a falta de uma temporada regular. A peça traz um casal de namorados deslocados em meio à movimentação teatral da Praça Roosevelt. Indecisos

entre assistir ou não a um espetáculo que terá início em instantes, eles entabulam uma discussão sobre gostos e preferências pessoais a partir de uma singela latinha de Fanta já pela metade. Nonsense? Pode ser. Um pouco absurdo? Pode ser também. Mas nunca improvável. Pessoalmente acredito, assim como os personagens da peça, que segue com ternura e solavancos até seu desfecho cheio de probabilidades, que é por meio destes assuntos tão banais, desta filosofia tão surrada e ao mesmo tempo tão ao nosso alcance, que as questões que realmente contam ponto conseguem chegar à luz.

O mais jornalístico dos quatro textos, *Na Noite da Praça*, teve como matéria-prima um comentado furto a vasos de cemitérios praticado por uma figura razoavelmente conhecida da cidade de São Paulo. A partir deste fato que divertiu a imprensa e os leitores por algumas semanas, Guzik habilmente construiu uma oportuna radiografia sobre a sociedade de espetáculo que nos assola. Nas mãos do diretor Luiz Valcazaras, a peça ganhou um tom solene sem nunca perder sua comicidade, expressada nos comentários de uma balconista de lanchonete, e muito menos sua ironia sobre o imponderável destes dias que correm. Mesmo com abordagens tão diversas e lançando luz sobre personagens tão díspares,

os quatro textos, de certa forma, se aproximam em sua capacidade de dissecar um tema do qual estamos nos tornando preocupantemente íntimos: a solidão dos que vivem acompanhados, seja de amigos, de parceiros, de amantes casuais ou de outras pessoas que cruzam nosso caminho ao acaso.

16 Com estes quatro textos, que sintetizam parte da produção de Alberto Guzik, mas não a esgotam, percebe-se o olhar contemporâneo e atento deste autor sobre não apenas os personagens desta cidade que ele escolheu para viver e dissecar, mas sobre todos os elementos que parecem formatar sua personalidade tão plural – a arquitetura, o lazer, as aglomerações, os delitos, os sotaques e as procedências. De posse de tudo isso, Guzik enquadra e ornamenta seus personagens de tal modo que, por mais simplórios e efêmeros que eles sejam, não conseguimos negar-lhes o nosso carinho e um lugar aconchegante em nossos corações e mentes.

Sérgio Roveri

(jornalista e dramaturgo)

Um Deus Cruel

Um Deus Cruel, título da peça de Alberto Guzik, é Dionísio, a divindade do teatro, a que alude uma carta da atriz suicida Júnia, condenada por falta de talento. Ela guarda lucidez bastante, porém, para recomendar ao diretor Marco, de vocação inquestionável, que volte ao palco, sob pena de ser castigado também. Metateatro, ou teatro dentro do teatro – essa a matéria escolhida por um crítico senhor do seu ofício e que já comprovou o dom de ficcionista ao publicar o romance *Risco de Vida*.

Alberto oferece a cara para ser batida, ao passar da função de crítico para a de ser criticado. Muita coragem se faz necessária, nesse quase salto-mortal. Preparo não lhe carecia: ele conhece a intimidade do teatro, primeiro por ter cursado a Escola de Arte Dramática de São Paulo e, depois, pelo longo exercício jornalístico. A atividade cênica não aparece caricaturada ou superficial, em nenhum momento do texto. E pode-se afirmar que estão tratados todos os problemas atuais da profissão, felizmente sem o vezo do ensaísmo, que prejudicaria a linguagem ficcional. Documento abrangente, em forma de arte.

Partindo da verdade de um grupo, o dramaturgo vai caracterizando as diferentes personagens,

com fisionomia própria. A peça não claudica nas observações psicológicas, embora, às vezes, a síntese por pouco reduza uma situação a um *flash*. Exemplo: a cena em que a estrela Luísa dialoga com um banqueiro, na tentativa de obter um patrocínio para o seu espetáculo. Com habilidade, as réplicas mínimas sugerem o quadro inteiro.

São apenas seis atores, que interpretam os elementos principais de um grupo e se desdobram em interlocutores esporádicos, exigidos pelas circunstâncias dramáticas. Nesse particular, Alberto rendeu-se ao imperativo econômico de nosso teatro e, ao mesmo tempo, avesso ao extremo realismo, preferiu o caminho do jogo, o faz de conta inerente a toda ficção. O bom resultado da liberdade fica a cargo da eficácia do elenco.

18

As personagens não são à *clef*, ainda que lembrem traços de artistas pertencentes ao nosso cotidiano. O diretor Marco afasta-se do teatro, passa três meses na Índia e diz ter encontrado o que desejava: *Uso meios mais fortes que o teatro para transformar as pessoas. Vou ao corpo do sujeito*. Felizmente o visgo do palco se mostra mais forte e ele reassume a direção do grupo.

Atento à tragédia que vitimou dezenas de nossos amigos queridos, Alberto atribui ao ator Pedro complexidade maior, na medida em que se en-

volve com as atrizes Luísa e Júnia e uma noiva, além de um “michê” que presumivelmente lhe transmitiu Aids. A descoberta da moléstia provoca diferentes reações descritas com impiedosa crueza. O texto não embeleza nenhum problema.

Nem o relacionamento da classe teatral com a crítica é falseado. O diálogo refere-se às tensões existentes entre as partes, não se dispensando os conceitos menos abonadores. E um debate entre o diretor Marco e um crítico, a propósito dos rumos do teatro brasileiro no fim do milênio, oferece um retrato preciso dos males que nos afligem, com a atual política de cultura do Estado (ou falta dela). Quando o crítico, na sua candidez, afirma que *apesar de ter tudo contra, o teatro brasileiro sabe encontrar seus caminhos*, Marco o interpela, por ter omitido, em seu discurso, a censura econômica. As sucessivas repressões, de toda ordem, custam o sangue dos artistas. Naquele dia – conta Marco – o banco suspendeu o patrocínio de um espetáculo que estrearia em três semanas e exigiu um ano de preparo. Na corrida atrás do dinheiro, em função das leis de incentivo, nem se ensaia mais.

As 23 cenas curtas propiciam agilidade à ação, valendo-se de diversos locais e espraiando-se em tempos que chegam a anos de distância. As réplicas incisivas apropriam-se, às vezes, de um recurso que Nelson Rodrigues aprimorou ao longo de sua dra-

maturgia: as frases inconclusas, interrompidas por um interlocutor ou por um pensamento que não se completa, como ocorre na realidade. Ao invés de informar de maneira monótona, em narrativa, o suicídio de Júnia, Alberto substituiu-o por réplicas dos outros cinco protagonistas, ao telefone.

Um Deus Cruel abre-se com uma cena em que discutem uma marcação feita por Marco, em *Electra*, que parece arbitrária e ele justifica pelo distanciamento brechtiano. A atriz Antonieta, menos jovem, diz que, antes, os atores faziam apenas o que os diretores mandavam. Há uma certa ironia na referência aos encenadores modernos, cujas determinações talvez não sejam para ter sentido. Às vezes, *nem querem que a gente entenda o que eles fazem. Enchem o teatro de fumaça, odeiam palco italiano, botam cada texto na nossa boca...*

20

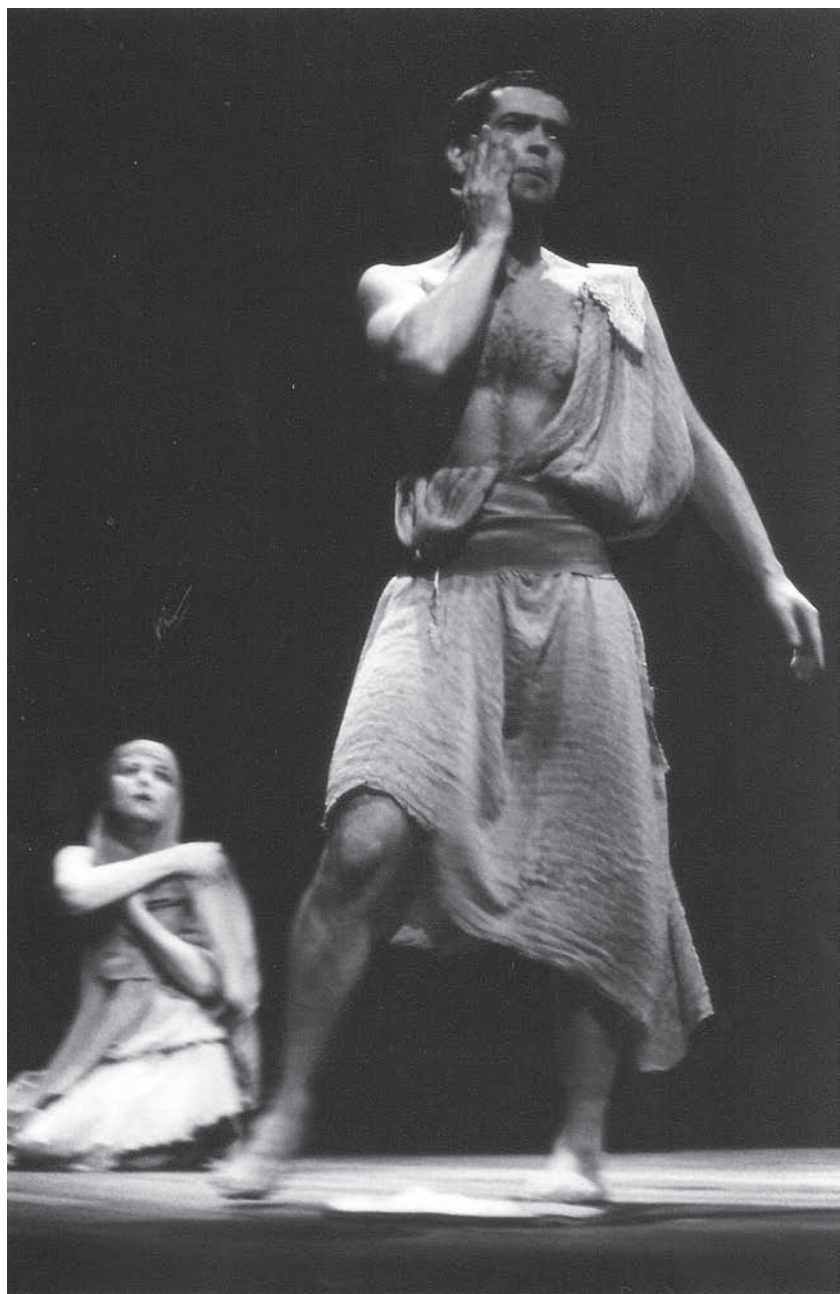
Na última cena repete-se a rebeldia do elenco, ante outra marcação problemática. O diretor, furioso, reclama da indisciplina do elenco, e os atores acabam em gargalhadas, suspensas por um acesso de tosse de Pedro. Quem sabe, nessa eterna repetição, esteja um dos segredos da magia do teatro. (1997)

Sábato Magaldi,
em *Moderna Dramaturgia Brasileira*
Editora Perspectiva, 1998

Um Deus Cruel

*Esta peça é para Alexandre Stockler
e Alexandra Golik, que a pediram.*

*E para Wolff Rothstein, seu primeiro
leitor e atento revisor.*



Um Deus Cruel

Personagens

PEDRO – ator

MARCO – diretor

LUÍSA – atriz

ANTONIETA – atriz

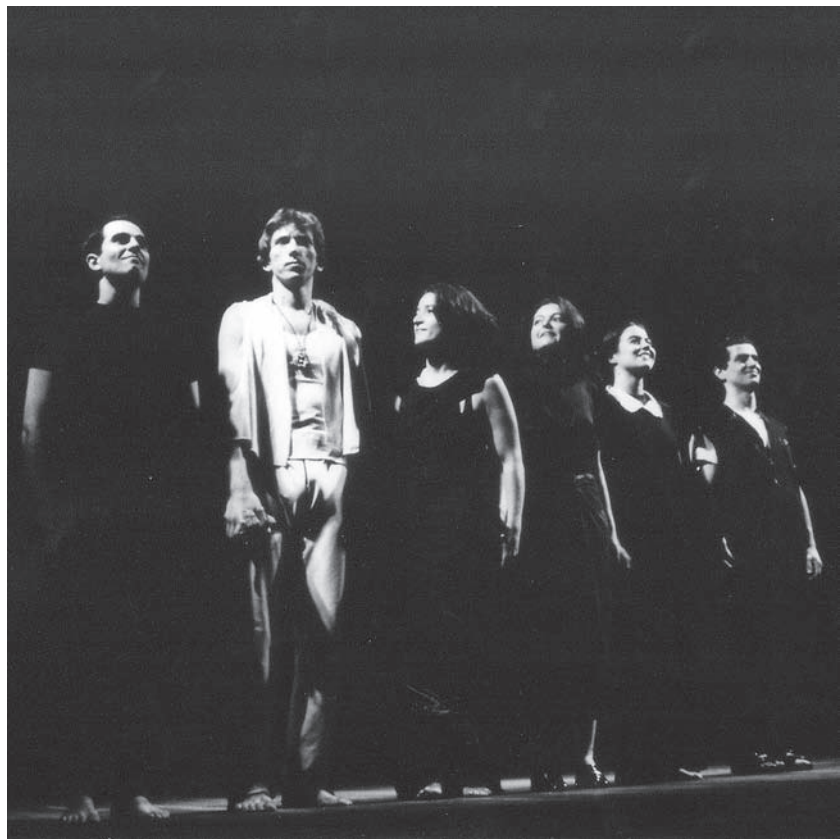
JÚNIA – atriz

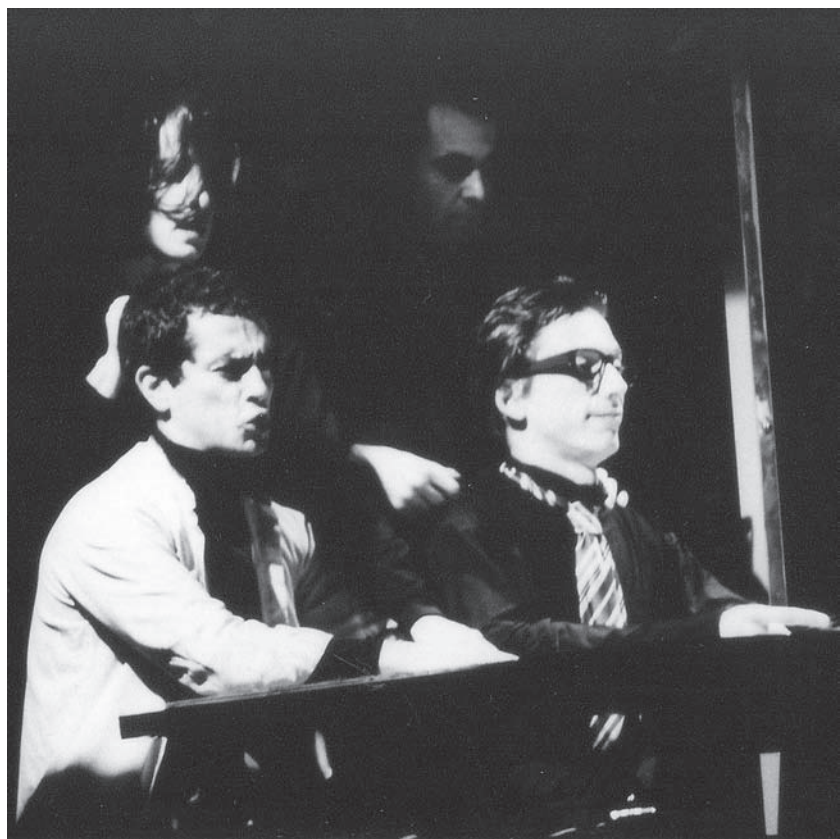
RODOLFO – ator/cenógrafo

Banqueiro / Michê / Noiva de Pedro / Mãe de Marco / Administradora de Luísa / duas atrizes de *Bernarda Alba* / Repórter de tevê / Crítico de Teatro / Jornalista

As personagens eventuais são feitas pelos mesmos intérpretes dos protagonistas. Não serão caracterizadas minuciosamente. Para conjurá-las, bastarão detalhes no figurino e o desejável talento do elenco. O desdobramento de papéis não deve ser velado. O público perceberá que os atores que vivem Pedro, Luísa, etc., representam as demais figuras da trama. Teatro dentro do teatro dentro do teatro...

As mudanças de cena devem ser rápidas. Um palco recortado por praticáveis de diferentes alturas pode facilitar a fluência da encenação.







CENA 1

(Sala de ensaios. Apenas os objetos necessários em cena)

PEDRO – Como assim?

MARCO – Como, como assim?

PEDRO – Não entendi o que você quer que eu faça.

MARCO – Simples. Atravessa o palco (*executa*) do fundo pra boca, em diagonal.

PEDRO – E daí?

27

MARCO – Olha pra eles (*aponta a plateia*). Com bastante atenção.

PEDRO – Por quê?

MARCO – Como, por quê?

PEDRO – Não entendo por que ele ia fazer uma coisa assim.

MARCO – Por que não?

PEDRO – Orestes mata a mãe, atravessa o palco e encara a plateia? Não tem sentido.

MARCO – Cê tá implicando.

LUÍSA (*Que até então havia acompanhado a conversa em silêncio*) – Pedro tem razão. Orestes matar Clitemnestra e encarar o público é ridículo.

MARCO – Ah, é? Ele faz o quê, então? Coça o saco, lê jornal?

PEDRO (*Volta para o fundo do palco e executa o que diz*) – Acho que ele mata Clitemnestra e vai correndo pra Electra (*aproxima-se de Luísa*). O cara acabou de apunhalar a mãe. Ninguém mata a mãe e vai encarar o público.

28

MARCO – Quem é o diretor, aqui? Não tava sabendo que ia ter codireção.

(*Pedro olha para Luísa, faz um gesto de desânimo. Luísa aproxima-se de Marco*)

LUÍSA – Marco, que é isso? Ditadura? Pedro só perguntou por quê, depois de esfaquear a mãe, tem de atravessar o palco e encarar a plateia. Eu concordo. Não tem sentido.

MARCO – E tudo tem que ter sentido? (*O tom irritado da resposta indica que não está seguro da razão pela qual determinou a marca*)

PEDRO (*Faz cara de espanto*) – Claro que sim. Ou não lembra das aulas do Mário?

MARCO (*Contendo a irritação*) – Mário, Mário. (*Pouco caso*) O que o Mário diz, eu não preciso aceitar de olhos fechados.

PEDRO – Ei, lembra de mim? Sou ator, pra mim ação tem de ter lógica. E não vem com história. Você sabe que o Mário, hoje, é só um dos melhores do Brasil.

ANTONIETA (*Esteve deitada no chão, ao fundo esquerdo do palco, quase invisível, o tempo todo*) – Gente, vocês vão demorar muito pra decidir? Posso levantar, Marco? Esse chão é frio, e eu tenho a minha asma, entende?

MARCO – Levanta, Maria Antonieta. Pode levantar. Não quero enfrentar tua asma. Já chega o motim do Pedro e da Luísa.

ANTONIETA (*Levanta-se com dificuldade. É mais velha e pesada que seus colegas. Tom irritado*) – Você sabe que eu não gosto que me chamem de Maria Antonieta. Faz isso pra provocar. É só Antonieta. Pode ser cafona. Mas é o *meu* nome.

MARCO – Bem, agora tenho de encarar a má vontade deles (*aponta Pedro e Luísa*) e tuas

frescuras? A gente está aqui pra ensaiar ou pra quê?

LUÍSA (*Para Marco*) – Se você vai ter crises de prima-dona, não vamos chegar a lugar nenhum. E a companhia, que ainda nem começou, vai pro brejo.

MARCO – Quem disse que já não foi?

ANTONIETA – No meu tempo, não era assim. A gente não discutia com diretor. O que ele mandava fazer, fazíamos e pronto.

30 PEDRO – Que história é essa de *no meu tempo*? Cê nem é tão velha assim, mulher.

ANTONIETA – Tenho estrada e não escondo. Já tava no teatro quando vocês brincavam de amarelinha. Tenho experiência, eu. Comecei no Teatro Itália, com o Antunes, muito antes de ele inventar o CPT. Brigávamos com a ditadura, com a Censura, enfrentávamos a polícia. Mas no teatro, fazíamos o que mandavam. Não discutíamos feito idiotas.

PEDRO – Aqui ninguém é idiota.

MARCO – Ela tem razão.

LUÍSA – Claro. Tá defendendo teu direito de mandar. (*Para Antonieta*) Meu amor, você acha que tem sentido? Ele mata a mãe e vai encarar o público? Em vez de correr pra Electra, irmã dele, mandante do crime?

ANTONIETA – Não sei se é pra ter sentido. (*Como se Marco não estivesse lá*) Esses diretores modernos são assim, Lu. Às vezes nem querem que a gente entenda o que eles fazem. Enchem o teatro de fumaça, odeiam palco italiano, botam cada texto na nossa boca... (*Balança a cabeça para cima e para baixo, como um velho Buda*) O que sei é que essa é a marca que o Marco passou pro Pedro. Olha, rimou, a marca do Marco. (*Risadinha*)

31

PEDRO – Essa discussão é besta. Perda de tempo. Daqui a pouco a gente tem de entregar a sala.

MARCO – Orestes atravessar o palco e encarar o público (*o tom não é mais irritadiço, tornou-se persuasivo*) é distanciamento, cara (*ele fala para Pedro*), é Brecht. Esqueceu das aulas de estética? Orestes correr pra Electra é o óbvio. Quero que ele faça o contrário. Se atravessa o palco e para na boca de cena, força o espectador a...

PEDRO (*Interrompendo*) – Bom, agora entendi. Vou tentar.

MARCO – Até que enfim. Vamos lá.

LUÍSA – Até aqui não tem uma marca brechtiana. A gente não fez até memória emotiva pra encontrar os personagens lá dentro? Por que, quase no fim, Brecht?

MARCO – Porque vai ficar interessante. Cria um efeito forte.

LUÍSA – E a coerência vai pro beleléu?

MARCO (*Quase estourando. Contendo-se, porém*) – Não estamos casados com a coerência. Confia em mim. (*Irritado*) Sem essa discussão, já teria marcado a cena. Olha aqui...

32

LUÍSA – Ah, que medo.

MARCO – Caralho, não chamo mais ex-colega de escola pra trabalhar comigo. Quero respeito. Eu que assino a direção, dou a cara pra bater. (*Pausa*) Vamos lá. Do assassinato pra frente. Eu fico aqui. Electra tá perto de Pílates. Isso Luísa, aí. Tá pronta?

LUÍSA – Claro.

(*Antonieta volta para o fundo do palco, seguida por Pedro. Ao fundo, à esquerda, gira o corpo para ele. Atitude imperial*)

ANTONIETA – Seu pai matou minha Ifigênia. Sabe o que é uma mãe perder sua filha?

PEDRO (*Como Orestes*) – Sei o que é, filho de rei, ser criado no exílio para não morrer pela mão da mulher que me deu à luz.

ANTONIETA (*Altiva*) – É falso. Nunca tentaria. Com ele foi diferente. Seu pai voltou para casa com outra mulher.

LUÍSA (*Como Electra*) – Quando você já tinha outro em sua cama. Odioso Egisto. Sabe onde ele está? (*Antonieta olha em volta, assustada*) Na mesma sala onde você matou meu pai. Sangrando como um porco. (*Antonieta tenta fugir*) Agora, Orestes, agora. O punhal.

ANTONIETA – Meu filho, eu nunca. (*Avança em direção a Pedro*)

PEDRO (*Corre para Antonieta, punhal na mão*) – Minha mãe. (*Apunhala Antonieta no peito. Ela grita e cai. Pedro olha em volta, aturdido, sem largar o punhal. Atravessa o palco, desorientado, vai até o proscênio, dirige uma mirada vaga para a frente. Enquanto isso entram pelo fundo Rodolfo e Júnia. Ela usa um figurino da peça. É um traje grego muito estilizado. Os dois param e olham. No proscênio, Pedro levanta o punhal*)

até a altura do rosto. Por um momento parece que vai se matar. Luísa e Marco saem das poses estáticas e correm para ele)

LUÍSA – Basta, meu irmão.

MARCO – Estamos com você, amigo. *(Pausa. Sai do papel)* Tá bom, é isso aí. Vamos fixar essa marca. Cadê a assistente de direção? Ela nunca tá quando a gente precisa. *(Para Pedro e Luísa)* Ficou perfeito. *(Entusiasmado)* Uma maravilha.. *(Vê Rodolfo e Júnia parados, ao fundo)* Não é?

34 RODOLFO – Só vi o finzinho. Tava provando a roupa da Júnia. Que acha, para o coro? *(Indica a atriz, que avança a um sinal seu)*

MARCO – *(Sem olhar, tomando notas num caderninho)* Não sei, depois a gente vê. Não enche o saco *(Rodolfo arregala os olhos)* Vamos repetir? Antonieta, de pé. A asma...

RODOLFO – Puta merda, assim não dá pra trabalhar. *(Sai, irritado. Júnia fica parada no mesmo lugar, cara de pasmo. Marco percebe o que houve e vai atrás de Rodolfo)*

MARCO – Rudi, vem cá. Você não entendeu nada. Deixa eu explicar. *(Sai)*

JÚNIA – Que que eu fiz de errado?

(Pedro e Luísa saem das marcas, olham para Júnia vestida em sua túnica estampada em cores fortes e caem na risada. São acompanhados por Antonieta, que se aproxima)

JÚNIA *(Assustada, no centro do palco)* – Que que eu fiz, gente?

LUÍSA *(Aproximando-se e tomando a mão de Júnia)* – Nada, Ju, você não fez nada.

PEDRO – Acabamos de ter mais uma aula de diplomacia de Marco Monteiro.

MARCO – *(Voltando só)* Hoje não devia ter saído da cama. Cacete! *(Olha para Júnia, parada a sua frente. Nota a roupa)* Menina, que coisa ridícula! Nunca vi nada assim.

35

JÚNIA *(Chora)* – Não sou ridícula. *(Todos, menos Marco, tentam conter o riso)*

ANTONIETA – Não é você, minha pombinha. Não é você.

MARCO – Por favor, todos pras marcas. Onde paramos?

LUÍSA – Na entrada do Rodolfo e da Jujú. *(Volta a rir. Os outros, menos Marco e Júnia, também)*

MARCO – Ô merda. Querem saber? Chega por hoje. (*Sai. Volta em seguida, furioso*) Amanhã, mesmo horário. E pra valer. Vai ter que render por hoje e amanhã. Tão loucos? Estreia em vinte dias. Tão loucos? Que porra. (*Sai*)

ANTONIETA – Volta aqui, Marco, vamos conversar. Desculpa. Retoma o ensaio.

MARCO (*De fora*) – Amanhã. Ex-colega nunca mais. Juro por tudo.

JÚNIA (*Perdida*) Que foi que eu fiz?

36

CENA 2

(*Camarim masculino. Aplausos, ruídos, conversas indistintas. Abre-se a porta, se porta houver. Entram Pedro, Marco e Rodolfo (Orestes, Píldes e Egisto) com roupas gregas fáceis de vestir. Electra, do Teatro das Ilusões Perdidas, está em cartaz há 11 dias*)

RODOLFO (*Tirando a maquilagem com gestos precisos*) – Bosta de plateia.

PEDRO (*Despindo-se*) – Não achei.

MARCO – Nem eu.

RODOLFO – Plateia de sábado. A gente dá sangue, eles não reagem.

MARCO – E o aplauso? Voltamos três vezes pra agradecer.

RODOLFO – Porque você empurrou a gente de volta pro palco e mandou o cara subir a luz. Por eles, teriam saído assim que acabou. *(Termina de tirar a maquilagem com cuidado. Despe-se, dobra cada peça. Deposita tudo na cadeira, numa pilha benfeita)*

MARCO – Tá louco? Imagina se ia fazer isso! *(Muda tom)* Posso usar seu hidratante? *(Pega o frasco sem esperar resposta)*

37

RODOLFO – Cê nunca traz o seu?

LUÍSA *(Veste roupa de cena, entra sem bater)*
– Gente, que legal foi hoje, hein?

RODOLFO *(Esconde-se nu atrás da arara)* – Na tua casa vocês entram sem bater?

LUÍSA – Por que o mau humor?

MARCO – Ele achou a sessão uma bosta.

LUÍSA – Imagina! Três agradecimentos.

RODOLFO – Marco mandou o cara subir a luz e empurrou a gente pro palco.

MARCO – Essa irritação não é por causa da crítica? Você ficou puto.

RODOLFO – Uma coisa não tem nada a...

PEDRO – Pode ser, Rudi.

RODOLFO – Só porque aquele corno não entendeu o que eu fiz, e não entendeu mesmo, isso não é motivo. A plateia tava gelada.

38 PEDRO – Não tem nada de mais ficar puto com crítica.

RODOLFO – Nada a ver. Além do mais, ele detestou tudo, não só o cenário.

LUÍSA – Só falou mal do cenário e do texto. Quanto ao texto, aliás, eu até concordo. Mas o resto, o homem elogiou.

RODOLFO – Disse que é um espetáculo menor.

MARCO (*Acabando de se vestir*) – Não li a palavra menor.

RODOLFO – Disse o quê, então?

PEDRO – Que é de estreantes. Mas que têm talento. Fala bem de quase tudo.

LUÍSA – Gente, vou me arrumar. Vim saber se vocês vão pra casa da Antonieta.

PEDRO – Claro. Senão ela morre.

RODOLFO (*Volta ao assunto, falando para Marco*) – Não tou putto. (*Para Luísa*) E não vou a festa nenhuma.

LUÍSA – Bom. Vou pro camarim. Quero carona. (*Sai*)

MARCO – Cê ficou muito irritado, Rudi.

39

RODOLFO (*Irritado*) – Eu não. Que coisa.

PEDRO – Como não? Tá explodindo. Calma. (*Pausa*) Espero vocês lá fora. (*Sai*)

(*Breve tempo. Marco observa Rodolfo, que continua a guardar seus objetos de cena e a se arrumar com precisão maníaca*)

MARCO – Cê não gostou da crítica.

RODOLFO – Ele não entendeu o que eu fiz.

MARCO – Temos casa cheia todo dia. Crítica não vale porra nenhuma.

RODOLFO – Fácil pra você. Aquele veado botou a direção nas nuvens. *Apesar do cenário.*

MARCO – E daí?

RODOLFO – Como, e daí?

MARCO – O que importa é que o grupo disse a que veio, Rudi.

RODOLFO – Não precisa sentir pena de mim, eu dispenso.

MARCO – Quem sente pena?

40 RODOLFO – Todos. *Rudi é tão prestativo, tão esforçado, tão sem talento. Sinto isso.*

MARCO – Quando foi que a gente?

RODOLFO – O tempo todo. Cê nunca discutiu a sério a cenografia, o figurino. Por que não me dispensou? Imagino o que pensaram: *O idiota tem mania de ser ator, trabalha feito mula, arruma um monte de pano de graça. Não é bom, mas segura a produção.*

MARCO – Cala a boca, meu. Para de dizer merda. Minha cabeça não é penico. Tenho mais que fazer. *(Vai sair, volta)* Quer saber por que não discuti teu trabalho a sério? Porque gosto. Esse

espalhafato, essa estilização, isso fica esquisito em cena.

RODOLFO – Olhaí. Tá vendo o jeito como você fala?

MARCO – Mas era o que eu queria.

RODOLFO – Você odiou o figurino da Júnia.

MARCO – E mandei você fazer outro. Quer colo? Não tenho tempo. Para de drama.

RODOLFO – Cê gosta do meu trabalho?

MARCO – Vai se foder, cara. *(Sai)*

41

ANTONIETA *(Entrando de supetão)* – Que história é essa de não ir?

RODOLFO – Não tou com clima de festa, Nieta.

ANTONIETA – Não acredito que você ficou assim deprimido só por causa da crítica.

RODOLFO – Foi a gota d'água.

ANTONIETA – Com essa sensibilidade e teimosia, cê tá na profissão errada. Tenho experiência, Rudi. Sei do que tou falando, eu. Pra fazer teatro, a gente tem de engolir sapo. Tem de aprender a lidar com os egos, como vocês dizem.

RODOLFO – Quem vai lidar com o meu?

ANTONIETA – Isso vem depois. Se você tiver sorte. Se for teimoso. De cada mil que querem fazer teatro, dez conseguem. É duro, meu filho. Vocês todos são muito jovens. Isso não faz bem. A juventude é um problema. Vamos lá pra casa.

CENA 3

(Apartamento de Luísa)

42 PEDRO e Luísa acabam de transar. Passaram-se talvez dois anos. Ambos estão mais maduros. Isso deve ser denotado pela atitude, pelo comportamento dos atores, não por recursos de maquiagem que resultam ridículos.

LUÍSA *(Levanta-se)* – E então?

PEDRO *(Ainda deitado)* – Então foi ótimo. É impressionante como, depois de todo esse tempo, a gente se entende bem na cama. É uma coisa de pele, Lulu.

LUÍSA *(Nervosa, mas contendo a impaciência)* – Não é disso que eu tava falando.

PEDRO – Como não? Tem alguma coisa mais importante? *(Senta-se na cama. Veste a cueca. Vai para o banheiro. Ouve-se barulho de água)*

(Há algum jazz no aparelho de som. Luísa ouve, atenta a cada movimento de Pedro. Quando ele sai do banheiro ela o olha, interrogativa. Ele se aproxima)

PEDRO – Você não me respondeu. Tem alguma coisa mais importante que isso? *(Aponta para si e para Luísa)*

LUÍSA *(Simpática, mas irônica)* – Não, claro que não. Os teus namorados e namoradas que o digam.

PEDRO *(Sorrindo)* – Ainda bem que você não quis casar comigo quando eu pedi.

LUÍSA – Não sou louca. Cê tava bêbado. Na cara que não ia dar certo.

43

PEDRO – Mas a gente sempre acaba na cama.

LUÍSA – Sempre não. Vez por outra. Por isso que é tão bom.

PEDRO – Ah, então você concorda que...

LUÍSA – Não foge do assunto.

PEDRO – Que assunto?

LUÍSA – Esqueceu o que veio fazer aqui? A gente combinou tomar uma decisão importante hoje. Tá lembrado?

PEDRO – Eu queria pensar melhor.

LUÍSA – Pensar no quê, homem?

PEDRO – Não sei se tou pronto pra sair do grupo.

LUÍSA – Mas falamos disso há meses. Vai por mim. Essa peça da Laura é um achado. Produção barata. Só nós em cena. Tenho um pouco de nome por causa da novela. Você tem esse prestígio de só fazer teatro, de ganhar prêmio. O texto é a nossa cara, Pedro. A gente vai faturar um rio de dinheiro.

44 PEDRO – Não sei se é isso que eu quero, Luísa. O Marco...

LUÍSA – Cada ensaio é uma briga. Não vem dizer que não.

PEDRO – Pode ser.

LUÍSA – Você vive reclamando. Quantas vezes não falou de fazer uma peça só comigo, de dirigir? Aparece a chance, e o senhor tira da seringa. Tenha a santa paciência.

PEDRO – Não sei, Lu. É complicado. Eu e Marco. A gente fez tudo junto até hoje. Cê falou dos prêmios. Ganhamos juntos. Nós três.

LUÍSA – Olha, cê vai ter que decidir. Eu já resolvi.

PEDRO – E se eu disser não?

LUÍSA – Já tenho gente em mira. Até um cara da Globo. Maior sucesso em novela.

PEDRO – Ah, quer dizer que você...

LUÍSA – Tou te achando hesitante faz tempo. Quero outra vida pra mim, Pedro. Fazer os papéis que gosto, não os que o Marco acha que eu devo fazer.

PEDRO – Até hoje você foi só protagonista. Ele montou peça pra você, por sua causa.

45

LUÍSA – Eu não pedi. Quem disse que queria fazer o chato do Botho Strauss? Quero tomar minhas decisões. Não vou fazer peça de nenhum escritor checo, esloveno, cara que ninguém conhece, só porque Marco é metido a intelectual e quer elogio no jornal. Vou fazer comédia brasileira. E ganhar dinheiro.

PEDRO – E grana pra produção da peça da Laura, você tem? Eu, não.

LUÍSA – Tou correndo atrás, meu filho. Pode deixar.

CENA 4

(Gabinete do banqueiro. Algum acessório, uma luminária, uma cadeira, dá de imediato a noção do poder. O banqueiro está só. Refinamento. Arrogância ilimitada. Toca um interfone, voz feminina em off diz palavras engroladas)

BANQUEIRO – Pode mandar entrar.

LUÍSA *(Faz gênero elegante, sensual)* – Com licença.

BANQUEIRO – Sente-se, por favor.

46 LUÍSA – Eu vim aqui porque...

BANQUEIRO – Sei por que a senhora veio. Se não soubesse, não estaria sentada aí. Posso oferecer alguma coisa? Uísque?

LUÍSA – No meio do dia?

BANQUEIRO – Dizem que os artistas são...

LUÍSA – Aliás, eu nem bebo. Muito obrigada. Mas veja, doutor. Meu projeto.

BANQUEIRO – Eu sei qual o projeto. Quer dinheiro para produzir uma peça dessa escritora comunista.

LUÍSA – Laura não é.

BANQUEIRO – Como não? Tenho informações. Não estou interessado nessa peça.

LUÍSA – Então, que é que eu vim fazer aqui?

BANQUEIRO – Estou interessado na senhora, dona Luísa. Vi alguns capítulos daquela novela. Minha filha é sua fã. Mandou 200 cartas pra emissora. A senhora não respondeu.

LUÍSA – Não sabia. Falta de tempo.

BANQUEIRO – Isso não importa. Quando vi a senhora na novela, gostei. Não entendo nada disso (*discretíssimo tom de nojo*) de arte, de teatro. Minha mulher, a menina, são elas que gostam. Quando soube que a senhora tinha entrado com pedido de financiamento no banco, pensei: *Chegou a hora*.

47

LUÍSA – Hora de quê?

BANQUEIRO – De conhecer a senhora melhor.

LUÍSA (*Faz-se de sonsa*) – Não estou entendendo.

BANQUEIRO – Vai entender. Eu até poderia entrar com algum dinheiro nesse seu projeto de fazer a peça da comunista.

LUÍSA – Desde quê?

BANQUEIRO – Em primeiro lugar, não quero que o nome do banco apareça. Nem o meu. É um empréstimo que vem de um fundo paralelo.

LUÍSA – Por quê?

BANQUEIRO – Já disse. Gostei da senhora na televisão. Esse seu tipo estranho, um pouco rude, tem alguma coisa que... Enfim, queria conhecer melhor a senhora.

LUÍSA (*Não tem mais como fugir da cantada. Para. Pensa. Diz, tom de dúvida:*) – Como vou pagar esse empréstimo?

48

BANQUEIRO – Juros de mercado. Boas condições. Podemos combinar em um jantar.

LUÍSA – Se não se incomodar, gostaria de saber agora.

BANQUEIRO – Não vai ser nenhuma exorbitância.

LUÍSA – Essas promissórias, eu sei como são cobradas.

BANQUEIRO – A senhora não me entendeu.

LUÍSA – Entendi perfeitamente. Poderia fazer um escândalo.

BANQUEIRO (*Pausa. Observa Luísa. Diz, imper-
turbável:*) – Seria sua palavra contra a minha.
Agora, queira sair. Eu me enganei. Pensei que...

LUÍSA – Espera aí, doutor. Não me entenda mal.
(*Olha para ele, muito séria*) Nós vamos fazer
negócio. Quem disse que não?

BANQUEIRO – Mas a senhora.

LUÍSA – Eu falei que *poderia* fazer um escândalo.
Mas não vou. (*Aproxima-se do banqueiro. Este,
sentindo que perde a iniciativa, dá um passo
atrás, um pouco sem graça*) Quando recebo o di-
nheiro? E quando vence a primeira prestação?

49

BANQUEIRO – Bem... Eu... Vamos conversar
melhor.

LUÍSA (*Aproximando-se mais*) – Não vai querer
que eu pague antes de receber, vai?

BANQUEIRO – Minha senhora, aqui, não!

CENA 5

(*Sala de ensaios*)

Cadeiras, uma mesa de maquilagem, Júnia e
Pedro em cena. Ensaiam a última saída de Regi-

na em *Espectros*, de Ibsen. A um canto, Marco observa.

JÚNIA (*Como Regina, criada da Sra. Alving e filha natural de seu falecido marido*) – Pois eu vou me apressar para pegar o vapor. É fácil convencer o pastor, sempre tão amável, e acho que tenho o mesmo direito ao dinheiro que esse... carpinteiro repugnante.

ANTONIETA (*Como Sra. Alving*) – Ninguém vai negar isso a você, Regina.

50 JÚNIA (*Como Regina, que lança um olhar duro para a Sra. Alving*) – A senhora poderia ter me educado como filha de um homem de classe: isso teria sido justo. Bah! Pra mim dá na mesma. Afinal, não haverá nada de mais se um dia eu acabar tomando champanha com gente da alta.

MARCO (*Interrompendo*) – Júnia, tá muito dengosa. Não é isso. Regina descobriu que é irmã do filho dessa mulher. Tinha direito a herança, mas se fodeu. Vai se vingar, agredir.

JÚNIA – Marco, tou fazendo o melhor que posso. Não entendo o que você quer.

MARCO – Tutano, porra. Regina enfrenta essa mulher e o filho. O rapaz tava a fim de comer

ela, e era meio-irmão. Pra Regina, agora tanto faz. Tá pouco se importando.

ANTONIETA – E se ela mudar de lado, se entrar pela direita?

MARCO – Não é mudando de lado que ela vai sacar as coisas!

JÚNIA – Eu não sei o que vocês querem de mim.

MARCO – Quero que você entenda o que tá fazendo. Não repete feito um papagaio o que eu mostro. Pensa pela tua própria cabeça. É tão difícil? Dói?

PEDRO – Será que dá pra fazer um pipi, enquanto vocês discutem?

51

MARCO – Pedro, pelamordedeus, não brinca. Isso não tem graça. (*Pequena pausa*) Júnia, a Regina é muito importante nessa peça. É uma grande chance que você tem de...

JÚNIA – Eu sei da chance que você está me dando. Apesar de forçado.

ANTONIETA – Júnia, é sério.

JÚNIA – Não tou brincando. Tenho sentimentos, também. Vocês sempre me tratam como se eu fosse uma coisa, uma... uma burra.

ANTONIETA – Imagina. Nunca fiz isso.

MARCO – Júnia, vamos ensaiar.

JÚNIA – Não entendo o que você quer, Marco. Mas não sou burra.

MARCO – Gente, vamos ensaiar.

JÚNIA – Até você, Nieta, de vez em quando.

MARCO (*Berra*) – Vamos ensaiar, porra.

(*Júnia volta para a marca tensa, irritada*)

52 PEDRO – É melhor dar um tempo, não acha? Cinco minutos. Vamos voltar ao normal.

MARCO – Eu não saí do normal. Não se meta.

PEDRO – Pô, Marco.

MARCO – É isso mesmo. Eu sou o diretor. (*Pequena pausa*) Júnia, se você quer saber, claro, o papel era da Luísa. Mas ela foi embora. E nós estamos aqui. Você gostou quando te escalei pra Regina. Mas se fizer, vai ter de entender o que quero. E não é o que você está fazendo. Vai ter de trabalhar muito. Quer tentar?

JÚNIA (*Entredentes*) – Sim.

MARCO – Do meu jeito?

JÚNIA – Sim.

MARCO – Sem chorar?

JÚNIA – Sim.

MARCO – Sem fazer cena e encher o saco?

JÚNIA – Sim.

MARCO – Não ouvi o que você disse.

JÚNIA (*Resmunga*) – Sim, eu disse sim.

53

MARCO – Tá bom. Agora lavar a cara, assoa o nariz e volta pra gente ensaiar.

JÚNIA – Sim. (*Sai*)

PEDRO (*Vai até a garrafa térmica. Serve-se de café*) – Marco, você não precisava.

MARCO – Precisava, sim. Ela não tá fazendo nem quer fazer o papel.

ANTONIETA – Júnia é tão...

MARCO – Tão o quê, madre Teresa?

PEDRO – Tão despreparada.

ANTONIETA – Ia dizer frágil.

MARCO – Foi uma bosta Luísa ter saído. Aham que tou feliz? Não tou, não. Mas temos estreia marcada. Devemos dinheiro. Pensam que faço isso com Júnia por quê? Não sou bicho-papão, caralho. Ela tem de acordar. Tá toda errada e não quer ver.

ANTONIETA – Desculpa, Marco, não quero me meter. Você sabe que diretor eu respeito. É um princípio. Sempre, a vida toda.

54

MARCO (*Interrompe*) – Eu sei, Antonieta.

ANTONIETA (*Sem pausa*) – Mas quem sabe com um pouco mais de jeitinho.

MARCO – Alguém alguma vez te tratou com jeitinho? Teatro não é lugar de jeitinho, Nieta. Jeitinho é coisa de político. Teatro é de verdade, minha filha, é pra valer. Aqui sujeito tem de pegar o touro a unha. Ou essa bosta toda vai pro ralo.

PEDRO – Se ela tá tão ruim, por que você não põe outra?

MARCO – Pensam que não convidei? As três que chamei não toparam. Por mil razões.

PEDRO – Nem comentou isso comigo.

MARCO – Porque cê tem uma queda pela Júnia. Sou o único com a cabeça no lugar, aqui. (*Grita para dentro*) E aí, Jujú? Vamos ensaiar ou não?

JÚNIA (*De fora*) – Sim.

CENA 6

(*Camarim de Luísa*)

(Ao fundo um cartaz enorme, foto de Luísa em pose sedutora ao lado de um ator vistoso, tipo jovem galã de novela, ar viril, sob os dizeres *Quando Elas Sabem Mais, com Luísa Sabará*. Embaixo, menor, mas bem legível: *Estrela da novela O Anjo da Sarjeta, e Ator convidado: Reginaldo Ruy*. Em uma tarja, em letras garrafais, *18 meses em cartaz, 200 mil espectadores*. Luísa tira a maquilagem e fala com a Administradora)

LUÍSA – Como foi hoje?

ADMINISTRADORA – Que você acha? Casa lotada.

LUÍSA – Tinha lugar vago nas últimas filas.

ADMINISTRADORA – Nas últimas, minha filha. Só. O resto do teatro estava cheio.

LUÍSA (*Não ouve o que a administradora diz. Acende um cigarro*) – Precisa reforçar a publicidade. Umas entrevistas na televisão. Revistas. Seria bom a *Veja*.

ADMINISTRADORA – Voltamos pra cidade faz dois meses e deram um monte de matérias. Não vão dar mais espaço agora. Só se...

LUÍSA – O quê?

56 ADMINISTRADORA – Um escândalo, coisa assim. Casa com Reginaldo Ruy.

LUÍSA – Eu! Não chega aguentar a besta no palco, ainda quer que case com ele?

ADMINISTRADORA – Não quero nada. Você é que quer aparecer.

LUÍSA – Mesmo que estivesse louca, comendo grama, e quisesse casar com Reginaldo, acha que o viado ia largar esse monte de homens que vêm atrás dele todo dia? Não sei onde arruma tantos, se é que isso é homem. Nossa! Tenho nojo dessa raça.

ADMINISTRADORA – Por isso todos teus amigos são *gays*? Escuta, cê não quer publicidade? Arranja uma festa de casamento. Publicidade à pampa. Depois cada um leva sua vida.

(Batem à porta)

LUÍSA – Vê quem é, minha nega?

PEDRO *(Entrando sem esperar que abram)* – Agora é assim? *Ve quem é, minha nega?*

LUÍSA *(Pulando da cadeira e beijando Pedro)* – Meu amor! Cê tava aí?

PEDRO – Sim senhora, hoje deu pra te ver.

57

LUÍSA – Até que enfim, né?

PEDRO – E não estou sozinho.

RODOLFO *(Entrando)* – Olá.

LUÍSA *(Depois de beijá-lo)* – Rudi, meu doce. Que bom te ver.

ADMINISTRADORA – Bom, com licença. Vou até a bilheteria. Já volto.

LUÍSA *(Para Pedro e Rodolfo)* – Então, que acharam? O texto não é bárbaro?

PEDRO (*Sem muita convicção*) – É.

LUÍSA (*Para Pedro*) – Pensar que cê podia ter entrado nessa comigo. Fiz minha independência financeira.

PEDRO (*Sorri*) – Não me arrependo.

LUÍSA (*Sorri também*) – Claro. Não teria ganho o monte de prêmios que levou pra casa com *Os Espectros*. Você e Antonieta, quem diria, Antonieta. Lembra dos ensaios de *Electra*, da asma? Como ela enchia o saco. Um poço de saúde, e ficava torrando por causa da asma. (*Ri. Pedro também*)

58

PEDRO – Torra até hoje.

LUÍSA (*Cortando o assunto, volta-se para Rudi*) – E você, Rudi, que achou?

RODOLFO – O texto é podre, não gostei, não. Gostei foi de você.

LUÍSA (*Esfriando*) – Todo mundo adorou a peça.

PEDRO – Lu, não viemos aqui pra discutir o texto da Laura. (*Hesita*) Queremos te fazer um convite. Não sei se você vai topa. Eu gostaria muito.

LUÍSA (*Desconfiada*) – Convite pra quê? Rudi já chega dando pedrada.

RODOLFO – Imagina. Só porque eu não gostei da peça? É que você merece coisa melhor. Isso que esse moço veio dizer.

LUÍSA – Laura ganhou o prêmio da crítica.

RODOLFO – Grande merda. Depois de todos esses anos, você ainda leva crítica a sério?

PEDRO (*Interrompendo*) – Lu, queríamos que você voltasse.

LUÍSA – Fazer o quê?

PEDRO – *Leonor de Mendonça*.

59

LUÍSA – Estão loucos. Quem vai querer ver Gonçalves Dias? Uma coisa pesada daquelas. Tá todo mundo a fim de rir. É falta de grana, inflação adoidada, desemprego, corrupção. Quando neguinho sai de noite, se sai, quer rir.

PEDRO – Marco tem ideias geniais. Vai ficar um puta espetáculo. Pode crer.

LUÍSA – Estou indo tão bem.

RUDI – Vai conversar com Marco.

LUÍSA – Ele parou de falar mal de mim?

PEDRO – Tá te convidando pra fazer o papel.

LUÍSA – A peça vai bem. Estou na novela. Não ia nem ter jeito de ensaiar.

RODOLFO – Conversa com Marco.

LUÍSA – Por que ele não veio?

PEDRO – Você não sabe como é? Uma criança. Mas vale a pena, Luísa. (*Pausa*) Bom, acaba de se arrumar. Quer jantar no Giggetto?

LUÍSA – Me dá dez minutos. Espera aí fora.

60 RODOLFO – Então, té já. (*Sai com Pedro*)

ADMINISTRADORA (*Entrando*) – Pode ser uma boa.

LUÍSA – O quê?

ADMINISTRADORA – Você trabalhar com eles.

LUÍSA – Tava escutando atrás da porta?

ADMINISTRADORA – Claro. Senão, como ia te aconselhar? A peça da Laura já deu o que tinha de dar. Você vai renegociar contrato do Reginaldo Ruy mês que vem. Ele faz sucesso na novela das nove e quer mais grana. Não vale. Pro que

fazemos de bilheteria, não vale. Propõe um acordo e se manda. Cê tá fazendo novela, sai de um sucesso de casa lotada de 18 meses. Que tem a perder? Mete a cara. Outra hora volta com a peça.

LUÍSA – É, isso é.

ADMINISTRADORA – Vamos lá, não seja boba.

LUÍSA – E você?

ADMINISTRADORA – Fico como secretária. Administro tua agenda.

LUÍSA – Vai ser bom não precisar pensar no monte de pepinos de uma produção.

61

ADMINISTRADORA – Então, está decidido. Não queria notícia? Já tem. Luísa Sabará volta ao Teatro das Ilusões Perdidas. Se isso não é notícia, corto o saco. *(As duas riem)*

CENA 7

(Palco de teatro com pedaços de cenário de Leonor de Mendonça)

MARCO – É um pouco mais pra trás, Pedro. *(Pedro coloca-se na posição)* Aí, perfeito. Não se mexe nunca mais. Agora entra, Luísa.

(Luísa não entra. Pausa)

PEDRO (*Na marca do duque, fala para fora*) – Lu, é a tua vez.

RODOLFO (*Entrando, atarefado, com um centímetro no pescoço e porta-alfinetes de pulso, do tipo que alfaiates usam*) – Ela agora não pode. Tá provando a roupa.

MARCO – Assim não dá. Ou ensaia ou prova roupa. Faz isso outra hora. (*Berra para fora*) Luísa, vamos lá.

62 RODOLFO – É a hora que as costureiras têm. Pagando o que paga, quer o quê?

MARCO (*Irritado*) – Tá bom. (*Rodolfo sai. Marco sacode a cabeça, vira-se para Pedro*) Preciso te dizer uma coisa. O duque tá muito exuberante.

PEDRO – É uma tragédia.

MARCO – Um drama romântico.

PEDRO – Mais impetuoso ainda.

MARCO – O texto é operístico. Se você acentuar, fica uma overdose.

PEDRO – Onde eu diminuo?

MARCO – A coisa tá séria no último ato, na cena final. Modula.

PEDRO – O cara vai matar a mulher por um adultério que não aconteceu. O padre garante a inocência dela. O duque não escuta. Nenhum carrasco executa a duquesa. Ele faz o serviço em pessoa. Sai arrastando a coitada, berrando *Morrereis, morrereis*. Se isso não pede ênfase, não entendo porra nenhuma de teatro.

MARCO – Quero ênfase ao contrário. É sinistro, não gritado.

PEDRO – Ele é um monstro.

63

MARCO – Vive de acordo com regras que ele mesmo faz. Tem de ser monstro pros outros, não pra si mesmo. É produto do que ensinaram pra ele.

PEDRO – Tá bom, vamos tentar.

MARCO – Rudi, é pra hoje essa prova?

RODOLFO (*Voz off, vinda de cima*) – Já vai, já vai.

JÚNIA (*Entrando*) – Marco, telefone.

MARCO – Agora, não.

JÚNIA – É a administradora. Urgente. Sobre o pedido de verba que vocês fizeram pra secretaria. Parece que saiu a resposta. Mas tem um rolo. Ela precisa falar com você.

MARCO – Tá bom. Volto em um minuto.

PEDRO – Vou até o camarim pegar um cigarro.

MARCO (*Para Pedro*) – Vem comigo.

JÚNIA fica sozinha no palco. Entra Luísa vestida de Leonor de Mendonça.

64 LUÍSA – Pronto, Marco. Eis-me aqui, senhor. (*Dá um giro, mostrando-se, para, percebe que só Júnia a observa*)

JÚNIA – Oi.

LUÍSA – Oi.

JÚNIA – A gente quase não se fala, desde que você voltou.

LUÍSA – Tanta correria, a novela, os ensaios.

JÚNIA – Não me quiseram.

LUÍSA – Quem?

JÚNIA – A televisão. Fiz teste. Pra essa sua novela. Nem responderam. Ficou naquela coisa, se

precisar a gente chama você. Semanas esperei o telefonema, até que descobri que já tinham começado as gravações.

LUÍSA – Eu não sabia. Se você tivesse me procurado.

JÚNIA – Não gosto de dever favor.

LUÍSA – Não seria nenhum favor.

JÚNIA – E agora você volta aqui e pega o meu papel.

LUÍSA – Como assim?

JÚNIA – Eu herdei teus papéis. Fiz a Regina dos *Espectros*, fiz *Simone Machard*, e agora você vem e pega o meu papel...

LUÍSA – Júnia, eu não *vim*. Fui chamada pelo Marco. Pensei que todos estivessem de acordo. Não sabia que você.

JÚNIA – Não sabia, não sabia... Claro que sabia.

LUÍSA – Lógico que não.

JÚNIA – Luísa, depois de eu fazer duas heroínas você acha que fiquei supersatisfeita de pegar agora um papel de merda?

LUÍSA – Antonieta também está fazendo um papel pequeno.

JÚNIA – Paula é um puta papel. Camareira da duquesa, tá em cena o tempo todo. Eu sou quase uma figurante.

LUÍSA – Escuta, fui convidada pro papel. Você tem de conversar com Marco.

JÚNIA – Pensa que não falei com ele?

LUÍSA – E o que ele disse?

JÚNIA – Que eu não tinha peso pra fazer Leonor.

66

LUÍSA – Engorda.

JÚNIA (*Sem achar a menor graça*) – Ele não gosta de mim.

LUÍSA – Como você sabe?

JÚNIA – Não gosta de mim nem como atriz nem como mulher.

LUÍSA – Quem disse?

JÚNIA – O que você acha? Faz anos que tento trepar com o Marco. Nunca deu certo. E sei que ele não é viado. Com aquela bicha do Pedro, fui

pra cama. *(Reação discreta de desprazer de Luísa)*
Com Marco, que amei minha vida toda, nunca,
nunquinha. Por que não dá certo?

LUÍSA – Como vou saber? Por que você tá me
contando tudo isso?

JÚNIA – Antigamente, a gente era amiga.

LUÍSA – Ainda sou sua amiga.

JÚNIA – Prova.

LUÍSA – Como?

JÚNIA – Vai embora. Larga o papel pra mim. Cê
tem tudo que quer. Eu sou uma fudida. Foi só
você aparecer, Marco esqueceu que eu segurei
essa barra enquanto a senhora viajava pelo Brasil
com seu galãzinho, Reginaldo Ruy. Garoto boni-
to, o Reginaldo Ruy. Um tesão. É bom de cama?
Todo mundo sabe que você comeu ele o quanto
quis. Diz, ele é bom? Te comeu gostoso?

LUÍSA – Vai te foder. *(Sai. Júnia vai atrás, falan-
do sem parar, repetindo trechos desconexos da
última fala. Luísa volta, dá-lhe um tapa na cara,
vira as costas e sai de novo, deixando Júnia,
enfim, muda)*

CENA 8

(Mesa de debates em teatro quase vazio. Marco, Crítico, Jornalista/Mediador)

CRÍTICO – Concluindo: apesar de ter tudo contra si, o teatro brasileiro sabe encontrar seus caminhos. Fez isso até agora, e vai continuar a fazer no próximo milênio.

MARCO *(Para crítico)* – Desculpa, mas isso é uma papagaiada.

68

CRÍTICO – Papagaiada como? *(Para jornalista)* O que está em debate não são os rumos do teatro brasileiro no fim do milênio?

JORNALISTA *(Sem saber a quem dar razão)* – Marco, você devia ter pedido a palavra.

MARCO – Isso é o de menos. *(Para crítico)* Cê pinta um quadro rosa. Cadê a censura econômica, no seu discurso? Cê disse que teatro é emocionante. É. Que ele resistiu à repressão, à ditadura, que vai resistir ao neoliberalismo. Pode ser. Mas como? À custa do sangue dos artistas? Muito obrigado. Dispensou.

CRÍTICO – Você não prestou atenção. Comecei e concluí minha fala apontando as dificuldades

monumentais. Reconheço que as condições são as mais adversas e...

MARCO – Mas não se trata de condições adversas. É muito mais. É a falta de uma política pra cultura. A gente produz com um puta sacrifício, pra vocês, os senhores críticos, cagarem e andarem. Não tão nem aí pra teatro.

CRÍTICO – Como não? Amo teatro. Há anos que...

MARCO – Ama de fora. Os problemas não te atingem. Se um dia o teatro acabar, você escreve sobre outra coisa e ganha salário. Pra gente, se o teatro acabar, acaba a vida.

JORNALISTA – Gente, por favor, vamos nos manter dentro do...

CRÍTICO – Se o teatro acabar, também acabo. E mais, sabe quanto ganha um crítico por matéria? Em que condições eu e meus colegas trabalhamos? Já parou pra pensar nisso? A gente paga pra trabalhar, Marco. Lutamos contra o espaço cada vez menor, editores que não estão nem aí pra teatro.

MARCO – Vocês tão perdendo importância.

CRÍTICO – O teatro está perdendo importância. Crítica é reflexo do teatro e... *(Para. Olha firme*

para Marco) Pra vocês é tão fácil. Nós somos os eternos bodes expiatórios. Tudo bem. Até entendo. Mas, e a quantidade de porcarias que vamos ver toda semana? Quantas montagens são lixo? 80%? Mais? E mesmo os bons, são santos? Vocês, por exemplo. O que seu grupo fez pela dramaturgia brasileira? Todos os seus grandes sucessos foram com textos estrangeiros. Clássicos, mas estrangeiros.

MARCO – (*Pego de surpresa*) Montamos Gonçalves Dias, aquele Nelson Rodrigues.

CRÍTICO – E que mais?

70

MARCO – Estreamos com um brasileiro. *Electra* foi adaptada pelo Vico Silveira.

CRÍTICO – Que graças a Deus largou o teatro e foi pra publicidade.

MARCO – Tamos montando um musical brasileiro. E fizemos leituras dramáticas.

CRÍTICO – Leitura não é espetáculo. Mas não estou te acusando de nada. Quero dizer que cada um faz o que dá pra fazer, só isso.

MARCO – Estamos pensando em um concurso nacional de dramaturgia. (*Ele acaba de ter a*

ideia, mas tenta aparentar o contrário) Há anos que queremos fazer isso, e...

JORNALISTA – Assim não vamos a lugar nenhum. Gostaria de voltar ao tema do debate.

MARCO – Desculpe o mau jeito. *(Passa a mão pelos cabelos, bufando)* É que hoje foi suspenso o patrocínio do banco pra *Longa Vida aos Cabanos!*, a peça que estamos montando. Não sei se sabem, é um puta musical, trilha dos cobras da MPB, de Chico Buarque a Renato Russo. Um ano de trabalho no lixo. Faltavam três semanas pra estreia. Cenários e figurinos em cima, teatro alugado. *(Para crítico)* Disso é que você não falou.

71

CRÍTICO – Tenha paciência, Marco. Só agora estou sabendo.

MARCO – Não é só nosso caso. Quantas produções foram afundadas nos últimos anos? A gente não ensaia mais. Corre atrás de dinheiro, dessas merdas de leis de incentivo. O artista tá virando burocrata. Conhece de cor a bosta da lei, mas, se ganha uma grana pra fazer um projeto, não sabe o que dizer pro público. Perdeu a sintonia. Não tá mais antenado. Você diz que o teatro vai encontrar caminhos. Que caminhos? Só se forem os do *marketing*.

CRÍTICO – Pois eu proponho que a atitude do banco seja denunciada. Por que não fazer um documento para levar às autoridades, ao público?

MARCO – Cara, cê é ridículo.

CRÍTICO – Marco, se não tentar, nunca vai saber.

MARCO – Sei é que tá tudo errado. Alguém faz ideia de quanto ganha um ator?

JORNALISTA (*Para o público*) – A plateia tem alguma pergunta? Se não, vou dar a sessão por encerrada, porque atingimos um impasse e...

72 CRÍTICO – Como? E minha proposta? Não acham importante tirar o documento?

MARCO – Pra quê? O banco é dono do dinheiro. Rompeu contrato, vai pagar multa. A gente zera as dívidas sem ganhar um puto por todo nosso trampo. Também, que ilusão achar que um banco ia patrocinar uma montagem sobre mulatos e pobres que fizeram uma revolução no Nordeste, no século 19. Mas foda-se o banco. Vamos atrás de outros patrocínios. (*Para a jornalista*) E você pode encerrar a sessão. Tá louca pra fazer isso.

JORNALISTA (*Algo constrangida, mas aliviada por ter escapado da situação incômoda*) – Então,

acho que me resta agradecer a presença de todos e encerrar este debate que...

CENA 9

(Sala na casa de Antonieta)

ANTONIETA – Sinceramente, você chora de barriga cheia.

JÚNIA – Desde que aquela fulana voltou, eu não tenho mais lugar na companhia.

ANTONIETA – Como não? Tem sempre papel de destaque.

73

JÚNIA – É. De empregada. Pode, eu fazendo empregada?

ANTONIETA – Mas meu amor, a ingênua e a criadinha são os melhores papéis da peça.

JÚNIA – Você tem sorte, Antonieta. Fica aqui, sossegada, com seu marido. Os filhos já tão quase grandes. Quando tem papel você faz, quando não tem, não se aperta.

ANTONIETA – Jujú, você não sabe o que tá falando. Tem a cabeça no mundo da lua? Acaba de fazer um filme com Cacá Diegues.

JÚNIA – E daí? Ninguém vai ver. Com essa puta crise da Embrafilme, não sei quando vão distribuir essa merda.

ANTONIETA – Você vai pra próxima novela da Globo, no horário nobre, tá com um papel bom na peça do grupo. Que mais quer?

JÚNIA – Eu queria que minha vida desse certo. Tá sempre tudo errado.

ANTONIETA – Você não para de trabalhar.

JÚNIA – Coisa de segunda. Só coadjuvante.

74 ANTONIETA – Mas em teatro não é isso que importa, minha filha. Interessa o trabalho em conjunto. Pra que ser tão dura com você mesma? Não passa de uma grande vaidosa.

JÚNIA – Vaidosa? Porque quero ser a melhor você me chama de vaidosa. Isso não é vaidade, é ambição. Eu quero mais do que me dão, eu quero mais do que tenho. Você é que não passa de uma acomodada, de uma, de uma panaca. Tudo tá bom pra você, nunca vi ninguém assim. Parece barata. Não tem sangue na veia, mulher?

ANTONIETA – Júnia, não pensa que você me ofende. Eu conheço o valor do meu trabalho. E

sei que não é me roendo o fígado nem enchendo a paciência das minhas poucas amigas que vou conseguir o que não tenho. Respeita os outros, Júnia, respeita a Luísa.

JÚNIA – Respeitar aquela vaca? Tá louca? Quer saber, Nieta? Odeio Luísa. Por que tinha de voltar?

ANTONIETA – Não faz assim, minha filha.

JÚNIA – Odeio ela, odeio. Um dia vocês vão ver. Vou ser a melhor de todas.

ANTONIETA – Jujú, por que você se atormenta tanto? Por que tudo tem de ser tão difícil? Cê nunca consegue se sentir bem?

75

JÚNIA – Não fica tendo pena de mim. Abomino quando sentem pena de mim. Vim aqui porque pensei que a gente era amigas. Pode deixar. Tou indo embora.

CENA 10

(Casa de Marco)

(Marco e a mãe. A mãe serve comida, que ele come com apetite. Ela o olha com ternura enquanto serze meias. Um jazz pulsante ao fundo)

MÃE (*Suspira*) – Você precisa encontrar uma boa moça e casar, filho. Nesse seu meio, elas são todas tão...

MARCO – Mãe.

MÃE – Pensa que eu não me preocupo? Quem vai cuidar de você depois que eu... Você é tão avoado. Parece um menino. Arranja uma boa moça. Tanto queria netos.

MARCO – Sei me cuidar, mãe. Não tenho tempo pra casamento. Sobre crianças, bem... Meus filhos são minhas direções. E com mulheres, me arranho sem casar.

76

MÃE – Não sabe pregar botão. Se me acontece alguma coisa, como vai fazer pra...?

MARCO (*Irritado, corta*) – Mãe, não vai te acontecer nada.

CENA 11

(*Casa de Pedro*)

PEDRO – Pega um cigarro pra mim?

(*Vulto na cama, coberto pelo lençol, não diz nada, só resmunga*)

PEDRO – Vai, poxa. Tou com preguiça.

VULTO – Tá bom, pô. Mas vê se não abusa.
(Vulto sai de baixo do lençol. É um garoto nu. Atravessa o quarto, pega um cigarro, volta com ele aceso)

PEDRO – Por mim, as semanas seriam sempre de segundas-feiras.

MICHÊ – Você, meu bródi, é um preguiçoso, isso sim.

PEDRO – Tão bom quando a gente não tem de trabalhar.

77

MICHÊ – Quando a peça nova estreia?

PEDRO – Em dois meses.

MICHÊ – Por que você nunca me deixa ir no ensaio, bródi?

PEDRO – Sei lá. A gente não costuma. Além do mais...

MICHÊ – Vai ver que lá no teu teatro não sabem do que você gosta.

PEDRO – *(Incomodado)* O quê?

MICHÊ – Vai ver, não sabem. Não têm nem ideia que quando apaga a luz, você, que já encheu o cu de prêmio (*aponta para uma prateleira com troféus*), gosta mesmo é de...

PEDRO – Cala a boca, porra.

MICHÊ – Não precisa gritá, mano.

PEDRO – Não tou gritando. Mas essa é uma brincadeira muito besta.

MICHÊ – E se não fosse brincadeira? Já pensou? Se eu desse de falar que você é meu freguês faz ó de tempo, que vai lá quase toda noite me buscar. Se eu contar o que a gente faz na cama. Os baseado, as coisa esquisita que cê curte adoidado.

78

PEDRO – Só de vez em quando.

MICHÊ – E daí, bródi? Isso ninguém precisa saber.

PEDRO – Não brinca.

MICHÊ – Eu dava a vida pra... Já pensou? Saía no jornal, não saía? Pedro, o grande artista com o cu cheio de prêmio, gosta mesmo é de...

PEDRO (*Agora berra, sério*) – Cala a boca.

MICHÊ – Ficou nervosinho, bródi?

PEDRO (*Ameaçador*) – Cala a boca.

MICHÊ – Tá bom, tá bom.

PEDRO – Vai embora.

MICHÊ – Era só brincaderinha.

PEDRO – Vai embora daqui, cara. Não vou dizer duas vezes.

MICHÊ – Esquece. Foi bobagem. Não vamos brigar por...

79

PEDRO – Vai embora daqui, vai embora. Chega.

MICHÊ – Pô, a bicha não curte uma brincadera..

PEDRO – Vai embora. Não me aparece mais. E olha, se você tentar alguma coisa...

MICHÊ – Vai fazer o quê? Sair gritando? Eu acabo com você.

PEDRO, num salto ágil, levanta-se, pega o menino e torce-lhe o braço.

MICHÊ – Larga, tá me machucando.

PEDRO – Cê não me conhece, garoto, não sabe do que eu sou capaz. Tou dizendo: vai embora, não volta mais, nem passa no meu caminho. *(Solta o braço do michê e empurra-o em direção à porta)*

CENA 12

(Sala de ensaios)

(A trupe faz leitura de mesa da primeira cena do aviador de A Alma Boa de Se-Tsuan, de Bertolt Brecht)

80 LUÍSA *(Que faz a prostituta Chen Te)* – Não sei onde estava com a cabeça quando concordei em fazer esse papel.

MARCO – O que foi?

LUÍSA – Primeiro, não sei se alguém quer ver uma peça do Brecht hoje. Depois, são quilômetros de texto pra decorar. A estreia tá muito perto. Eu não vou dar conta.

PEDRO – Claro que vai.

JÚNIA – Se quiser trocar de papel comigo, não me incomode. Não tenho quase nada pra decorar. Aliás, não tenho quase nada pra fazer neste grupo.

ANTONIETA – Ê, Jujú. Cê não se emenda.

MARCO – Vamos ler o texto?

PEDRO – É engraçado.

RODOLFO – O quê?

MARCO – Vamos lá, gente?

PEDRO – Isso (*aponta em volta*), a gente começar a ensaiar uma produção nova. É sempre diferente e sempre a mesma coisa.

RODOLFO – Eu sei o que você quer dizer.

81

LUÍSA – Eu também, muito bem.

MARCO – Que é isso? Chá de cozinha? Vamos voltar pro trabalho.

PEDRO – É disso que eu tou falando.

MARCO – Disso o quê?

PEDRO – De você, eternamente mandando. Da Júnia, reclamando que tá fazendo papel pequeno, que ninguém se importa com ela.

JÚNIA – Ah, e alguém se importa?

PEDRO – Da Luísa, que se dá ares de estrela.

LUÍSA – Não me dou ares, meu filho. Sou.

PEDRO – Da Antonieta, a mãezona que alimenta. Hoje o bolo é do quê, Nieta?

ANTONIETA – Como você sabe que eu trouxe?
(*Ri*) De cenoura.

PEDRO – É disso que tou falando, Marco. Disso. Do Rudi sempre briguento, o mais cu-de-ferro de todos. Nós somos uns loucos.

82 MARCO – Tá certo. Mas vamos ensaiar. Luísa, da tua cena com o avião. Silêncio.

RODOLFO – Pedro tá certo, Marco. É verdade. Pra que a gente faz isso? Não tem um jeito mais fácil de ganhar a vida? Sem correr atrás de dinheiro pra produção, de gente pro elenco, gente que talvez bata tua carteira quando você sair do camarim. E o pior é que, se pensar no que eles ganham, tão até certos. Por que fazemos isso, você sabe?

JÚNIA – Porque somos uns imbecis. Gostamos de sofrer.

MARCO – Caralho, isso aqui é uma sessão de terapia ou um ensaio?

ANTONIETA – Entendo o que eles tão falando, Marco. Nós estamos juntos há muito tempo. Talvez fosse bom parar um pouco.

MARCO – Nós temos a estreia de uma peça chamada *A Alma Boa de Se-Tsuan*.

ANTONIETA – Claro. Isso não tem dúvida. Mas, e se depois a gente desse um tempo? Ando cansada. Luísa foi sábia, saiu na hora certa, voltou quando quis. É muito tempo no grupo. Fica parecendo uma família. E família cada um já tem a sua, não é?

LUÍSA – Tou pronta pra sair de novo a qualquer momento. É assim que tem de ser.

83

MARCO – Mas, e o grupo?

PEDRO – A gente não nasceu amarrado a ele. E podemos voltar. Mas o grupo é seu. Não há ninguém no mundo com tanto direito a usar o nome Trupe das Ilusões Perdidas.

RODOLFO – Ei, que é isso? Quando eu falei que isso que nós fazemos é estranho, não quis dizer que é ruim. Como vão liquidando o grupo, assim, sem mais? Nós demos anos de vida pra ele. Agora querem acabar com tudo, como se fosse fim de feira?

JÚNIA – Fim de feira. Afinal alguém falou a coisa certa. Isso aqui é uma feira, e vocês, um bando de barraqueiros.

MARCO – Vamos acabar com essa balbúrdia? (*Muda de tom*) Posso falar?

TODOS – Sim./Claro./Lógico, né?

MARCO – Façam o que quiserem. Fiquem no grupo, saiam, tanto faz. Mas tem uma estreia pra daqui a 40 dias. E a gente vai estreiar essa porra dessa *Alma Boa* nem que o cu faça bico. Então, é ensaiar. Mesmo que seja o último espetáculo da trupe, vamos trabalhar como se fosse o primeiro. Fui claro?

84

TODOS – Sim./É que.../Tá certo.

MARCO – Então, ensaio. Luísa, da sua cena com o aviador.

CENA 13

(*Alguns anos mais tarde. Rápidas trocas de luz. Sem intervalo entre uma fala e outra. Os personagens estão mais velhos*)

ANTONIETA (*Ao telefone*) – Luísa? Cê tá sentada? Senta, minha filha. Tenho uma notícia. Júnia (*ten-*

ta conter o choro) se matou. Agorinha. A irmã me ligou. Não sei que fazer. (*Chora*) Sim, tou calma. Sei do meu coração. Mas, Luísa, como que...

PEDRO (*Ao telefone. Aparenta cansaço*) – Nem imaginava que ela tava tão mal de cabeça. A gente não se cruzava. Sim, Marco eu vejo. De vez em quando passo uns dias no sítio dele. É professor de ioga. Quase não vem a São Paulo.

RODOLFO (*Ao telefone*) – Menino, que baixo astral. A irmã da Júnia disse no enterro que ela deixou carta pra todo mundo. Pra família, pra nós, do grupo. Sabia que era fossenta, mas nunca pensei que pudesse. Será que ficou olhando o chão antes de se jogar?

LUÍSA (*Ao telefone*) – Se atirou do nono andar. (*Estremece*) Não consigo nem pensar. Diz que ficou irreconhecível. Ó Deus! Podia ter feito alguma coisa? Sentia raiva de mim. Será que seu último pensamento foi de ódio por mim? Ela era tão infeliz.

MARCO (*Ao telefone. Sereno e objetivo*) – Era uma atormentada. Conversamos só uma vez. Falou da família de merda, da infância triste. Tentou provar que não invejava Luísa. Mas só inveja aparecia. Até ela notou. Demos risada. O quê? Não. O grupo é passado. Teatro não me faz

falta. Vou a São Paulo na sexta, pra missa. Vamos sair à noite? Okay. Usa aquele seu vestido azul, tenho saudade de ver você nele. Agora tchau. Hora da aula.

CENA 14

(Na porta da igreja. Saída da missa. Luísa e Antonieta)

LUÍSA – A irmã da Júnia está um caco.

86 ANTONIETA – Também, imagina. Viu tudo. Tentou segurar... Jujú não tinha fé. E não faltava trabalho. Mesmo agora, nessa baita crise, não estava com papel bom na novela?

LUÍSA – Quer carona até a casa do Pedro?

ANTONIETA – Não. Vou com Rudi. Tá me esperando. Eu dispensava esse almoço.

LUÍSA – E eu, então? Reunião tribal é fogo. *(Pausa breve)* Ah, as cartas?

ANTONIETA – A irmã da Júnia me entregou.

LUÍSA – Então, até já. *(Antonieta sai. Luísa para quando ouve seu nome)*

REPÓRTER DE TEVÊ – Dona Luísa, dona Luísa.

(O repórter é jovem. Luísa fica irritada ao ser chamada dona)

LUÍSA – Pois não?

REPÓRTER – Pode dar entrevista pro *Jornal Vida Dura*, do Canal Tal, sobre...

LUÍSA – Desculpa, estou com pressa. E muito abalada.

REPÓRTER – Então. Diz isso pra gente.

LUÍSA – Prefiro não.

87

REPÓRTER – Ah, vamos lá. Vocês começaram juntas.

LUÍSA – Acho melhor não.

REPÓRTER – Por que não quer falar? Não gostava dela? Eram brigadas?

LUÍSA – Eu não sou forçada a ficar aqui ouvindo, rapazinho.

REPÓRTER – Só uma declaração.

LUÍSA – Nunca vi tanta insistência.

REPÓRTER – Estou aqui fazendo meu trabalho.

LUÍSA – Tá cheio de gente aí pra você ouvir.

REPÓRTER – Mas só tem uma vilã da novela das oito que tá dando 70 de Ibope.

LUÍSA – Bem. (*Suspira*) O que você quer saber?

REPÓRTER – Peraí. (*Para um câmara imaginário*) Vem cá, Oscar. Ela vai falar. (*Arranja-se, sorri para a câmara*) Estamos aqui com Luísa Sabará, a grande malvada da novela *A Mansão na Floresta*. (*Muito sorridente*) Luísa, boa tarde. (*Luísa não responde*) Luísa, você e Júnia Marconi começaram juntas, não?

88

LUÍSA – Mais ou menos. Eu já tinha um tempo de carreira quando ela entrou no Teatro das Ilusões Perdidas, o grupo fundado por...

REPÓRTER (*Interrompendo Luísa*) – Júnia era legal?

LUÍSA – Uma boa atriz. Uma colega. Estou muito chocada.

REPÓRTER (*De supetão*) – Por que ela se matou?

LUÍSA (*Tensa*) – Não sei. Não sou a pessoa a quem você deve perguntar isso.

REPÓRTER – Alguém me disse que ela deixou cartas pra vocês, ex-colegas do grupo.

LUÍSA (*Mais tensa*) – Não sei disso.

REPÓRTER – Coisa sinistra, não é mesmo?

LUÍSA – Não recebi carta nenhuma.

REPÓRTER – Mas a prima de Júnia disse.

LUÍSA – Não sei o que a prima disse. Até agora não recebi carta nenhuma.

REPÓRTER – Certeza?

89

LUÍSA – Quer revistar minha bolsa? Ora! Com licença. (*Sai*)

REPÓRTER – Ouvimos Luísa Sabará, supervilã da novela, a má que o Brasil ama odiar, direto da igreja onde houve missa de sétimo dia por Júnia Marconi, que fazia o maior sucesso na novela do Canal Tal. Os autores estão reunidos para decidir que destino vão dar à personagem. Aqui seu repórter de rua. Agora, dos estúdios, mais informações sobre o incêndio na favela.

CENA 15

(Casa de Pedro)

PEDRO – *(Está abatido, um pouco mais magro)*
Não me conformo. Tou zonzo.

MARCO – Isso que ela queria. Fazer todo mundo ficar zonzo. Conseguiu.

PEDRO – Você nunca simpatizou com Júnia. Por quê?

MARCO *(Pequena pausa)* – Não sei. Ela não me respeitava. Eu ficava puto.

90 PEDRO – Morria de medo de você. Nunca se sentia à vontade. Essa é a verdade.

MARCO – Era amarga. E ingrata.

PEDRO – Era uma agoniada, sempre querendo alguma coisa que não estava lá.

NOIVA DE PEDRO *(Entrando)* – Olá, amor. *(Beija Pedro)* Oi, Marco. Quem é vivo sempre aparece. *(Vê que não há bebidas à mão)* Meu amor, as pessoas estão chegando e você não serve nada? Uma bebidinha... O que você toma, Marco?

MARCO – Nada. Obrigado. Talvez um suco, mais tarde.

NOIVA (*Para Pedro*) – Mas você vai de uiquinho, não é? (*Para Marco*) É sempre a mesma coisa. Me dá um uísque, diz. Não uísque. Uísque, mesmo, sem s. (*Ri. Pedro ri amarelo. Marco não acha graça*) Então, meu biju quer uique com zelinho? Elazinha traz. (*Sai*)

(*Um instante de silêncio. Entram Antonieta, Rodolfo e Luísa. Comprimentos, um pouco de balbúrdia até que volta a Noiva com dois uísques na bandeja. Serve Pedro*)

NOIVA – Tchin-tchin! À saúde, bem. (*Para os outros*) O que vocês bebem?

ANTONIETA – Acho que nada, né?

RODOLFO – Bem.

NOIVA – Nossa, que turma mais desanimada. Até parece velório.

PEDRO – Meu amor, é um velório. Vai ver se tá tudo em ordem na cozinha.

LUÍSA (*Ordenando*) – Na volta me traz uma cerveja. (*Noiva, que saía, para e fita Luísa com raiva. Sai de cena*) Pedro, eu juro que... Não entendo o que cê viu nessa fulana. Não fala sério em casamento, fala?

PEDRO – Ué, por que não?

LUÍSA – Não tem nada a ver com você.

RODOLFO – É de outro planeta. Já disse. Mas ele não me ouve.

ANTONIETA – Parece boa moça. Gosta do Pedro. Que mais querem? Ele é homem feito. Uma bela hora tem de casar.

LUÍSA – Mas não com essa imbecil. Pedro, te conheço. Isso não vai durar.

92 PEDRO – A gente passa anos sem reunir o grupo. Quando acontece, todo mundo já começa a meter o bedelho na vida alheia. Se isso não é família...*(Rindo)* Vocês são mais família que minha família. Parece que voltamos aos bons tempos da trupe.

RODOLFO – Como, voltamos? O grupo não acabou. Ainda existe, ué. É seu.

PEDRO – Não é mais a mesma coisa.

MARCO – Nunca nada é a mesma coisa. Tudo está sempre mudando, mesmo quando parece não mudar por muito, muito tempo.

LUÍSA – Ele tá virando guru.

PEDRO – Tenho saudade do velho grupo. Lembro até hoje da noite de estreia.

ANTONIETA – E os ensaios de *Electra*? Meu Deus, como vocês brigavam.

RODOLFO – E quando o cenário de *Espectros* começou a cair, lá em Jaboticabal?

ANTONIETA – Não foi Jaboticabal.

RODOLFO – Então foi Barretos.

PEDRO – A última cena, a tragédia correndo, o filho que herdou sífilis do pai vai morrer... E a parede do fundo do cenário bambeia pra frente, pra trás, começa a despencar.

ANTONIETA (*Rindo*) – E o filho agonizante (*aponta para Pedro*) pula da poltrona e fica todo o final da peça escorando o cenário que caía na nossa cabeça. Morreu em pé, dizendo *O sol, o sol*, escorando o cenário.

LUÍSA – Acho que Ibsen se virou na cova. Deve ter sido a primeira vez que Oswald morreu em pé em toda a história dos *Espectros*. (*Risadas*)

PEDRO – (*À parte, a Antonieta*) Pode passar amanhã à tarde no teatro? Preciso falar com você.

ANTONIETA – O que é?

PEDRO – Passa lá. Eu te explico.

NOIVA (*Entrando*) – Ainda bem que volta a reinar o bom humor nesta casa. (*Enfia um copo de cerveja na mão de Luísa, com cara de poucos amigos*) Olhai sua cerveja.

ANTONIETA – Júnia estava tão bem em *Espec-tros*. Devia ter ganhado aquele prêmio de coadjuvante. (*Triste*) Nunca levou prêmio nenhum, a vida inteira. Indicada um monte de vezes, e nunca. Será que eles não pensam nisso?

94 NOIVA – Eles quem?

ANTONIETA – Os jurados dos prêmios. Não pensam nisso?

RODOLFO – Geralmente não pensam em nada. São uns panacas.

PEDRO – Rodolfo e sua luta eterna contra críticos e colunistas.

RODOLFO – Mas não é pra ter raiva? Cê não viu o que aconteceu ano passado?

NOIVA (*Interrompendo, diz, ostensivamente gentil:*) – Vamos almoçar?

ANTONIETA – Tenho aqui comigo as cartas da Júnia. Querem que entregue agora?

MARCO – Por mim, não entregava nunca.

ANTONIETA – Não diz isso. O desejo de uma morta.

MARCO – Isso é fala de melodrama.

RODOLFO – Vamos primeiro almoçar, Nieta. Ninguém tem pressa de receber, mesmo.

NOIVA – Isso, vamos comer, senão esfria. *(Para Antonieta)* Fiz suflê de queijo gruyère *(ela capricha na pronúncia)*, sabe? Uma receita que mamãe... *(Saem)*

95

CENA 16

(Sala de ensaios. Antonieta e Rodolfo conversam, sentados a uma mesa)

RODOLFO – Espera só um pouquinho, Nieta. Pedro deve estar chegando.

ANTONIETA – O que ele tanto quer comigo? Ontem, fez um mistério...

RODOLFO – Ele é quem vai dizer. Você leu a carta da Júnia?

ANTONIETA – Claro. Você não?

RODOLFO – Não tive coragem. Pedro leu. Ela se despediu. Só.

ANTONIETA – A minha também é de despedida.

RODOLFO – Por que ela fez isso, Nieta?

ANTONIETA – Deus é que sabe. (*Pausa*) Rudi, Deus não faz falta na tua vida?

RODOLFO – Não sei. Acho que não. Quer dizer, acredito em alguma coisa, mas...

96 ANTONIETA – Me converti. Trabalho nas obras da paróquia. Doentes nos hospitais, famílias debaixo de ponte, crianças de rua. Se cada um fizesse sua parte.

RODOLFO – Damos aula de circo pras crianças da favela aí do lado.

ANTONIETA – Se Júnia tivesse fé...

RODOLFO – Entrou e saiu de mil seitas, Nieta. Não tinha sossego.

ANTONIETA – Nunca devia ter entrado pro teatro.

RODOLFO – Por quê?

ANTONIETA – Não tinha tutano. Eu mesma, se contasse quantas vezes me arrependi.

RODOLFO – De ser atriz?

ANTONIETA – Teatro é duro. Ela, coitada, não tinha talento. Foi eternamente uma segunda. Mas tão ambiciosa... Teatro atrai pessoas assim. Acaba com elas.

RODOLFO – Eu também não tinha talento.

ANTONIETA – Você tinha talento pra aprender. Júnia, não. (*Pausa*) O papo tá muito bom, mas eu tenho de ir.

97

PEDRO (*Entrando. Está abatido*) – Justo agora que eu cheguei?

ANTONIETA – Pôxa, até que enfim. Como vai, meu filho?

PEDRO – Tudo bem. Desculpe o atraso. Trânsito... Um inferno. Com essa chuva... Bem, Nieta, já que cê tá com pressa, vou direto ao ponto: volta pro grupo.

ANTONIETA – Não tenho tempo, meu amor.

PEDRO – Sua família?

ANTONIETA – Não. O trabalho na comunidade.

PEDRO – Dá pra conciliar. Me deixa te dizer o que é.

ANTONIETA – Não, que é pra eu não ficar.

PEDRO – *Bernarda Alba*. Luísa também volta. Faz Adela. Quero você de Bernarda.

ANTONIETA – Imagina, papel muito grande. Não ia dar conta.

PEDRO – Foi escrito pra você. A gente ajeita os horários, cê vai ter tempo pra tudo.

98

ANTONIETA – Quer tanto assim? É tão importante?

PEDRO – Antonieta, o teatro importa. É maior que nós, maior que a vida.

ANTONIETA – Que é isso, Pedro? Deus é que...

PEDRO – Nieta, temos uma missão: ocupar este espaço (*aponta palco*) com honra e passá-lo pros jovens. (*Sorri*) Teatro é mágico: cabem aqui todas as deformações da alma. E todas as glórias. Deus tem muita gente pra zelar por ele. Pelo teatro, somos tão poucos.

ANTONIETA – Tou cansada, Pedro. E tão feliz lá, fazendo minhas obras.

PEDRO – Volta, Nieta. Teu lugar é o palco. Bernarda Alba.

ANTONIETA – Quem vai dirigir?

PEDRO – Eu, se Marco não quiser.

ANTONIETA – Marco?

RODOLFO – Luísa foi falar com ele no sítio.

ANTONIETA – E daí cê vai fazer o quê, Pedro? Não tem papel na peça, se não dirigir...

99

PEDRO – Vou administrar.

RODOLFO – Fala a verdade, não é só isso.

PEDRO – Aquela história ainda não foi fechada.

RODOLFO – Comprar direitos não é fechar? Esse maluco aí meteu na cabeça que vai fazer *Hamletmachine* sozinho.

ANTONIETA – Monólogo, Pedro? Cê sempre odiou monólogo.

RODOLFO – Tá com vontade de se testar. E quer me pôr dirigindo. Não sei dirigir ator. Ainda mais

em um texto desses. Não entendo direito o que Heiner Müller escreve.

PEDRO – Se Antonieta voltasse, cuidava da interpretação e você dirigia.

ANTONIETA – Imagina. O que eu quero é ficar em paz e...

PEDRO – Diz a verdade. Você nunca pensou em voltar? Nunca? Não quer fazer Bernarda? Se disser não, não insisto mais.

ANTONIETA – Não faz isso comigo.

100

PEDRO – Diz Nieta, nunca?

ANTONIETA – Tá me tentando?

PEDRO – Só quero que cê volte pro seu lugar.

CENA 17

(Sítio de Marco. Marco e Luísa)

LUÍSA – Pensa bem. Você tem loucura pela peça.

MARCO – Bem que gostaria. Trabalhar com você e Nieta... Mas duvido. Perdi a mão.

LUÍSA – Então já pensou nisso.

MARCO – O quê?

LUÍSA – Se acha que perdeu a mão é sinal de que já pensou em voltar pro teatro.

MARCO – É.

LUÍSA – Então? O que te afasta?

MARCO – Não sei. Refiz a vida aqui. Os cursos, a pousada. Encontrei o que quero, e é isso. Uso meios mais fortes que o teatro pra transformar pessoas. Vou ao corpo do sujeito.

101

LUÍSA – Você tem uma equipe.

MARCO – Sem mim isso não anda.

LUÍSA – E quando viaja?

MARCO – Sempre por pouco tempo.

LUÍSA – Como os três meses que passou na Índia, ano passado?

MARCO – Como sabe?

LUÍSA – Pedro contou. Então?

MARCO – Não sei. Vou pensar.

LUÍSA – Te dou uma semana. Bem, vou cair na estrada. Por que veio morar no mato?

MARCO – Justamente porque é mato. Posso pedir um favor?

LUÍSA – Claro.

MARCO – Fica mais um pouco. Ainda não li a carta da Júnia. Me faz companhia?

LUÍSA (*Pequena pausa. Suspira*) – Tá bem.

102 MARCO – Ando com ela no bolso, sem coragem de abrir.

LUÍSA – Júnia não tinha o direito de fazer isso.

MARCO – Bom, vamos lá. (*Tira do bolso um envelope amassado*) Já leu a tua?

LUÍSA – Sim.

MARCO – Que dizia?

LUÍSA (*Estende a mão*) – Quer que eu leia pra você?

MARCO – Não. (*Abre o envelope*) Tão escritas à mão?

LUÍSA – À máquina.

MARCO – Carta de suicida devia ser à mão.

LUÍSA – Lê de uma vez!

(Marco abre o envelope e tira uma folha de papel. Lê a carta em silêncio por alguns instantes. Luísa olha-o, curiosa. Marco, com sorriso triste, entrega-lhe a folha, dá-lhe as costas e vai até o que pode ser uma porta. Olha para fora. Luísa lê em voz alta:)

LUÍSA – Marco, quando você ler estas linhas, não vou mais estar aqui. E você vai pensar que tinha razão, que eu não era boa. Nem pro teatro nem pra vida. Você estava certo mesmo. Não sou boa. Tive minhas chances, joguei fora.

103

(Aqui, Júnia entra e, possivelmente sob um foco solitário, passa a dizer o texto. A transição da fala de Luísa para Júnia tem de ser suave, como uma memória que aflora. Júnia não está vestida de assombração nem há nada de cadavérico em sua aparência. Tem o mesmo aspecto e usa o mesmo figurino da última cena de que participou. Enquanto fala, Luísa dobra a carta devagar, como se já tivesse acabado de ler, e caminha para o fundo do palco. Lá encontra Marco, em quem dá um grande, fraterno abraço)

JÚNIA – Não guardo mágoa. Falei tanta coisa de você no Piolim. Agora que vou pôr um fim nisso tudo, vejo que a raiva acabou. Ficou uma saudade grande de quando nem te conhecia, de quando achava que ia ser a mulher mais famosa do mundo. Quando te conheci, me apaixonei. Tentei de tudo pra você me levar pra cama, mas nunca. Tudo bem. Não tive talento nem para te seduzir. Nunca fiz papel principal, mesmo na televisão. Lembra das *Bacantes*, aquela peça grega que você tanto queria montar? Pois é, o escritor tá certo. Esse deus do teatro, Dionísio, é cruel. Ele me atraiu e acabou comigo. Por que fui gostar de teatro, se não era boa? Bem, mesmo que você saiba a resposta, não vou poder ouvir. Há, há. Tudo de bom. Quem sabe a gente não volta a se encontrar em outro plano? Quem sabe, então, vou ter talento e a gente vai se dar superbem, como você e a Luísa. Não vou mais tomar seu tempo. Desculpe qualquer coisa. Volta pro teatro. Você tem talento. Teu lugar é lá. Ou Dionísio te castiga também. Ele é um deus cruel.

MARCO (*Soltando-se com delicadeza do abraço de Luísa, repete:*) – Cruel. É. Por isso deixei o teatro. Ou ia acabar me matando também.

LUÍSA – Não posso insistir mais do que já fiz.

MARCO – Você gostaria que eu voltasse?

LUÍSA – Claro. Bom, preciso ir. Temos reunião com um quase patrocinador.

MARCO – Sempre a mesma coisa.

LUÍSA – Faz parte.

MARCO – Cansei.

LUÍSA – Não pode ter cansado da sensação de obra terminada. Eu via teus olhos brilhando depois das estreias.

MARCO – Teatro é duro.

105

LUÍSA – Não tem coisa melhor, quando é bom.

MARCO – Quando é ruim, não tem coisa pior.

LUÍSA – É aquele instante, aquela magia breve, uma comunicação desesperada. Basta isso pra encher uma vida.

MARCO – O preço é alto.

LUÍSA – O preço da vida é alto. Por isso vai desistir? (*Devolve para Marco a carta de Júnia, que segurava até agora*) Tchau. Vou embora. Telefone semana que vem.

MARCO – Acho que não vou mesmo fazer.

LUÍSA – Posso te perguntar isso daqui a sete dias?

CENA 18

(Casa de Pedro)

MICHÊ – Que tempão cê não pintava lá! Achei que não gostava mais da mercadoria.

PEDRO – Não foi isso.

MICHÊ – Foi então o quê?

106 PEDRO – Sei lá. É a vida.

MICHÊ – Andou namorando.

PEDRO – É.

MICHÊ – Não deu certo. *(Pedro nada diz. Um momento de silêncio)* Por isso foi lá na boite agora. Destransou?

(PEDRO nada diz)

MICHÊ – Tá certo. Não tenho mesmo que meter o nariz. Mas vou te dizer, achei legal cê aparecer. Legal mesmo, bródi. Continua bom de cama, até melhor.

PEDRO (*Baixo, mas audível*) – Mentira.

MICHÊ – Que que é isso, bródi? Não ia mentir. Só não curti a camisinha, meu. Aids é lero pra iludir trouxa. Não transo a porra da borracha. Quando a gente se conheceu, cê não usava. Agora veio com essa história. Fora isso, meu.

PEDRO (*Corta*) – Foi uma merda de trepada. A gente já trepou legal, cê sabe disso.

MICHÊ – Pô, eu fiz tudo que... Usei até camisinha. Cê pediu, usei. Foi ou não foi?

PEDRO – Foi.

107

MICHÊ – Então?

PEDRO – O quê?

MICHÊ – Por que... essa cara de merda?

PEDRO – Hoje não tou bem. Não devia nem ter saído.

MICHÊ – Tá bom. Qué que eu vô embora?

PEDRO – Sim. Olhá teu dinheiro.

MICHÊ – Vai ver, cê tá com essa gripe que leva todos pra cama.

PEDRO – É. Vai ver.

MICHÊ – Se cuida. Um colega tá de molho faz uma semana. Coitado. Não fosse nós, passava fome. Não pode faturar. Mas não há de ser nada. Ele sai dessa.

PEDRO – Até outra vez.

MICHÊ – Vê se me procura. Dá notícia. Tou sempre lá.

PEDRO – Pode deixar. Tchau.

108 MICHÊ – Até.

(Sai. Pedro permanece sentado na cama, olhando para o infinito, por um breve tempo. Os braços cruzados sobre o peito, mãos nos ombros, dão impressão de que ele quer se defender de alguma coisa)

CENA 19

(Sala de ensaios)

ANTONIETA – Ficou de dar resposta quando?

LÚISA – Depois de amanhã.

ANTONIETA – Gostaria que já tivesse decidido. Pensou se não topa?

LUÍSA – Menina, pra quem não queria voltar pro palco de jeito nenhum, cê se entusiasmou rapidinho, né?

ANTONIETA – Teatro tem visgo. Você acha que se livrou dele, pagou seu tributo, pode levar uma vida tranquila, longe da demência. Mas não dá. A coisa entrou no sangue. Por quê? Não sei. Talvez porque tira você de você mesma, te dá palavras que você não tem pra dizer coisas que você não sabe. E pra te alimentar tem a energia do público, essa gente que vê você toda noite e não conhece. Nunca as mesmas pessoas. Fazer teatro, teatro de verdade, é igual a rezar, Luísa.

109

LUÍSA – Nieta, você tá.

ANTONIETA – Metida a filósofa, né? Quer o quê, minha filha? A gente fica velha, dorme menos, sobra mais tempo pra pensar. *(Pausa)* Será que Marco vai topa?

LUÍSA – Qual o problema? Se ele não topar, Pedro dirige.

ANTONIETA – Você acha?

LUÍSA – Claro, é o combinado. Se Marco não topa...

ANTONIETA – Sim, foi o que Pedro disse. Luísa, você não notou nada?

LUÍSA – O quê?

ANTONIETA – É possível? Não percebeu?

LUÍSA – Cê tá me deixando aflita.

ANTONIETA – Pedro. Ele não anda bem. Vocês nunca conversaram sobre...

110 LUÍSA – Sobre o quê, mulher?

ANTONIETA – Tá tão magro, essa gripe, aquelas manchas na pele. Já vi isso.

LUÍSA (*Finalmente cai a ficha*) – Não. Você ficou louca. Não pode acontecer. Aqui, no nosso grupo? Tem certeza? Como não percebi?

ANTONIETA – Vai ver, você enxergou mas não quis ver. Acontece. Comigo foi diferente. Trabalho com isso. No hospital do bairro eles têm uma enfermagem de Aids.

LUÍSA – Ele nunca disse nada. Teria dito, se fosse verdade...

ANTONIETA – Por isso quer tanto que Marco volte.

RODOLFO (*Entrando*) – Nossa, por que essas caras?

LUÍSA – Traidor. Escroto. Como não me contou? Desde quando você sabe?

RODOLFO – Do quê? Sei do quê? Que foi isso, tá louca?

LUÍSA – Não vem me dizer que não sabe. Você e Pedro são mais que irmãos. Pra você ele não ia guardar segredo. Desde quando?

RODOLFO (*Depois de um pequeno silêncio*) – Desde o final do ano passado. Como você sabia que eu sabia?

111

LUÍSA – Tava achando tudo estranho. Não entendia direito. Não queria entender. Não fosse Antonieta me chamar a atenção... (*Em pânico crescente, que ela disfarça*) Pedro foi um sacana.

RODOLFO – Luísa, espera um pouco.

LUÍSA – Um assassino. Não tinha o direito, (*crece o tom*) não tinha.

RODOLFO (*Grita*) – Luísa. (*Pausa*) Assassino, como? Direito de quê?

LUÍSA – Ah! (*Recompõe-se um pouco*) De não comentar, de não contar pra mim.

RODOLFO (*Sem perceber que o medo de Luísa não vem da convivência diária*) – Pedro conhece o tamanho do preconceito. Por isso não quis que soubessem.

ANTONIETA – Coitado.

RODOLFO – Isso também. Odeia que sintam pena. O cara tá doente, pronto. Lutando com a doença. É uma pessoa linda. Corajoso pacas. No lugar dele, eu...

112

LUÍSA – Por isso ele não vai dirigir *Bernarda*. Por que não me disseram? Eu teria... (*ela pensa por um instante e deixa a frase incompleta*)... contado pro Marco.

RODOLFO – Exatamente o que Pedro não quer. Se Marco voltar, não vai ser por isso.

ANTONIETA – Deus, é tão difícil. Quatro vezes por semana passo a tarde com doentes, eu e umas senhoras lá da paróquia. Você já acompanhou algum caso, Lu?

LUÍSA – Até hoje, não, e espero não ter que...

ANTONIETA – Cê não têm ideia do que Aids faz no corpo do...

RODOLFO – Acho que me matava.

LUÍSA (*Aturdida*) – Onde está Pedro? Quero falar com ele. Como está?

RODOLFO – Há um minuto você dizia que é um assassino, agora quer conversar?

LUÍSA (*Desorientada*) – Não sei o que quero. Queria que isso não tivesse acontecido. Que a gente tivesse 20 anos. Por que a vida fica mais complicada a cada dia que passa?

113

ANTONIETA – Não diz bobagem. É assim sempre. E tem pior. Vai ver na periferia.

LUÍSA – Mas e a peça que Pedro quer fazer? (*Fala como se fosse um absurdo Pedro querer trabalhar*)

RODOLFO – Quer não, vai.

LUÍSA – Como pode, se ele está...?

RODOLFO – Tem fases boas e ruins. Está ótimo agora. Tomando um coquetel de remédios que dá até medo, de tanta coisa. Mas tá legal. Teve sorte, Entrou pra um negócio chamado proto-

colo, acho. Toma umas coisas que ainda estão em experiência, tem exame, remédio, analista, nutricionista, tudo na faixa. O problema é que ele precisa de mais um monte de coisas, e acaba ficando caro.

ANTONIETA – Pedro já se informou? Existem associações de ajuda aos...

RODOLFO – Conhece todas.

ANTONIETA – Estão ensaiando a peça?

114 RODOLFO – Começamos ontem, na casa dele. *(Nota que Luísa está atormentada, mas não entende a razão real disso)* Lu, Pedro nunca precisou tanto de você, de nós. Bem, com licença. Tenho um monte de coisas pra resolver. *(Sai. Luísa começa a chorar)*

ANTONIETA – Que foi, Lu? Eu sei, você tá abalada. Entendo.

LUÍSA – Não entendo nada.

ANTONIETA – Que foi?

LUÍSA – Pedro foi um filho da puta comigo. Tinha de me avisar. A gente... Eu e ele...

ANTONIETA – Quando isso?

LUÍSA – Faz tempo... Uns anos.

ANTONIETA – É bom você fazer o exame.

LUÍSA – Por que esse canalha ordinário fez isso comigo, Nieta?

ANTONIETA – Não sei, Lu. Não sei. Você tem de ir ao médico.

LUÍSA – Cê sabia que ele estava doente? Quer dizer, antes de voltar pro grupo?

ANTONIETA – Desconfiei.

LUÍSA – E mesmo assim voltou?

ANTONIETA – Foi por isso que voltei.

115

CENA 20

(Casa de Pedro)

NOIVA DE PEDRO – Você foi filho da puta.

PEDRO – Eu sei. Desculpa.

NOIVA – Ah, é? Acha que é só pedir desculpas e fica tudo bem?

PEDRO – Não sei o que fica bem, o que não fica.

NOIVA – Mas pra fazer comédia, pra ir na casa do meu pai pedir minha mão, pra ter festa de sair em coluna social, isso o senhor quis, não é?

PEDRO – Meu amor...

NOIVA – Eu não sou teu amor. Por que você não me disse antes? Já sabe há meses.

PEDRO – Não tive coragem.

NOIVA – Quando você me conheceu, já estava...

PEDRO – Não! Tá louca, eu não sabia.

116

NOIVA – Por isso não quis trepar. E vinha com papo de que só no casamento.

PEDRO (*Corta*) – Não. Juro. Sonhei. Queria uma família, um casamento, filhos. E você, quando apareceu, tão bonita, tão inocente...

NOIVA – Você pensou: *Essa aí é imbecil. Nunca vai perceber que sou veado, que gosto mesmo é de dar o cu, que tou podre, e se tiver filhos, eles vão ser podres.* Odeio você! Queria que você morresse.

PEDRO (*Arrasado*) – Escuta, por favor, você não tá entendendo nada.

NOIVA – Sei lá se não me contaminei só de vir aqui, de te beijar. *(Passa as mãos pelo próprio corpo, aflita)* Amanhã marco médico. Gente como você tinha de ser condenada à morte. Aliás, nem precisa. Passe mal. *(Sai)*

(Pedro tenta levantar-se da cadeira em que está sentado para ir atrás dela. Não consegue. Cambaleia. Cai redondo no chão)

CENA 21

(Sala de espera de hospital)

LUÍSA – Como ele está?

117

RODOLFO – Na mesma.

ANTONIETA – O que é?

RODOLFO – Pneumonia. Infecção brabíssima, ficou muito fraco.

LUÍSA – Dá pra ver?

RODOLFO – Dormiu agorinha.

ANTONIETA – Meu Deus.

RODOLFO – Não há de ser desta vez, Nieta.

LUÍSA – Como você pode saber, Rudi?

RODOLFO – Conheço Pedro. Não vai deixar nada atrapalhar a estreia da *Hamletmachine*. Não sei do futuro. Mas isso ele vai fazer.

ANTONIETA – Deus te ouça.

LUÍSA – Eles têm de achar a cura dessa merda.

ANTONIETA – E a resposta do Marco, como ficou?

LUÍSA – É a segunda vez que adia. Pediu até semana que vem.

ANTONIETA – Talvez a gente devesse contar pra ele.

118

RODOLFO – Pedro não quer. Acho que tá até hoje magoado. Quando reativou o grupo depois da separação, Marco não quis voltar.

ANTONIETA – Bom, se Marco não topa mesmo, quem assume?

RODOLFO – Pedro.

ANTONIETA – Mas ele...

RODOLFO – Nieta, não vai ser desta vez. Se vocês quiserem me esperar, tenho de falar com o médico, depois a gente almoça.

ANTONIETA – Então vai logo.

CENA 22

(Sala de ensaios)

MARCO – Se tivesse sabido, poderia ajudar.

RODOLFO – Pedro não carecia de massagem.

MARCO – Vocês tinham dever de me avisar.

ANTONIETA – Foi uma decisão dele.

LUÍSA – Se você não tivesse demorado tanto pra vir conversar com a gente.

MARCO – Uma coisa não tem a ver com a outra.

119

RODOLFO – Ele não queria que você voltasse por causa da doença.

MARCO – Onde está?

RODOLFO – Na casa dos pais.

MARCO – Vou ligar pra lá. *(Faz movimento de sair)*

LUÍSA – Tem uma produção esperando, Marco. Decide de uma vez.

MARCO – Eu já tinha decidido. Estava com medo. E agora, por pouco que...

ANTONIETA – Diga de uma vez, homem de Deus.

MARCO – Não queria tomar a decisão errada. Não me perdoaria se Pedro tivesse...

RODOLFO – Ele não morreu. Tá aí, se recuperando pra monologar *Hamletmachine*.

LUÍSA – Marco, diz de uma vez, você dirige *Bernarda*?

MARCO – Dirijo.

LUÍSA – Tanto drama pra.

120 MARCO – Não foi a doença do Pedro. Estava decidido antes de Luísa me procurar. Rezava pro convite aparecer. Não admitia, mas rezava. O caso é que... Bem. *(Com emoção sincera, sem exagero)* Fiquei perdido sem teatro esses anos todos. Hoje, quando senti o cheiro, mistura de mofo e poeira, de bolor de quarto fechado, percebi que estava...

ANTONIETA – Voltando pra casa?

MARCO – Mais ou menos isso. Com tudo que tem de bom e ruim.

LUÍSA – Apesar do ruim, vai ficar?

MARCO – Não sei. Mas dirijo *Bernarda*. Temos grana pra produção?

ANTONIETA – Duas empresas vão pôr dinheiro. Luísa tem nome, pensa o quê?

RODOLFO – O grupo tem nome, também.

MARCO – Quem vocês chamaram pro elenco?

LUÍSA – Nós, claro, *Bernarda* (*aponta para Antonieta*) e *Adela* (*aponta para si mesma*). E tem uma lista de atrizes que querem fazer.

RODOLFO – Marco, por que aceitou o convite, se não foi a doença?

121

MARCO – O tempo corre, rosna pra gente, feito fera, vai embora em uma velocidade que. O teatro fica depois de nós. Segue com outras pessoas, outras ideias. Muda tudo. Mas fica essa vontade louca de entender o mundo. Acho que é isso. Teatro é uma máquina de entender o mundo, quer dizer, de você se entender. Vicia. Como droga. Com licença, vou ligar pro Pedro.

CENA 23

(Sala de ensaios. Só em cena, abatido, mas cheio de energia, talvez mais do que seria de esperar

em quem sai de infecção grave, Pedro ensaia Hamletmachine)

PEDRO – *Eu era Hamlet. (Muda de tom e de posição) Eu era Hamlet. É, assim está melhor. Eu era Hamlet. Estava parado à beira-mar e falava blá-blá com a ressaca. (Luísa entra e fica no fundo, sem fazer ruído, acompanhando o ensaio de Pedro, que continua) Atrás de mim, as ruínas da Europa. (Vira-se e vê Luísa) Oi.*

LUÍSA – Oi.

PEDRO – Faz tempo que cê tá aí?

122

LUÍSA – Não, cheguei agora. Vamos ensaiar.

PEDRO – Eu sei. Tava aproveitando a sala antes de vocês começarem. *(Fala com medo do silêncio)* Eu e Rudi vamos ensaiar na sala de baixo. Gosto mais daqui, pensei que...

LUÍSA – Claro. *(Pausa incômoda)* Pedro, a gente precisa conversar.

PEDRO *(Sem graça)* – É, dei uma marcada com você.

LUÍSA – Marcada? Nós éramos amigos. Você foi um filho da puta, me traiu.

PEDRO – Não foi isso.

LUÍSA – Como não? Aproveitou meu medo da verdade e escondeu a doença de mim. Tinha obrigação de me contar.

PEDRO – Mas não foi traição.

LUÍSA – Você chama isso do quê? Não me contou. E nós não usávamos camisinha.

PEDRO – Ninguém usava naquele tempo. Um monte de gente não usa até hoje.

LUÍSA – Tinha de ter me contado.

123

PEDRO – Como podia? (*Pausa breve*) Te amo. Como amiga, como mulher. Quando fiquei sabendo, pensei de cara em você. Não sabe o pavor que senti de te contar que podia ter te condenado à morte. Mas fazia tanto tempo... E você tava tão bonita, que...

LUÍSA – Pedro.

PEDRO – Não consegui, Lu. Olha minha agenda. Tá escrito lá, em letras enormes, todo dia, LIGAR PARA LUÍSA. Não consegui. (*Senta-se, enfia o rosto entre as mãos*) Ia dormir pensando que amanhã ia telefonar, marcar um encontro. E no fim...

LUÍSA – Estou com muita raiva de você, cara. A gente sempre tinha jogado limpo.

PEDRO – Um dia tava decidido a contar tudo. Você me deu carona. Quando eu abri a boca, a senhora começou a falar. E não parou mais. Contou do filme que ia fazer, da novela que não ia bem, do ginecologista que te cantou, do namorado que sumiu. Tentei me abrir, Lu, não deu. No fundo, achei que você não queria mesmo saber.

LUÍSA – Quem te passou a doença?

124

PEDRO – Importa saber? Será que dá pra saber, Lu, com a vida que a gente levou? Já especulei muito, mas... Foi tanta transa rápida que eu tive sem me... Quer dizer, muitas vezes não estava... Fazia sem camisinha.

LUÍSA – Até quando?

PEDRO – Uns três anos.

LUÍSA – Mas então, todo mundo já sabia que tinha de se proteger, Pedro.

PEDRO – Nem sempre eu...

LUÍSA – Que idiotice. Como você foi burro. Que raiva.

PEDRO – Merda, Luísa. Já não chega o fato de eu... E de ter de tomar esses remédios que me fodem inteiro, me roem as tripas, você ainda tem de... Cê também nunca foi nenhuma santa.

LUÍSA – É. Mas minha vida sexual hoje tá menos intensa que a de D. Paulo Evaristo. Não entendo, Pedro. Por que não me contou? Pra que complicar tanto as coisas?

PEDRO – Acredita que enlouqueci? E só voltei ao normal quando peguei pneumonia?

LUÍSA (*Pausa. Ela olha-o nos olhos. E vê a verdade ali*) – Acredito.

125

PEDRO (*Encolhido, acuado*) – Se puder, me perdoa.

LUÍSA – Será que tem o que perdoar? Tanta vida junto. Ah, Pedro.

PEDRO (*Pausa*) – Cê foi ao médico?

LUÍSA – Fui.

PEDRO – Então?

LUÍSA (*Pausa*) – Deu negativo, Pedro, negativo. Quase soltei rojão. (*Para, olha para ele, um pouco sem graça*) Cê tá se cuidando, né?

PEDRO – Claro, Lu. Muito. (*Pausa*) Me dá um abraço?

LUÍSA (*Depois de breve hesitação*) – Dou.

(Pedro levanta-se. Abre os braços com um sorriso triste. Luísa hesita, tenta, retribui muito mal o abraço. Mas sua resistência quebra-se, o afeto por Pedro é maior. E ela o abraça generosamente, como abraçou Marco na leitura da carta de Júnia)

RODOLFO (*Entrando*) – Olha, que cena bonita.

126 LUÍSA (*Livrando-se do abraço, enxugando uma lágrima*) – Oi, Rudi. (*Sorri. Passa a mão no rosto de Pedro*) Bom, Pedro, temos muito que falar. Se precisar de mim...

PEDRO – Claro.

LUÍSA – Agora preciso ir. Tenho de me aquecer pro ensaio. Como Lorca é difícil.

PEDRO – Todos são. Tchau. (*Luísa sai*)

RODOLFO – Vamos ao ensaio?

PEDRO – Sabe, Rudi, é tão engraçado. Müller começa a peça com *Eu era Hamlet*. Frase quase profética, no meu caso.

RODOLFO – Para de dizer besteira.

MARCO (*Entrando de supetão*) – Opa, desculpem, não sabia que. (*Percebe quem está na sala*) Pedro! Cara, que prazer te ver fora de casa.

PEDRO – Já dá pra encarar umas saídas.

MARCO – Por que não me contou desde o começo?

PEDRO – Toda vez que fala comigo pergunta a mesma coisa.

MARCO – Ainda não ouvi resposta satisfatória.

PEDRO – Você tava tão bem, lá no seu trabalho, que não queria te tirar de...

MARCO – Isso não tem sentido.

PEDRO – Alguma coisa tem? Importa viver cada minuto como se tivesse todo sentido.

MARCO – Vai virar um Buda de terceiro mundo.

PEDRO – Buda era do terceiro mundo. E ensinou que isto (*pousa a mão no peito de Marco, aponta para si, para Rodolfo*), é nada. Mas legal é ser o melhor nada, não um nada medíocre. Vai ensaiar. Eu e Rodolfo também já vamos.

MARCO – Bom te ver aqui. Vamos jantar.

PEDRO – Vamos.

MARCO – Quando você estreia?

RODOLFO – Se tudo der certo, em dois meses.

PEDRO – Quando puder, quero ver um pedaço do teu ensaio, Marco.

MARCO – Por que não agora?

PEDRO – Mesmo?

128 MARCO – Claro.

PEDRO – Que tal, Rudi, só um pedaço?

RODOLFO – Claro. Mas temos de trabalhar.

MARCO – Senta aí, se acomoda.

ANTONIETA (*Afobada*) – Pedro, que bom te ver. (*Abraça-o*) Tou atrasada, gente?

MARCO – Não. Vou passar a cena das meninas antes da tua. (*Grita para dentro*) Tão prontas, garotas? (*Entra Júnia vestida com traje de filha de Bernarda. Luísa, sem mudar de figurino, volta para a cena e une-se aos observadores do ensaio,*

Pedro, Rodolfo e Antonieta) Vamos. Martírio e Amélia têm reações diferentes à briga entre Bernarda e Adela. Você, que faz Martírio, seu nome é Joana, não? *(Atriz que faz Júnia acena com a cabeça)* Desculpa, mas tenho uma memória... Então, depois da sua fala, você atravessa o palco em diagonal e vem pro proscênio. Daí encara o público.

ATRIZ QUE FAZ JÚNIA – Como assim?

MARCO – Como, como assim?

ATRIZ – Não entendi o que você quer.

MARCO – Eu já disse.

ATRIZ – Sim, isso eu sei. Mas por que Martírio ia atravessar o palco justo agora, no meio de uma conversa, pra se plantar no proscênio e encarar o público? Não tem lógica.

LUÍSA *(sorrindo)* – É verdade, Marco, você vai me desculpar, mas fica estranho.

RODOLFO *(para atriz que faz Júnia/Martírio)*
– Sabe o que é meu bem? Marco gosta de um efeito forte. *(Todos riem)*

MARCO – Que é isso, uma rebelião?

(Marco vai começar a fazer um discurso. Mas cai em si. E percebe a repetição da situação do ensaio de Electra. O elenco todo começa a rir. A atriz que faz Júnia afastou-se, atônita)

ATRIZ QUE FAZ JÚNIA – Gente, que é que eu fiz de errado?

(Todos riem, Marco inclusive)

ATRIZ *(aflita)* – Gente, que é que eu fiz?

Marco vai até a moça, sorrindo. Conversa com ela, enquanto os demais observam, divertindo-se. Marco põe a mão no ombro da atriz, gentilmente, enquanto caminha com ela para o proscênio. Música vai subindo durante a cena. O elenco conversa e ri animadamente enquanto explode a música e a peça chega ao

FIM

Cansei de Tomar Fanta







Cansei de Tomar Fanta

Personagens

Ela

Ele

CENA

O bar com mesas na calçada, em frente ao Espaço dos Satyros 1, na Praça Roosevelt, em São Paulo. É noite. Falta uma hora para começar o espetáculo. Movimento, muita gente passando, muita gente sentada, bebendo, fumando. Um clima muito urbano, de burburinho e risos. Conversas, frases soltas. Tudo isso pode ser sugerido pela trilha sonora, por projeções de imagens, ou simplesmente pode ser deixado à imaginação do espectador, o que sempre vem a ser minha solução favorita. Numa mesa sob uma árvore pequena plantada em um grande vaso branco redondo está o casal. Jovens e modernos. Têm entre vinte e tantos e trinta e poucos. Não se conhecem há muito tempo. Estão em um ponto crítico de sua breve relação.

135

ELA – Cansei de tomar Fanta.

ELE – Alguém tá te obrigando?

ELA – Não. Não tem ninguém me obrigando. Mas cê já me conhece um pouco. Devia ter percebido que eu sou assim. Gosto das coisas bem feitas. Odeio desperdício. Olha a lata, tá pela metade.

ELE – Não seja por isso. Qualquer mendigo que passar por aí vai gostar de ganhar uma lata de Fanta pela metade. Primeiro por causa da lata... Sabe que isso vale grana? E de repente até pelo refri. Vai que ele gosta de Fanta.

136

ELA – Aí, cara. Eu te falei que eu tenho o princípio de não dar esmola.

ELE – Mas uma lata de refri não é esmola.

ELA – Como não? Você mesmo acabou de dizer que vale dinheiro.

ELE – É, mas dinheiro suado, não esmola. O cara vai ter que juntar um monte de latinhas pra levar em algum lugar que vai pagar uns centavos por cada lata. Precisa juntar dúzias e dúzias pra conseguir levantar uma graninha que dê pra comprar um marmitex. E o cara tem que andar por tudo que é lugar, pra arranjar as latas. Não é mole.

ELA – Tá bom. Então me arruma um mendigo pra dar a lata.

ELE – Em geral aqui na praça tá cheio, indo e vindo. Ainda mais a esta hora. Eles gostam de andar por aqui de noitão, quando os bares tão cheios e as peças vão começar. Mas agora não tem nenhum. Cê tá vendo algum?

ELA – Eu, não.

ELE – Pois é.

ELA – E o que eu faço?

ELE – Ué, sei lá. Se eu gostasse de Fanta, eu tomava esse resto, só pra te deixar feliz. Mas eu odeio.

137

ELA – Eu sei. Você me diz isso desde que a gente se conheceu.

ELE – Não foi desde que a gente se conheceu, porque você não pediu Fanta no nosso primeiro encontro. Se tivesse pedido, nem sei se a gente teria se cruzado uma segunda vez. Ops, brincadeira, hein, brincadeira!

ELA – Tá bom. Retifico: você diz isso desde que a gente começou a ficar. Fazia umas duas semanas que a gente se conhecia. Foi nosso primeiro

cinema e depois fizemos um lanche lá naquele lugar de hambúrguer que você gosta, lá perto do Cemitério do Araçá, lembra?, e eu pedi Fanta. Você me olhou torto.

ELE – Não olhei torto. Mas é que eu acho que de todos os refris que eu conheço, Fanta é o mais artificial de todos.

ELA – Como, artificial? Mas olha que argumento. Quer dizer que a Coca-Cola que você adora não é artificial e a Fanta Laranja que eu gosto é?

ELE – Não, claro que não foi isso. Só tou dizendo que...

138

ELA – Você implica com tudo que eu faço.

ELE – Não implico, não.

ELA – Como não? Ora essa. Tudo que eu faço vira briga. Agora se eu falo uma coisinha de você...

ELE – Que que tem?

ELA – O mundo acaba.

ELE – Você está sendo injusta.

ELA – Injusto é a gente ficar discutindo esse tempo todo por causa de uma merda de uma lata de Fanta.

ELE – Que você pediu.

ELA – Que eu pedi.

ELE – E que agora não quer mais.

ELA – E que agora não quero mais.

ELE – Pois é.

ELA – Pois é. (*Silêncio*)

ELE – Acabou a história da Fanta?

ELA – Pra mim, acabou a noite.

139

ELE – Como assim?

ELA – Assim mesmo como você ouviu. Eu tou indo embora.

ELE – Eu não quero ir.

ELA – Então fica. Que eu saiba, nós não somos irmãos siameses. Nem namorar nós namoramos. Você fez questão de dizer isso mil vezes. *Gata, nós estamos só ficando, falou? É muito cedo pra compromisso, falou?*

ELE – Pô, e não é?

ELA – Faz uns meses que a gente tá saindo. Quantos?

ELE – Não sei. Dois, três?

ELA – Quase quatro meses. Desde fevereiro, cara, desde fevereiro. Quatro meses na sua opinião ainda é tipo ficada? Pode chamar isso de ficada?

ELE – E não?

140

ELA – Quando começa uma história de se incluir nos meus programas, de telefonar na quinta à tarde pra perguntar *Que é que nós vamos fazer amanhã?*, não o que eu vou fazer, mas o que nós vamos fazer, isso pra mim não é mais ficada não. É namoro. Ou é embaço.

ELE – Meu, como você tá invocada! Só por causa de uma lata de Fanta.

ELA – Mas quem disse que é só uma lata de Fanta? É tanta coisa que eu nem sei dizer. Por exemplo: o que a gente tá fazendo aqui?

ELE – Estamos no bar do teatro, esperando pra ver uma peça que o Ivam escreveu. Quer o nome da peça? Chama *Faz de Conta que Tem Sol lá Fora*. Direção da Aline. Com o Niltinho e a Jerusa.

Vi uma outra peça do autor e adorei. Essa aí tá superbem falada. Você diz que eu sempre deixo pra você decidir o que a gente vai fazer. Quando eu te convido pra vir num lugar bacana, que eu gosto, pra ver uma peça que todo mundo tá comentando, você resolve fechar o tempo, ficar de bico. Que porra.

ELA – Alguma vez eu te disse que gosto de teatro?

ELE – Ué, você é toda chegada em cultura!

ELA – Mas eu não gosto de teatro, falou?

ELE – E por que nunca se manifestou nas vezes em que eu te convidei? A gente já foi umas tantas vezes ao teatro.

ELA – Eu me manifestei. Mas você não ouviu. Você nunca ouve nada. É uma merda, isso. Eu disse, sim. Mas você sempre tem tanta coisa pra falar. Parece que tem medo de me ouvir dizer alguma coisa que não vai gostar. Fala, fala, fala e depois fica mudo. A gente não conversa. Você monologa, eu ouço.

ELE – Cara, você nunca me disse que pensava isso. A gente tá se vendo faz um tempão. Você é muito louca, sabia?

ELA – Eu? Eu sou paciente e atenciosa. Acabei de conhecer o cara. Não vou ficar cagando regra, né? Eu espero até formar uma opinião.

ELE – Então a sua opinião é que eu não ouço, só falo.

ELA – Você e noventa por cento dos homens que eu conheço. Eta como é difícil viver com vocês. A gente não consegue dialogar.

ELE – E como você acha então que eu conheço a história toda da tua vida, da tua família, dos teus avôs maternos que vieram do Egito...

142

ELA – Do Líbano, não do Egito.

ELE – Tudo bem. Desculpa. São dois países do Oriente Médio. Confundi. E tua mãe nasceu aqui no Brasil, mas não em São Paulo. Eles foram parar lá em Foz do Iguaçu. E daí ela conheceu teu pai, que era filho de imigrantes italianos, imigrantes do norte, loiros de olhos claros. Ele morava lá no Rio Grande do Sul, e foi a Foz fazer turismo, e eles tiveram que fugir pra casar, porque a família da tua mãe era contra. E teu avô nunca mais falou com a tua mãe, porque ela casou com um cara que não era árabe.

ELA – Muçulmano.

ELE – Tá bom, muçulmano. Como eu ia saber tudo isso de você se você não falasse. Meu, você fala pelos cotovelos!

ELA – Cara, eu vou embora.

ELE – Então vai, pô.

ELA – Vou mesmo.

ELE – Tou te segurando?

ELA – Quanto foi o meu?

ELE – Não sei. Mas pode deixar. Eu te convido.

ELA – Cara, como você é machista!

143

ELE – Caramba, machista por quê?

ELA – Meu, você sabe que eu odeio que me *convidem*. Eu não sou uma coitada pra ser *convidada*. Eu trabalho, ganho minha grana, posso pagar pela minha diversão. Coisa aliás que não estou tendo nem um pouco esta noite.

ELE – Escuta, você tá de tpm?

ELA – O quê?

ELE – Só pode ser. Faz uma pá de tempo que a gente tá se vendo e hoje você resolveu en-

grossar a coisa pro meu lado. Que que eu te fiz menina?

ELA – Você tá aqui do meu lado. Isso pra mim já basta. Não é de hoje que eu tou pra estourar. Faz tempo. As coisas foram se juntando, uma depois outra, depois mais uma.

ELE – Então, tá vendo como você não tá sendo lógica hoje? Cê falou que quer ir embora. Eu disse que pagava tua parte, que eu te convidava. Cê já poderia ter ido, já podia estar num táxi, no caminho de casa, mas ainda tá aqui, discutindo comigo porque eu me ofereci pra pagar teu refri.

144

ELA – Fala mais baixo. Cê tá chamando a atenção. Tá todo mundo olhando.

ELE – E eu com isso? Tou aqui, na minha. Na verdade, eu tou é levando um fora da mina que eu tava saindo faz uma data, e você quer que eu fique fazendo cara bonita.

ELA – Você é muito grosso.

ELE – Não sou não. Sou muito bem-educado.

ELA – Então não cria caso.

ELE – Mas quem tá criando caso, Mulher Maravilha?

ELA – Não sou eu.

ELE – Como não? Eu falei pra você ir, pra se mandar, que eu pagava teu refri, mas você inda tá aí, embaçando.

ELA – Embaçando, como assim embaçando, garoto?

ELE – Meu, cê não quer mais ficar comigo, se manda, não tou te segurando, e não quero mais levar esse papo aranha.

145

ELA – Que papo aranha, cara?

ELE – Essa nossa conversa não tá com nada. Mais uma coisa entre nós que não deu certo.

ELA – Como, mais uma coisa? Você me disse um monte de vezes que a nossa história é a melhor que já viveu.

ELE – Isso era mais desejo do que verdade.

ELA – O que não deu certo entre a gente?

ELE – Isso de a gente estar junto faz quase quatro meses, não é? Pois então, o que significa isso,

essa história de que eu nem sabia que você não gosta de teatro. Eu me ligo, a gente foi várias vezes e você não disse nada.

ELA – Eu sou justa. Pensei que podia ser preconceito meu. Que eu tinha que dar uma chance. Então você me convidou e eu topei. Mas só confirmou a sensação antiga minha. É uma coisa que eu não gosto. Acho chato. Chato pra danar. Mas resolvi dar uma oportunidade.

ELE – Ah, Mulher Maravilha, o teatro deve estar muito agradecido porque você deu uma oportunidade pra ele.

146

ELA – Odeio quando você me chama de mulher maravilha. Para com isso.

ELE – É que você é tão justa! Fico besta de ver. Uma Mulher Maravilha.

ELA – Chega disso, por favor. Que mais que não deu certo entre a gente?

ELE – Eu preciso falar?

ELA – Se não falar como eu vou saber?

ELE – Você acha que na cama a gente é uma história de sucesso?

ELA – Como assim?

ELE – Só perguntei se você gosta da gente na cama.

ELA – Isto não é lugar pra se discutir essas coisas!

ELE – Quando se chega ao ponto em que nós estamos, qualquer lugar é lugar.

ELA – Ninguém tem nada que ver com o que nós vivemos. Não precisamos discutir isso agora.

ELE – Meu bem, acho que depois de hoje, nós nunca mais vamos nos ver. Então, se não falarmos nisso agora, vamos falar quando?

147

ELA – Eu sempre achei que era muito de acordo o que a gente fazia.

ELE – Na cama?

ELA – É.

ELE – De acordo com... o quê?

ELA – Com o que é certo, com o que é adequado.

ELE – Adequado a quem, cara-pálida?

ELA – Você está me deixando nervosa.

ELE – Mas você não acha que umas fantasias fazem bem? Que se a gente transa umas tantas vezes com uma pessoa durante quase quatro meses, todo mundo procura variar, tenta não fazer tudo sempre do mesmo jeito?

ELA – Eu não...

ELE – Não é normal duas pessoas que estão ficando, que estão começando a se sacar, tentem perceber o que o outro, ou a outra, deseja?

ELA – Se foi assim insatisfatório, por que você não falou antes?

148

ELE – Porque eu também sou justo. Estava esperando, dando um tempo pra ver se chegávamos a algum outro estágio da história. Mas mesmo quando te levei no motel, foi a mesma coisa.

ELA – Uma suíte sadomasoquista?

ELE – Eu queria a suíte japonesa. Mas a sadomasô era a única livre, e você não queria ficar esperando, então eu...

ELA – Você não está sendo justo. Eu preciso de mais tempo, de...

ELE – De quê? Não sei de quê.

ELA – Tempo de entender.

ELE – De entender o quê?

ELA – Tudo.

ELE – Meu, a gente nunca vai entender tudo. Pode tirar o cavalinho da chuva.

ELA – Tudo que dá pra entender.

ELE – Mas do quê?

ELA – De você, de nós. Por exemplo, o que você gostou em mim?

ELE – Como, o que eu gostei?

ELA – Pois é. Naquela festa, por que você veio falar comigo?

ELE – Porque eu te achei interessante. Você estava na varanda, sozinha, com um drinque na mão. Aquele vestido preto. Tão bonita.

ELA – Eu estava morrendo de tédio. Só tinha ido lá porque eu e a Gisela somos muito amigas, e sabia que ela ia ficar puta da vida se eu não fosse. Era aniversário dela, poxa. Mas eu não gosto dos amigos da Gisela, e estava na varanda olhando a vista e pensando em quanto tempo tinha de

aguentar a festa antes de poder ir embora numa boa. Daí você veio e me tirou pra dançar.

ELE – Eu tinha ido lá com o Danilo e a turma dele. Mas eu não conhecia ninguém além dele, e tava achando tudo um porre e quando vi você sozinha no terreço, bebendo, naquele vestido preto que você fica linda nele, te achei tão, sei lá, tão sofisticada, tão diferente.

ELA – Você nunca tinha dito isso.

ELE – Você nunca perguntou.

ELA – É.

150

ELE – E você, por que quis ficar comigo?

ELA – Porque você me tirou pra dançar. Fazia tanto tempo que ninguém... Acho que eu intimido os homens. E você chegou tão de manso, foi tão sedutor. Gostei da força que eu senti em você. Te achei tão inteiro, tão firme.

ELE – E você tava precisando disso?

ELA – O Júnior era muito imaturo. A separação era tão recente! Achei legal você ser tão diferente dele. Isso me interessou.

ELE – Mas foi um coisa que você nunca...

ELA – Como você pode falar nunca, se quatro meses são um nada. O que você conhece de alguém em quatro meses?

ELE – Como assim, a gente conhece um monte. Nós transamos, nós viajamos.

ELA – Pra Paraty.

ELE – Sim. Não foi legal?

ELA – Muito legal, eu lá, largada, e você cobrindo a FLIP.

ELE – Não seja cruel. Você sabia muito bem que eu ia pra trabalhar, mas foram só dois dias, que eu fiz a cobertura. Ainda ficamos mais dois dias lá.

ELA – Porque você tinha que editar, e aproveitou pra fazer isso lá mesmo. Que lindo, que romântico!

ELE – Jantamos todas as noites em lugares bacanas, caminhamos por aquelas ruas de calçamento horrível. E te levei pra passear de barco, passamos o dia juntos, almoçamos naquela ilha.

ELA – Se não tivesse rolado nem isso, lá, daí nossa história já teria terminado naquele fim de semana mesmo.

ELE – Não estou entendendo, achei que você estava interessada em ir comigo pra FLIP. Você me disse isso. Até conseguiu folga no trabalho.

ELA – E daí me arrependi. A gente mal se viu. Eu ficava horas sozinha.

ELE – Você viu todos os debates que queria, me acompanhou.

ELA – Pra ver você todo subserviente, todo agradecido porque aqueles deuses te concediam uma entrevistinha. E que ansiedade. Quer uma água, quer um café? Acho que você nunca me tratou assim.

152

ELE – Meu, quer saber? Eu tou de saco cheio dessa conversa. Deu pra mim. Você não quer ir embora? Então vai. Porque eu vou ficar e vou assistir a peça, que deve estar pra começar. Olhaí, já tá formando uma fila. *(Para alguém invisível)* Amigo, traz a conta pra gente, por favor? ... Tá bom, obrigado. E aí, o que você vai fazer?

ELA – Você vai mesmo ver a peça?

ELE – Claro que sim.

ELA – Mas a gente não acabou de conversar.

ELE – Beibi, pra mim a gente acabou. Ainda não entendi direito como começou essa conversa, mas se eu tinha alguma dúvida de que a gente não ia dar certo juntos, agora não tenho mais.

ELA – Mas eu acho que você está muito errado. A gente tem um monte de coisas pra conversar. Você não pode simplesmente me largar aqui e ir ver uma peça de teatro.

ELE – Tanto posso que vou fazer isso.

ELA – Não pode, porque tem um monte de questão que a gente precisa esclarecer. Você ficou comigo por quatro meses, quase meio semestre, sem gostar de mim na cama, sem me dizer nada, eu me sinto...

153

ELE (*Para alguém invisível*) – Obrigado, cara. (*Para Ela*) Vamos acertar isso aqui. Já que você faz tanta questão de rachar a conta, tenho a informar que a sua Fanta saiu R\$ 4,0.

ELA – Mas que assalto. Nunca vi uma coisa tão absurda, uma Fanta, esse preço.

ELE – Tem também sua parte no amendoim. Eu dividi tudo. Se você não tiver, eu pago, um dia a gente acerta.

ELA – Não seja cínico.

ELE – Se tem uma coisa que você não pode dizer, é que eu sou cínico.

ELA – Olháí o dinheiro. Vamos pagar logo essa conta.

ELE – Tá bom. *(Para alguém invisível)* Ei, amigo, olhai. Tá pago.

ELA – E agora?

154 ELE – Vem comigo ver a peça. Depois eu te levo pra casa e a gente termina essa conversa.

ELA – Eu não gosto...

ELE – De teatro. Mas talvez seja uma questão de hábito. Se você se acostumar, quem sabe...

ELA – Não sei, não...

ELE – A peça é curtinha, dura 50 minutos.

ELA – Ai, cara. Eu acho que não...

ELE – Olháí. O fecho perfeito desta conversa. *(Para alguém invisível)* Oi, garoto, quer uma lata? *(Para Ela)* Posso dar?

ELA – Sim. (*Ouve*) É. Eu sei. Tá cheia mesmo. Mas é que eu cansei de tomar Fanta. ... Que bom que você gosta.

ELE – Olha, leva essas aqui também. (*Entrega duas latas de cerveja para uma mão invisível*) Mas essas tão vazias. (*Para Ela*) E aí, vamos ver a peça?

ELA – Não sei, acho que vou pra casa.

ELE – Você não quer ir pra casa.

ELA – Não?

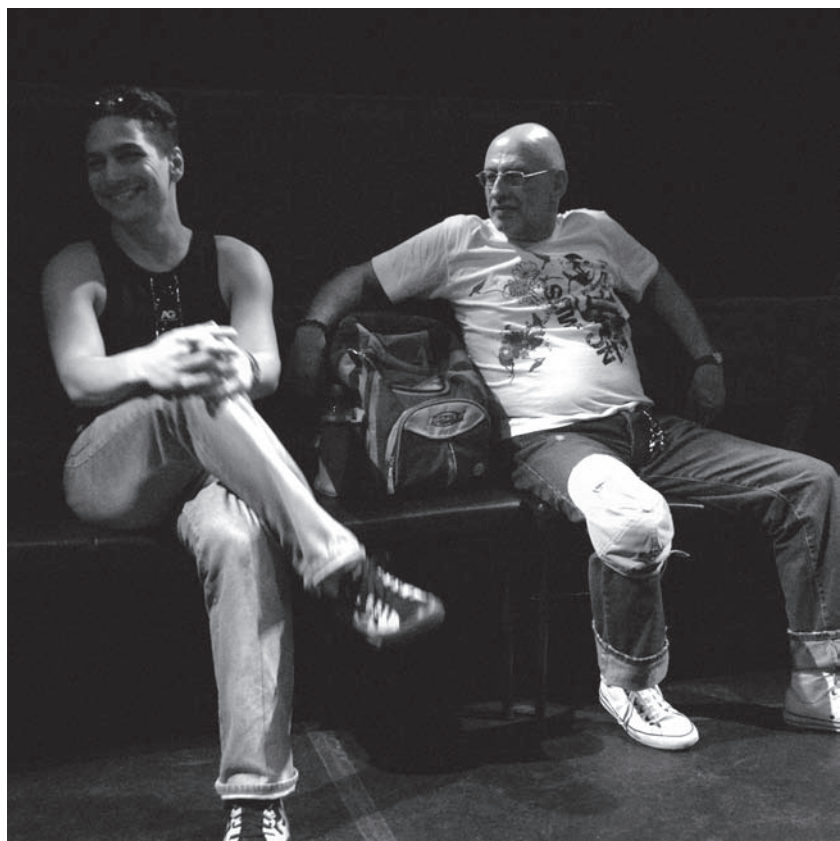
ELE – Tá na cara. Vamos ver a peça. Daí a gente pode ir comer naquele japonês que você gosta.

155

ELA – Eu não sei.

ELE – Vamos, vai. Vamos lá. (*Ouve-se um sino*) Olhaí, vai começar. Vamos?

FIM



Na Noite da Praça

Para Sérgio Roveri, grande amigo e grande dramaturgo. Suas Vozes Urbanas dialogaram com minha Na Noite da Praça desde o momento da germinação da peça.

Para Rodolfo G. Vázquez e Ivam Cabral, amados amigos e parceiros de trabalho, que me pediram esta peça e me fizeram voltar à ficção.







Na Noite da Praça

Personagens

ELOY HELOL – Cerca de 40 anos. Alto, magro, agitado. Estilista sem importância. Tem um modesto ateliê e três vezes por semana desenha modelos para telespectadoras e frequentadoras do auditório de um programa vespertino de fofocas e assuntos femininos, veiculado por uma rede de tevê de pequena expressão. É homossexual, mas nada afetado. Não desmunheca nem tem trejeitos. Gosta de roupas vistosas, mas é discreto.

LEOVIGILDO – 16 anos, mas aparenta ser mais velho. Magro, nem bonito nem feio. Um adolescente. Garoto de programa e trombadinha. Vem da periferia. Vida dura. Muito agressivo. Invocado. Odeia o próprio nome. Gosta de ser chamado de Leo.

161

ISOLINA – Idade indefinida entre os 30 e os 40. Simpática, risonha, comunicativa. Sensual, um tipo felliniano, gosta de usar roupas justas que ressaltam suas formas generosas. Trabalha como balconista no bar da praça Roosevelt ao lado do teatro. Enfeita-se para trabalhar. É testemunha ocular de todas as muitas histórias que correm pela praça.

MOURA – *Cerca de 60 anos, saúde precária. Deficiente físico. Diabético, teve uma perna amputada. Problemas cardíacos e circulatórios. Morador de amplo apartamento no edifício vizinho ao teatro. Inferniza a vida dos artistas com ações judiciais, denúncias à polícia e todo tipo de manobra que concebe para atropelar a companhia. Sua meta é ser síndico do prédio onde mora, mas sua agressiva antipatia não facilita as coisas para ele.*

CENA/MONTAGEM

162

Palco nu. Apenas os acessórios necessários à ação. Não se deve definir de modo realista os locais onde estão as personagens. A luz pode se encarregar de delimitar as áreas. Na ambientação do espaço cênico, nos figurinos, na trilha sonora, na iluminação, é necessário buscar um clima intensamente urbano. Os quatro atores ficam em cena todo o tempo.

O texto é formado por quatro monólogos que correm paralelos, se entrecortam, se atropelam, se cruzam, se superpõem. O ritmo deve ser muito rápido. Os atores deverão valorizar nuances e pausas, mas o texto deve ser dito como se queimasse na boca das personagens, como se elas tivessem pressa/ansiedade de con-

tar a história. Não é preciso dizer que para isso, como para tudo mais, a direção terá um papel fundamental.

Importante evitar o recurso óbvio de luz que destaca apenas a personagem que estiver falando. A presença das outras figuras no palco é crucial. Os atores podem inventar coisas para suas personagens fazerem quando não estão conduzindo a ação. Eles devem evitar sempre atitudes murchas e carentes de tônus. As personagens não falam entre si. Conversam com autoridades, com a polícia, ao celular ou ao telefone, com jornalistas, contam a história a terceiros. E falam também consigo mesmas.

163

Antes de começar a ação, choveu intensamente na cidade, com inundações e alagamentos de ruas. Há dois dias São Paulo foi sacudida por uma onda de violência, com ataques a ônibus, a postos policiais e delegacias, a soldados em patrulha. Houve mortos e feridos. Nas ruas o clima é tenso.

Black out. Música intensa e pesada. Cruzam o palco feixes de luz de potentes lanternas. Ouvem-se vozes, sirenes e gritos:

VOZES MASCULINAS – Parado aí, parado aí. Pega lá, o cara quer fugir. Vai fugir não, porra.

Vamos. Segura aí. Segura o outro também. Mãos na cabeça, na cabeça. Documentos. Vamo lá, documentos. Ih, meu, fudeu. Olha isso aqui. Puta merda! Sujou pro teu lado, veado.

Luz revelando os quatro personagens em suas ações.

LEO – Eu não sei nada disso, gambé. Ô, gambé, bate em eu não, sou de menor. Ai! ... Tá bom, beleza. Não chamo mais de gambé, porra. Não chamo mais. ... É Leo... É Leo meu nome. Não. Leo só não. Leovigildo Olímpio Soares. Tá aí no papel, nos documento. Pai não sei nem nome, senhô. Só mãe. E cinco irmão. Eu não, senhô. Não sei de nada disso. Eu tava ali, a bicha se chegô, começou com papo besta, dando mole. Eu ia fazê o quê? Fingi que sou cego, seu gambé? Ai, porra, doeu! ... Ei, eu chamei de seu gambé, pomba.

ELOY – Eloy Helol é o meu nome. Eu não estava fazendo nada de mais. ... Parei ali pra respirar. E fiquei conversando um pouco com o rapaz que se protegia da chuva. É proibido? ... Não. É. Já não estava chovendo tanto. Só garoando. Eu não ia ficar andando na chuva, não é? Minha camiseta ainda está úmida. Vou pegar uma gripe. E amanhã é dia do meu quadro na tevê. O programa. Claro que eu sabia dos ataques. Todo mundo ficou sabendo, não é? Saiu em tudo quanto foi

jornal, na tevê, no rádio. E eu trabalho com comunicação. ... Não, não sou jornalista. Poderia ser, se quisesse. Mas não sou. ... Estava andando na rua naquela hora porque ia para casa e não era longe. Achei normal andar. Não vou me trancar em casa só porque esses canalhas resolveram fazer terror na cidade. E além disso...

MOURA – Uma nojeira, isso é que é. Falta de respeito, de decoro. Atentado ao pudor. Sabe desde quando moro aqui, neste edifício? Há quase trinta anos. Já vi de tudo. Bom e ruim. Mas ultimamente a coisa ficou intolerável. Sou deficiente físico. Não deveria ser obrigado a presenciar certas coisas. Tão triste. Deprimente. Vejo de tudo da minha janela. Fico de olho. Não pode imaginar as coisas que presencio. E o imbecil do síndico se nega a reforçar a segurança do prédio. Por mim, botava segurança particular 24 horas aí na porta, uns caras fortes, bem parrudos. Queria ver se alguém ia ter coragem de ficar fazendo indecência assim bem aqui em frente da minha janela. Eu moro no primeiro andar, sou obrigado a ver tudo. Mas quem me apoia? O lesma do síndico nem me ouve. Se quiser manter a moral aqui, tenho que agir sozinho. Atento noite e dia. E desde que esses desclassificados desses atores se instalaram aí no térreo, nunca mais tive sossego.

ISOLINA – Eu estava aqui no bar. Tinha parado de chover fazia pouquinho. Nós estávamos fechando. Quando tem confusão, a gente fecha sempre mais cedo. Mas por causa da chuva, o pessoal ficou preso aqui até mais tarde. Choveu muito, nossa! Quando ouvi as sirenes, fiquei com um medo! Achei que os bandidos estavam atacando o posto da PM, esse mesmo, que fica aí, do outro lado da igreja. Mas não era. Era a polícia. Entrou fazendo um barulhão que parecia o fim do mundo. E tudo por causa desse coitado desse moço, o seu Eloy. Não, ele nunca almoça aqui. Nem janta. Sabe como é, ele é artista de televisão. Vem aqui tomar café, é muito simpático, mas quase não conversa com a gente. Uma vez eu mandei uma carta pro programa que ele trabalha. Pedi ele pra me desenhar um modelo pra um batizado que eu ia ser madrinha. Ele leu a minha carta no ar, falou meu nome e tudo e desenhou o vestido. Mas eu não consegui. A produção do programa dele me mandou o modelo pelo correio. Por Sedex, que é o maior caro. Mas não deu pra eu fazer. Só o pano ia ficar pela hora da morte. Eu fui lá na 25 de Março ver, no dia da minha folga. Nossa, que sufoco, nem dá pra andar ali. E imagina! Dois mês de salário eu ia gastar, se comprasse aquele pano todo. Era tudo brocado e renda e tafafá, tafefá, sei lá como fala. E tinha muito babado e muito frufu.

Com meu ordenado? Eu tenho filho e marido pra sustentar! Meu Jonas tá desempregado faz seis mês! Não para quieto. Se mexe, um monte de bico, mas tá desempregado.

MOURA – Chamei a polícia. Chamei sim. Não é a primeira vez. Já me conhecem no posto. Estou aposentado por invalidez, mas pensam o quê? Fui advogado. Sou amigo de autoridades. Não admito sem-vergonhice. Aqui, na frente da minha janela. Isso é demais.

ELOY – Eu e o rapaz ali, uma coisa simples, normal. De repente ficou cheio de carro de polícia. Chegaram não sei de onde. Parecia que a gente estava atacando o posto dos PMs, como os bandidos fizeram no fim de semana. Nunca vi. Estúpidos, caramba, como foram brutos!

LEO – Os meganha vierom pra cima da gente com tudo. Putaqui ospariu, meu. Tava ali faturando um troco e os cara não dão moleza. Porra. Os gambé qué que a gente vai fazê o quê? Assaltá? O que eu vô sê, avião? Daí pegá uma cana preta. Quem qué isso?

ISOLINA – Nós não temos nada que ver com o que as pessoas fazem ou não fazem, não é mesmo? Eu não gosto de falar da vida alheia. Como é que dizem mesmo naquela folhinha que

eu gosto? *Viva e deixar viver*. Isso é o máximo. Acho tão lindo. Mas o mundo não é assim. E tem um problema. Certas coisas, a gente não faz na rua. Pra isso tem hotel, casa, motel. Na intimidade, entre quatro paredes, pode acontecer de tudo, de tudo. Nossa, fico sabendo de cada uma, aqui! Balcão de bar é que nem confessionário de padre. A gente acaba ouvindo tudo. Mas não precisa fazer na rua, né? Daí o aleijadinho não ia implicar. Nem ia ficar sabendo. Sei que esse aleijadinho é um pentelho. Ninguém gosta dele. E não ia ser melhor assim, se o seu Eloy tivesse ido no hotel? Eu acho.

168

ELOY – Aquela hora eu estava muito triste. Tinha acabado uma relação com uma pessoa que eu gostei muito, sabe. Uma pessoa que eu amei de verdade, e que me deixou de repente, sem mais nem menos. Pelo celular. Eu estava numa festa. Comemorando o aniversário de uma menina lá do programa. Cheio de gente... daí essa pessoa me liga pra dizer que tinha conhecido alguém, que estava tudo acabado. No meio da festa. Já viu fazer isso?

MOURA – Eu estava vendo televisão. Tenho insônia. Muitos problemas de saúde, sabe. Então quase não durmo. Quer dizer, durmo, mas muito pouco. Vocês não fazem ideia de como é a vida de um idoso que...

LEO – Apareci lá na casa da minha mãe ontem de manhã e a véia me disse: *Faz um bico, Leo, arruma uma grana, que a tua irmã pequena, ela tem cinco ano, a tua irmã pequena tá com febre faz treis dia, o médico do posto passou uma receita e nós num tem grana e o cara da farmácia num faiz fiado pra nós.* Eu tinha que se virar, né não? Ou ia ia deixar minha irmã sem o remédio? Já pensou?

ISOLINA – A gente vê coisa aqui que deixa mais triste que alegre. Não sei não. Eu queria que todo mundo fosse feliz. Mas o povo não é feliz. Eu sou. Mesmo com o meu Jonas desempregado, nós não podemos se queixar. E todo dia ele vai atrás de trampo. Todo dia. Sai cedinho. Só vendo. Arruma uns bicos. Ele queria voltar a trabalhar de motorista, já fez esse serviço. Mas demitiram ele porque teve um acidente com o ônibus que ele dirigia, e não chamaram ele mais. Como se proibissem de trabalhar. Já pensou?

ELOY – Foi no meio da festa, eu tava numa festa. Já contei isso? Então. O celular toca, eu vi pelo visor que era o meu amor. Fui pro terraço atender. E o filho da puta me diz sem mais nem menos que não queria mais, que não tava dando certo pra ele. Tudo que eu fiz por ele...

MOURA – Não dá. Eu não suporto mais. E não sou só eu. Tem uma porção de gente aí que é

contra essa sem-vergonhice. No meu tempo, cinema fechava na Sexta-Feira Santa. A gente ia pra rua de terno e chapéu. Mas agora... Agora quem manda é bandido, é desclassificado, é artista. E esses ataques. Bandido atacando polícia! O fim do mundo. E olha esse teatro aí. Vêm pra cá, se acham os donos do mundo, fazem cada festa indecente, e ninguém diz nada. Cultura, falam que fazem cultura. Indecência, isso sim...

ELOY – Nem consigo pensar na minha vida sem essa pessoa.

LEO – O cara tava ali. Querendo coisa. Coroa, usava uma roupa da hora, calça de jins de coroa grudada no corpo, camisetinha e um tênis de prata, um tênis de prata. Nunca que tinha visto. Foi ele que veio puxar papo. Eu nem fiz nada. Só dei uma coçada ansim.

ISOLINA – Tem clientes muito finos aqui. Não é porque é um bar que é esculachado. Não é não. Aqui vem de tudo. A gente conhece escritores, advogados, arquitetos, jornalistas, artistas. Até artista da Globo já apareceu aqui. Um tempo vinha aquela que fez a manca, depois aquele loirinho que é uma graça, dá vontade de dar uns amassos, e mais uma porção de pessoas de tudo que é jeito. E as travestis. Elas não gostam quando a gente fala elas. É tudo elas. Eu fico

triste quando elas brigam, vão embora, não aparecem mais... Umas morrem. Se matam. São matadas... Uma, lindona, um monumento de mulher, vinha aqui toda hora, era rica, tinha carro e tudo, morreu na lipo. É perigoso ser travesti, pensa o quê?

ELOY – Estava tão triste, precisava conversar. A figura me disse assim: *Não quero mais. Tou envolvido com outra pessoa.* E eu na festa. Ainda bem que eu tava na varanda. Porque comecei a chorar. Foi. Comecei. Chorei. Mandei tomar no cu, chamei de filho da puta.

MOURA – Ali, com insônia. De madrugada, já. Tenho tevê a cabo. Minha filha paga pra mim a assinatura. Porque com minha aposentadoria nunca que ia poder. Ela me ajuda, paga a empregada, o plano de saúde. Tava vendo o canal do telejornal. O que eu mais vejo é o canal do telejornal. De vez em quando um filminho, algum documentário... É tudo uma nojeira. Eu falo do Brasil, mas o mundo inteiro está assim. Só que não como aqui. Vê o que aconteceu domingo. Oito policiais assassinados pelos bandidos. Oito. Em uma noite. E civis mortos queimados no ônibus, não deixaram eles saírem de lá! Como pode? Mas é esse maldito governo. Quem ia pensar que um dia íamos ter um presidente assim, tão mal preparado. Se bem que na minha vida toda

nunca vi um presidente bem preparado. Mas agora! Corrupção pra tudo que é lado, banda-lheira, uma canalha manda em tudo.

ISOLINA – O seu Eloy é muito simpático. Nossa, isso ele é.

LEO – O cara veio chegando, jogando aquela conversa fora...

ELOY – Nem pensei em nada. Só queria me distrair um pouquinho.

MOURA – Tava ali vendo o noticiário, no intervalo eu olhei pela janela e percebi os dois entrando naquele canto. Como quem não quer nada estavam indo. Disfarçando, olhando para trás. Logo entendi...

172

LEO – Daí ele me perguntou se eu não queria fazer uma brincadeira...

ELOY – Tava tão triste. Mas tão triste.

LEO – Pensei que ia me levar pro carro dele. Mas não. Quis ali mesmo.

ISOLINA – Então, nós ficamos a noite inteira falando dos ataques, dessa coisa toda. Com o posto da PM bem aí... A gente fica com medo. Já pensou se de repente os bandidos aparecem?

ELOY – Não sabia que era menor. Poxa, olha pra ele e vê se parece menor. Tem barba na cara, cavanhaque e bigode, como os garotos estão usando hoje. Cara de 20. No mínimo 18. Menor, nunca. E claro que eu não ia levar pra minha casa. Nem pra um hotel. Já pensou? Achei que ele podia me assaltar. Nunca imaginei que fosse menor, caramba.

LEO – Meu, eu não vou ficar falando pros cara que eu sou de menor. Acha o quê? Que eu sou troxa?

ISOLINA – E daí de repente aquele barulhão. Parecia que tinha chegado a guerra. A Irma, essa que é minha colega, nossa, ela quase fez xixi nas calça de tanto medo. Era um monte de polícia.

173

MOURA – Quase me acabei de tanto rir. Os PMs vieram com tudo. Mas eu exagerei. Falei em orgia, em muita gente, em suruba. Acho que aquele veado magrinho é do teatro. Já vi ele por aí. Bicha é outra raça que eu não aguento. Matava, junto com os artistas e os bandidos. Aliás, se matasse as bichas, não ia sobrar artista, não é? Todos são.

ELOY – Tudo estava indo bem...

LEO – Eu ia faturá cinquentão. Quando que ocê fatura cinquentão em dez minuto? Quando?

ISOLINA – Foi uma doideira. Sirenes ligadas, berros. Parecia que tinham achado os bandidos que queimaram os ônibus.

ELOY – E de repente aquela balbúrdia. Uma gritaria. Eu não entendi. Não achava que podia ser comigo. No começo não. Mas daí eles vieram empurrando, pedindo documento.

LEO – E o gambé reconheceu o cara. Sacou que era um sujeito do programa de televisão. A bicha era famosa.

ELOY – Um boquete. Um boquetinho de nada.

174 LEO – O tiozinho tava chupando a minha pica. E não é pra me gambá, mas meu cacete é grande, viu.

MOURA – Numa porcaria de madrugada de terça-feira. Terça-feira. Foi já um dia tão importante na minha vida! Toda terça a diretoria do escritório de advocacia onde eu trabalhava almoçava junta, costume americano. E eu sempre acompanhava. Eu não era diretor, mas era secretário do conselho. Só restaurante cinco estrelas. Era um escritório forte, um dos maiores da praça.

ISOLINA – Meu deus, nós ficamos apavoradas. Apavoradas. O que estava acontecendo? Já não tinha quase ninguém na rua, naquela hora. Os

teatros estavam fechados fazia tempo. Não. Segunda eles trabalham também. Tem peça todos os dias. Mas aquela hora que a confusão rolou, estava tudo fechado. Era bem madrugada, já. Meus pés tavam tão inchados que eu mal conseguia me aguentar em cima deles. Nossa.

LEO – Já chegaram dando tapa, os gambé. Atentando ao pundor, era só berro. Sei lá. E daí começou a revistá, a passá a mão em tudo que era parte. E tirou a minha carteira do bolso. E não tinha nada. Dois real, um passe e o ducumentu. E nu documento eles virum que eu sou de menor. Um começô a gritá pro outro *Olha só, olha só*.

175

ELOY – Eu sou de boa família. Minha mãe é neta de barão do café. Não sou um qualquer. Ela se casou com um herdeiro de uma família libanesa finíssima, meu pai. Já morreram, os dois. Graças a deus. Não estão aqui pra me ver nessa situação tão absurda. E pensar que se aquele cachorro vagabundo não tivesse me dado um pé na bunda pelo celular, nada disso teria acontecido. Eu teria ido pra casa depois da festa. Pra ver um filme. Tenho mais de 500 DVDs. Na maior parte obras de arte. Adoooro cinema. Estava pensando em ver *Uma Rua Chamada Pecado*. Do Tennessee Williams. Conhece? É com o Marlon Brando no começo da carreira. Meu Deus, o que era

aquilo?... E a Vivian Leigh de Blanche DuBois: *Eu sempre dependi da bondade de estranhos.* Ah, eu tenho educação. Tenho berço. E sou um comunicador.

LEO – A gente é fudido sempre. E agora que eu ia pegá uma graninha com o otário, os cara chega bem na hora. Nunca vi. Eu nasci pra me ferrá mesmo. Educação... E como que pode tê educação, meu? Fui mais é me virá pra arrumá uns troco pra me aguentá e pra ajudá a mãe quando dá. Num é fácil. Fui na escola só treis ano. Nem lembro de nada. O resto do tempo foi de engraxate que eu trampei. Passei a mão nuns troço, quando deu. E por poco tempo fui avião, tamém, dos home lá da quebrada. É... lá na quebrada que eu moro. Lá, meu, vacilô, dançô. Né mole não. Meu, eu nunca pensei que eu ia chegá nessa idade. Sempre achei que eu se ia antes. Cos meus irmão é tudo a mesma merda. É treis minina e dois home. Nois é cinco. Pensa que é fácil? Difícil pra caraio.

176

MOURA – Esse povo parece que não tem família, não teve mãe! Parece tudo filho de chocadeira. Pra que serve gente assim?

ISOLINA – Sempre fui de respeitá as intimidades. O que é comigo, é comigo. O que não é, não é. Claro, contam muita coisa pra gente. E a gente

ouve, né? Mas não sou de fofoca. Não saio espalhando nada por aí. Cada um tem sua história, né mesmo?, seus problemas. É como diz a velhinha surda que vem aqui tomar café todo dia: *Cada um sabe onde lhe dói o calo*. Acho uma graça! Mas é verdade.

ELOY – Não estou acostumado com isso. Me empurraram. Fiquei berrando que eu tenho curso superior. Que eu me formei em jornalismo. Porque eu me formei em jornalismo. O quê? Não. Pelo Instituto das Profissões Liberais. Não conhece? Pois é uma faculdade ótima, lá na Aclimação. Graimei quatro anos lá. Toda manhã. E daí eu fiquei gritando que era jornalista. E os caras só tirando sarro de mim. O que eu não sei foi como a polícia descobriu. Porque a gente tava de um jeito que não dava pra ver nada da rua. Não entendo como acharam a gente naquele canto. Estávamos muito bem escondidos. Eu não sou besta.

LEO – E daí eu falei que a bicha tava mamando, que eu não tinha feito nada, que eu era de menor, mas os gambé me deram uns tapa, meu. Doeu pra caraio. Aqui, ó. E aqui. Acho que até tá mole esse dente. Não tava mole não, agora acho que tá.

MOURA – Fiquei olhando tudo pela janela.

ISOLINA – Depois vieram dizer pra nós que não era ataque de bandido, não, que era uma história de dois homens fazendo coisa feia ali no cantão.

ELOY – Eu nunca tinha passado por nada parecido.

LEO – Aqui rola o tempo todo. Os cara vem, a gente fica ali na outra esquina. Só no aguardo. E daí o que mais rola é de carro. O cara sempre vai prumas quebrada aí. Ô prum motel. Ah, tem um monte de motel que não pede documento. E eu tenho pinta de mais velho. Tenho ou não? Nunca ninguém me pergunta se eu sou de menor.

178

MOURA – Fiquei muito feliz quando vi os dois sendo trazidos presos. Vi quando eles foram enfiados nos carros. O mais velho foi no camburão.

ISOLINA – Daí a Veneza, aquela travesti loira de cabelo fininho, veio dizer que era com o seu Eloy. Ela conhece ele. Vê o programa dele. Disse que era o seu Eloy. Eu não acreditei.

ELOY – Foi só porque eu estava muito triste. Não estava pensando direito. E depois que desliguei o celular. Porque eu desliguei. Desliguei na cara dele. Então, depois que eu desliguei o celular, eu, que não sou de beber, tomei três doses de uísque. Uma em seguida da outra. Como se fos-

se água. Não dei vexame, não fiz nada. Só fui embora. Desci a Augusta a pé. Porque a menina que fazia aniversário mora na Frei Caneca, sabe, perto da Loca. E eu moro na Ipiranga, ali no Copam. É pertinho. Então vim descendo a pé. Ainda estava chovendo um pouco, mas achei que ia fazer bem, pra esfriar a cabeça. Eu não tinha ido de carro. Deixei na garagem, porque pensei que aquele filhodaputa, aquele escroto, aquele monte de bosta ia me buscar na festa. Mas não. Me deu uma bota! Ah, só de falar nisso já me dá um aperto. Um nó na garganta.

ISOLINA – Foi um susto.

LEO – Uma merda.

MOURA – Eu gritei *Bravo*, quando vi os dois enfiados nos carros.

ELOY – Não levaram a gente junto. Eu fui num camburão e ele em outro carro. Maior humilhação da minha vida.

MOURA – Porque é esse o tratamento de que essa gente precisa.

ELOY – Queria morrer. Queria acordar e descobrir que era pesadelo. Pensei: se eles me soltarem logo eu me mato. Me mato.

LEO – Os cara fudero co meu programa. Eu ia faturá cinquentinha em menos de 15 minuto. Quantas veiz num meis eu consigo levantá isso?

ISOLINA – Ai, a primeira coisa que eu pensei foi: *Coitado do seu Eloy*. Porque ele não merece isso. Moço fino. Toda vez deixa gorjeta.

LEO – Precisava tanto dessa bufunfa. Putamerda.

MOURA – Chamei a polícia e chamo sempre que precisar. Imaginei muito bem o que eles estavam fazendo lá no...

180

ELOY – Acabaram com a minha carreira. Com a minha vida. Foi isso que eu pensei. Até bolei como eu ia me matar. Sabe aquele viaduto que vai da Peixoto Gomide até a Itapeva, em cima da Nove de Julho? Pensei, a grade lá é baixinha. Vou lá e me jogo. Isso que vou fazer. Não tinha mais ideia nenhuma. Que que a gente faz numa hora dessas? E claro que alguém avisou jornalista. Tinha gente lá no distrito esperando pra me fotografar quando descí do camburão. Tinha uma câmara daquele programa nojento do Piolho, na Tevê TV. Tive que esconder a cara na camiseta, como fazem os marginais quando vão presos. Que vergonha. E fui fichado. Os dez dedos sujos de tinta. Fotografado de frente e de perfil. Atentado violento ao pudor e sei lá o

que mais. E com menor de idade, que complica essa bosta toda. Quem diria que aquele garoto era menor, meu deus!

ISOLINA – A Veneza ficou contando um monte de vez que viu o coitado do seu Eloy levado embora. Enfiaram ele no camburão e ó. Se mandaram. Pobrezinho. Faz um tempão que trabalho aqui, e nunca vi ele metido em confusão. Passa sempre aí em frente, vem tomar café, cumprimenta, paga e sai. Discreto, sabe. Mas com umas roupas meio assim, né, espantadas. Que a gente repara. Mas muito discreto. Educado, sabe.

LEO – O cara tava chupando a minha piroca quando os gambé apareceu. E minha raiva é que nós não precisava de tá ali. Quando a bicha se chegou, veio com história, que nunca tinha feito isso, que não sei o que e não sei o que mais. Falei pra gente ir no carro, no HO. Mas ele nada que queria. Disse que não, que isso não, que coisa. E eu saquei que eu ia perdê a grana. Intão eu disse que tudo bem, que a gente ia ali no cantão mesmo, que ficava legal. Mas na hora que eu falei eu achei que podia ser sujeira, que não ia ser legal. Fiquei torcendo pra não rolá nada, mas os home apareceu.

ELOY – Ele disse que queria ir pra um hotel. Mas eu nunca que eu ia pra um hotel com aquele

guri. Tem cara de marginal. Marginal, sim. E sexy. Muito sexy. Me enlouqueceu o jeito sacana que ele tinha de olhar. Muito safado. Prometia tudo. Um olhar louco, sei lá. Daí a gente foi lá pra um canto que ele conhecia. Não dava pra ver nada da rua. Eu não sou louco. Fui sondar. E tava tranquilo. Eu me ajoelhei. Ele meio que me forçou, me empurrou pra baixo. E quando cheguei lá, pensa que tava mole? Já tava duro feito uma pedra. Ele tava com tesão em mim. Isso me deixou mais louco ainda. Isso e o cheiro. Porque tinha um cheiro ali. De macho. Limpo, superlimpo. Não é isso. Era aquele cheiro de tesão, o suor de lá. Amo esse cheiro. Cheiro de atleta, de operário. Me vira a cabeça. Ah, meu deus, eu não agüentei. Caí de boca.

LEO – Eu não precisei falar nada. Ele fazia tudo. Passava a língua onde tinha que passar. Parecia, sei lá... Parecia uma putinha. Uma putinha dessas bem novinha, que ainda tem tesão. Porque puta velha não tem tesão de mais nada. Puta nova não. Puta nova quer. Gosta. Era assim. Passava a língua embaixo do couro, que eu tenho um monte de couro. E suspirava. Eu queria comê o cu dele. Tava pedindo, tava tentando dedá o cu dele quando os gambé chegou. Daí fudeu.

ELOY – Fiquei apavorado. Eles me fizeram passar a noite no xadrez. Eu supliquei pra ligarem pra

minha produtora, pra avisar. Ela ia lá. Pagava fiança. Porque eu sabia que não era crime inafiançável. Não era hediondo. Tinha certeza que não era. Tenho residência fixa e documentos. Não podiam me prender. Não matei ninguém, não trafiquei. E o moleque queria. Eu ia pagar ele. Ia pagar. Não era de graça.

MOURA – Quando eu era criança não tinha disso não. Se tinha, ninguém via, ninguém sabia. Esses desclassificados tinham medo, se escondiam. Eu sinto saudade de quando eu era criança. A gente sabia das coisas. O que era certo, o que não era. Tudo tão claro. Hoje eles querem nos confundir. Vêm com essa história de que tudo é relativo. Relativo uma pinoia. O problema é que não se sabe mais nem o que é esquerda, o que é direita. Desde que o comunismo acabou está essa bagunça! Engraçado, quem ia pensar? Depois do comunismo, o mundo ficou muito mais confuso. Eu odeio comunista. Mas tem que reconhecer. No tempo deles era tudo mais organizado, tudo mais no seu lugar. Era fácil identificar o inimigo. Agora é uma balbúrdia, um caos.

ISOLINA – Meu filhinho fica com a minha irmã. Ela trabalha também, mas em casa. É costureira. Faz de tudo. Foi ela que costurou meu vestido praquele batizado que eu ia ser madrinha e que o seu Eloy... Mas eu já contei essa história, não

contei, não? Então. É essa... E não tem marido. É viúva com uma filha grande já, que estuda pra entrar na universidade e tudo. E o Júnior fica lá com ela. As duas cuidam dele pra mim. A maior sorte é que a gente mora tudo perto, minha irmã mora em frente do meu apartamento. Porque o Jonas tá desempregado, mas pergunta se fica em casa pra olhá o menino. Fica nada. Também nem tem como, não para de fazer bico. Ajuda em frete, vai no Ceagesp, compra coisa, vem vendê na feira. Ele não para. Sempre me diz que um dia vai me tirar daqui. Que um dia eu não vou mais trabalhar. Mas quem qué ficá sem trabalhá? Eu, não.

184

LEO – Minha mãe eu quase não vejo. Quer dizer, agora ela vai ter que aparecer, né? Agora que eu vim preso aqui no juizado. Aqui eles me tratáro bem. Não teve tapa, não teve nada. Eu já fui na Febem. Já dei um tempo lá. Meu, a barra pesava. Daí minha mãe falô com uma mulhé que é não sei o que social. Daí eu saí. Agora vô voltá né? Já vi tudo. Porra, se eu sobesse como ia me custá caro aquele cinquentinha, nunca que eu ia tê levado a bicha lá pro cantão. Que bosta.

MOURA – Tem muita hora que eu gostaria de morrer. Fico pensando: *O que eu ainda estou fazendo aqui?* Já fui religioso. Mas quem tem o tanto de doença que eu tenho perde qualquer

crença. Ah, perde mesmo. Como que vai acreditar em Deus? Rezei tanto. Pedi milagre. E nada, nada. Nunca me veio uma ajuda do céu. Céu, sei muito bem o que é isso. Minha mãe era beata, rezava, fazia novena, promessa. E levou uma vida miserável. Meu pai era um animal. Encheu a coitada de filhos e daí sumia de casa dias e dias. Se metia lá com as quengas dele. Chamar de cachorro é elogio. Eu dizia pra ela que não tinha pai. Ela me dava tapa na boca, com tanta força que fazia sangrar. Dizia que era sacrilégio. Que que adiantou tanta reza pra ela? Morreu sozinha. Só eu estava perto dela, só eu. Nenhum filho, nenhuma filha, o marido, então... Mas eu vinguei ela. Quando meu pai ficou doente e precisou de mim, pergunta se eu dei apoio, pergunta...

185

ISOLINA – Às vezes eu fico cismada. Acordo de noite e fico pensando. Noite que o meu Jonas tem frete. Não gosto de dormir sozinha. Não queria que ele tivesse de fazer essas coisas. Fico com medo. Ele nunca me conta o que tá carregando. E se for coisa que não presta? Porque homem quando fica sem dinheiro, é assim. Faz qualquer coisa. Homem que é homem não gosta de depender de mulher. E tem um tempo que sou eu que pago as contas lá de casa, o aluguel, o condomínio. Sorte que nós encontramos esse apartamento baratinho, aí no Bixiga, grudado

na Rua Santo Antônio. Então nem preciso gastar dinheiro com condução.

186 ELOY – Nunca fiz nada errado. Nunca fiz nada proibido. Sempre fui funcionário exemplar. Chego uma hora antes do meu horário. Só pra ter certeza. Não gosto de surpresas, de bagunças de última hora. Desde quando eu trabalhava na Rua São Caetano, desenhando noiva, eu era assim. Porque nem sempre eu fui Eloy Helol. Eu já fui um zé-ninguém e desenhei muita noiva lá na São Caetano. Noiva gorda, magra demais, com acne, estrábica, com a pele estragada, com cabelo estragado, com hálito de dragão. Tudo que é tipo. Ficava sonhando que um dia ia ter meu ateliê, que ia ter uma grife. Ateliê eu abri, mas grife... Nunca consegui ter grife. Desfilaram na São Paulo Fashion Week, então... Se eu tivesse uma chance, ia me dar bem. Talento não falta. Eu odiava a Rua São Caetano, odiava o cheiro do perfume vagabundo daquelas mulheres sem classe que iam lá... Daí fui trabalhar no ateliê do Renan. Muito legal, lá. Foi onde eu conheci as produtoras que me levaram pra trabalhar como estilista no programa feminino. E um tempo depois eu abri o meu ateliê.

LEO – Eu quero de i pro exército. Acho que no exército eu ia me dá bem. Eu sou porreta, meu. Comigo ninguém leva vantagem. Mas na hora de

obedecê uma ordem, eu faço o que os home manda. Não sou besta. Sei o que é bom pra mim. Então é assim. Eu ainda vou lá. Só falta dois ano. Em dois ano eu vou poder cumprir o serviço. E daí eu vô tê um futuro. Lá eu quero me aprumá. Aprendê um ofício. Eu tenho as manha, porra. Sei me virá e nunca que nem fui na escola direito. Precisava de i no dentista, mas isso tem no serviço militá, não tem não? Eu quero dá um jeito em mim. Porque senão eu vô amanhecê qualqué dia aí furado de bala. Õ um tarado me pega e me estripa. Gente qui nem nós num vive muito, né não? Mas bem que eu gostava.

ISOLINA – Daí então a Veneza veio contando do seu Eloy. Já disse, né? Nós ficamos tristes. Mas depois eu pensei, poxa vida, um homem tão educado, tão inteligente... Precisava fazer essas coisas no meio da rua? Diz que ele tava lá, ajoelhado na frente do moleque. Mas não estava rezando, não. Ah, meu deus, só rindo. Essa é boa, Não estava rezando, mesmo. Quer dizer, vai ver que ele pensa que aquilo é um tipo de reza, né? Não sei qual é a religião dele. De repente... Ai, meu deus! Já pensou. Para de rir. Eu mesma não guento, acabo rindo. Olha só... Mas já pensou? Vai ver que é da religião dele. Que na igreja deles isso é comunhão. Já pensou? ... Que sacrilégio. Eu vou pro inferno! Ai, meu

deus, eu não aguento. Deixa eu sentar. Tô sem ar já. Deus castiga. Não pode rir da desgraça alheia. Ai, tô sem ar. Coitado do seu Eloy.

LEO – E agora, podi crê, eu vô volta lá pra porra da Febem. E não vô saí fácil não. Eu sei como são as coisa. Mas é poco tempo. E eu vô sabê tirá de letra. Eles qué recoisar a gente. Ressocá, ressocoisá, sei lá. Qué que a gente fica tudo do jeito deles. É na base da porrada. Mas porrada eu tamem sei dá. Já nasci dando porrada, meu. Ninguém vai me abusá. Ninguém. Já tou no lucro. Nem era pra eu tar vivo. Não sei, não sei o que que a gente vem fazê aqui. Não sei. Que bosta filha da puta.

188

MOURA – Queríamos ter tido muito mais filhos, eu e Laura. Mas não foi possível. Ela teve problemas no parto. Foi difícil. Nunca mais conseguiu engravidar. Nós gostávamos de criança. E como ela cuidava de mim. Eu sempre fui o doente da família. Brincava com ela, cada vez que a minha saúde se complicava mais, que estava treinando ela pra ser minha enfermeira, assim a gente não ia precisar gastar dinheiro com isso quando ficássemos velhos. Mas ela acabou morrendo antes de mim. Eu no fim das contas eu que fui o o enfermeiro dela no câncer. Quem diria? Nossa filha nunca foi muito apegada. Mulher independente, mora sozinha, não quis

casar, nunca vi andar com namorado, essas coisas. Nem gosta quando eu telefono. Sinto isso. Seca. Queria ter netos. Laura também queria ter netos. Nós ficamos decepcionados quando a menina avisou que não ia casar, não estava interessada. Independente. Fez advocacia, poderia ter trabalhado no mesmo escritório onde eu fiquei até ser aposentado, era ótimo aquele escritório, mas não, quis ir pra outra área. Direito internacional, especializada em informática. Ganha uma fortuna. Mora em um apartamento nas Perdizes que é quatro vezes isto aqui. E esse meu apartamento é grande. Três quartos, sala com varanda. Laura sempre reclamava. Pra que precisamos de tanto espaço? Empregada não dá conta. Mas eu gosto daqui. Nunca quis mudar. Até agora, não é? Até agora.

189

ISOLINA – Daí hoje cedo a Marina da barbearia veio mostrar o jornal. Tá lá o seu Eloy. Uma fotografia dele. Tentando esconder a cara com a camiseta. Mas não esconde, coitado. O fotógrafo pegou certinho a cara dele. Tá lá pra quem quiser ver. Com o nome dele grande na capa do jornal. E do lado da foto dele preso, a foto dele no programa, desenhando pra mulherada, todo simpático, sorridente, com a plateia aplaudindo. Pobrezinho. Dá um dó. Engraçado que enquanto eu olhava a foto, fiquei pensando que o seu Eloy

é tão cheio de história. Gosta de café com um pouquinho de leite, espuminha em cima, e não usa açúcar, nada, só canela. Quero só ver se deram café com espuminha pra ele lá no distrito. Se deram espuminha, foi uma que não tinha nada que ver com o café que eu faço pra ele, não é mesmo? Ah, eu tenho que parar com isso, não posso ficar rindo do coitado, coitado.

LEO – Diz que tão esperando minha mãe aparecê pra daí encaminhá eu. Acho que eles pode ficar esperando. Ela só vem se eles for atrás dela. Porque nem tem como avisá. A gente não tem telefone, só o orelhão da esquina. Que tá escarangado faz mais de um meis, e ninguém vai lá consertá. Eu num mi importo de i de novo pra Febem. Bom, querê eu não quero. Prefiro continuá levando minha vida. Mas se tivé que encará então eu encaro. Num tenho medo de cara feia. Nunca tive. Porque desde eu nasci acho que eu vô é mi acabá numa briga. Encará uma parada aí e depois não sei. Chega. Nem namorá eu não namorei. Foder legal com as minas eu já fodi, mas namorá não. Num gosto de ficá dando beijinho, de andá de mão dada. Coisa de boiola.

MOURA – Eu só não entendo como que essas coisas podem acontecer hoje na frente de todo mundo e ninguém se incomodar. Agora está todo mundo perseguindo o prazer. É só o que

importa. A vida hoje vale um orgasmo. Se reduz a isso. Não consigo imaginar o mundo assim. Onde foram parar os valores espirituais? Essa gentinha fala em arte, em arte. Arte se fazia no meu tempo. Um artista podia levar a vida inteira para ser reconhecido. E quando falo em arte falo em música de concerto, em literatura de verdade, em pintura. O resto é lixo. Teatro, eu concordo com Platão, deveria ser banido da sociedade. Corrompe a alma. Cinema também. Para cada filme bom que é feito há dez mil montes de estrume exibidos por aí.

ELOY – Eu passei a noite lá, na cela. Não fiquei com os presos comuns. Tenho diploma universitário, graças a Deus. Havia mais quatro, lá, comigo. Um jornalista, um médico, dois advogados. Me disseram que acusaram esses dois de serem do PCC. Boa companhia, não é? Mas não posso me queixar. Ninguém relou a mão em mim. Mal conversaram comigo. Mesmo assim eu não consegui fechar o olho. Só de pensar que tava preso me dava uma agonia... Graças a deus agora de manhã o advogado da emissora foi lá, pagou a minha fiança e conseguiu me tirar. Foi um sufoco conseguir sair da delegacia sem falar com a imprensa. Os caras ficaram esperando a noite inteira pra me entrevistar, dá pra acreditar nisso? Daí a gente passa em frente de uma

banca de jornal e eu vejo minha cara estampada. Que absurdo, que coisa, fiquei sem saber o que dizer. Deu vontade de chorar. Rádio noticiou, telejornal noticiou. Acabaram com a minha vida. Falaram até que eu forcei o menor. Imagina. Ele é muito mais descolado do que eu. Imagina!

ISOLINA – Então, o que eu menos esperava era que o seu Eloy fosse aparecer aqui. Mas isso mesmo que aconteceu. Com a mesma roupa que ele está na foto do jornal. Entrou aqui às 11 da manhã. Tinha acabado de abrir o bar. Ele tava tão murquinho, coitado. Pediu café e pão na chapa com manteiga. Com uma cara de cachorro molhado! Daí tocou o celular dele. Não sou de ficar ouvindo conversa, mas ele falou tão alto que o bar inteiro ouviu. Sabe, eu percebi que era do trabalho dele, lá. Era alguém do programa. E adivinha o que fizeram? Mandaram ele embora, né? Fiquei com dó. Mas pensa bem, que mais os caras lá da televisão podiam fazer, gente? Eu fiquei pensando nisso. O seu Eloy saiu em tudo que foi jornal, está na televisão também. Falaram dele no noticiário agora de manhã. Acho que ele nunca foi tão famoso. Mas que fama que não precisava ter, não é? Ser famosa assim eu não quero não. Acho que nem ele.

LEO – Não tenho nada pra perdê. Nada. Olha aqui, tá vendo isso? Foi quando rasgaram minha

boca numa briga. A cicatriz ficô pequena, mas sangrou pra caraio naquele dia. E olha aqui, cicatriz de facada, quando eu tava querendo fugi de uns malaco que queriam levá a grana do pô dos home. Foi melhor facada que tiro. Eles num mi pegarom. Tava sangrando tamem, mas fugi feito um louco. Se não levasse a grana pro home, os cara ia me apagar sem tardança. Ô se ia. A gente tem que sabê quem tem que respeitá. E tamem tem que sabê quem a gente pode socá. Porque se a gente não mostrá que é macho, tá fudido. Só mostra que é macho indo com macheza pra cima de alguém. Se ocê não come o cu do cara, ele vai comê o teu. Assim que é. Se a muié do social não me tirá da Febem agora, eu sei o que eu tenho que fazê. Não vô dá moleza pra ninguém, ninguém.

193

ELOY – Naquela hora me deu vontade de jogar o celular no chão, chutar, pisar nele. Que bosta, tudo que é notícia ruim chega pelo celular. Que merda. E tinha que ser lá no bar, com aquela moça olhando com cara de pena. Como eu odeio isso, quando me olham com cara de pena. Me dá uma raiva, que tenho vontade de explodir tudo, ver o mundo voar pelos ares. Era nisso que eu tava pensando naquela hora. A produtora nem perguntou como eu estava. Já foi dizendo que eu não tinha mais o perfil dos colaboradores do

programa, que eles lamentavam muito mas tinham que me dispensar. Pra eu passar no departamento pessoal pra assinar a demissão e acertar as contas. Eu tentei falar, mas ela foi grossa. Que isso, que aquilo. Que se eu fosse criar caso, ia ser demissão por justa causa, daí eu não ia ganhar porra nenhuma, nem um centavo. E faz dez anos que eu trabalho na emissora. Dez anos. Tudo jogado no lixo. Merda, merda, merda. Mas vou querer cada centavo que eu tenho direito, cada centavo. Meus direitos trabalhistas, porra.

194

MOURA – Daí, no telejornal da manhã, vi que o veado que foi preso aí embaixo era famoso, imagina, apresentador de um programa. O escambau. Eu só falei foi soltar rojão. Tem que comemorar. O cara foi pego com um menor. E a apresentadora do jornal dizia que a emissora em que ele trabalha divulgou um comunicado afirmando que ele não pertence mais ao quadro dos funcionários. Levou um pé na bunda. Que sensação de triunfo que eu tive. Se conseguisse prejudicar pra sempre todos os veados e todos os artistas, ia me sentir tão bem, mas tão bem, que era até capaz de recuperar a saúde. Eu tinha que ser síndico do prédio, daí iam ver o que eu seria capaz de fazer. Se eu tivesse força pra isso, queria ser prefeito. Dava um jeito nesta cidade empestuada em dois tempos. Iam ver o que é bom pra tosse, ah se iam.

LEO – Tão esperando a mãe. Parece que foram buscá ela. A muié do social apareceu aí.

ELOY – Saí do bar sem força nas pernas. Achei que eu ai cair. Só queria chegar em casa e tomar um banho. Toca o celular, quem era?, o filhoda-puta que eu amava, o tal que me deu o pé na bunda. Só o que me faltava. Mandei tomar no rabo com toda força.

ISOLINA – O seu Eloy saiu daqui tão derrotado, que fiquei com medo que ele fosse se jogar debaixo do ônibus. Quis falar alguma coisa pra ele. Mas o que a gente diz numa hora dessa?

MOURA – Eu me senti tão bem, tão bem. Até vontade de dançar me deu, de pular. Imagine, eu, pernetta, pulando! Ah, eu pensei, este mundo ainda tem jeito.

195

LEO – Capaz de eu não voltar pra Febem, será? Cara, eu até ia na igreja da mãe pra agradecer se isso for de verdade. Mas que porra. Nunca nada foi bom na minha puta vida. Por que agora?

ELOY – O pior foi a sensação de que todo mundo tava me olhando, que onde eu passava as pessoas apontavam, cochichavam.

ISOLINA – A Veneza apareceu aqui pra tomar seu café, e queria ir atrás do seu Eloy, com medo

de ele fazer uma besteira aí fora. Ela é superfã dele. Uma vez ele desenhou umas roupas pra um *show* dela, e desde então pra Veneza é Deus no céu e seu Eloy na terra. Tem adoração por ele. E queria ir na televisão, que nem ele. Essa Veneza é tão engraçada. É feia. Mas tão engraçada. Eu me escangalho de rir com ela

MOURA – E se fosse falar com os moradores, um por um, se expusesse meu ponto de vista, então, quem sabe... Vai ter assembleia de condôminos daqui a dois meses. Seria bem o tempo de eu...

196 LEO – Eu vô me aprumá se saí daqui. Ficá mais esperto. Nunca que vão mi pegá outra veiz. Nunca mais vô faze coisa na rua.

ELOY – Quando cheguei em casa o telefone fixo tava tocando. Não tive força pra atender. Deixei tocar até cair na secretária. Fiquei sentado, fumando. Eu vou ser processado. Atentado violento ao pudor com agravantes, menor envolvido e sei lá o que mais. Me falaram um monte lá na delegacia. Fui tão, mas tão humilhado que... Queria acabar, sumir, derreter feito gelo. A terra não está derretendo com o tal aquecimento global? Eu queria derreter também. E o telefone tocando. Tirei a roupa, o telefone tocando. Entrei no chuveiro. Fiquei muito tempo ali. Muito.

MOURA – Vou hoje ao médico. Às sete da noite. Vê se isso é hora de médico atender. Mas atualmente eles são assim. A consulta está marcada já desde a semana passada. Tenho a certeza de que ele vai constatar melhoras no meu quadro. Eu estou me sentindo muito mais disposto.

LEO – Meu negócio é muié. Mas tem uma coisa muito doida que rola comigo quando eu vô co's viado. É um lance que eu não sei dizê. Mas me dá muito tesão vê eles chupá minha pica. Eu fico, ah, nem sei, fico forte, sei que eles tão na minha mão, naquela hora, ajoelhado na minha frente. Pur isso que eu gosto tamem de come cu de home. Muié é muito bom, mais eu não sinto essa coisa de sê forte com elas, como eu sinto com os home. Me dá tesão. Só de pensá já vou ficando de pau duro. Melhor pensá em outra coisa. Se a muié do social chega aí e me vê de piroca armada, não vai gostá.

ISOLINA – Eu sei que esse foi o assunto do dia aqui no bar. O povo todo da rua veio comentar, falar alguma coisa. A história mexeu com todo mundo. Até mais que quando aquela travesti novinha se jogou aí do andar 16 do prédio, e caiu bem aqui na frente. De madrugada foi. Mas quando eu cheguei pra abrir o bar, na hora do almoço, o corpo ainda tava aí. Naquele dia também todo mundo ficou chocado, mas não como

hoje. Uma coisa gozada. Eu nem sabia que o seu Eloy era tão conhecido assim.

ELOY – Quando eu saí do banho escutei o recado que tinham deixado lá. Era o produtor da *Felina*, um programa que concorre com o nosso, quer dizer com aquele que eu fazia até me demitirem. O cara queria que eu ligasse pra eles urgente. Que tavam ligando pro meu celular e só dava caixa postal. Claro, depois que aquele filho da puta me chamou pela segunda vez eu desliguei de vez a bosta do aparelho. Daí eu telefonei pro cara da *Felina* e tava pronto pra falar uns palavrões se eles fossem querer me entrevistar. Mas não, sabiam que eu tinha sido demitido e queriam me contratar. Eu disse que eles tavam loucos. Disseram que louco tô eu, que não entendia o que aconteceu. Que eu virei celebridade. Que queriam me botar no *Felina* como repórter de escândalos, que iam começar contando a minha história. E que vão me ajudar no processo, porque tou valendo ouro, que os caras foram trouxas de me botar na rua. Eu não acreditei. Achei que era trote. Mas o fulano me mandou entrar na internet, no *site* deles. Na página do *Felina* tava escrito: **ELOY HELOL SERÁ NOSSO COMENTARISTA DE ATITUDE. AGUARDEM.** Daí eu vi que era sério. Caramba. Tou indo pra lá. Diz que eu vou começar hoje mesmo. Tão cansado,

queria dormir. Mas durmo depois. Quando vou ter outra chance dessa?

ISOLINA – Daí a Dona Tatá, outra velhinha que vem todo dia aqui tomar café, disse que tinha visto na televisão que tavam anunciando que o seu Eloy ia aparecer naquele programa daquela menina que foi *miss*, o *Felina*, pra contar a história dele. Que ele ia começar a trabalhar lá de repórter. E daí a gente ficou esperando começar o negócio, que é às cinco da tarde.

LEO – E minha mãe veio aí. Parece que vão deixá ela mi levá imhora. Que eu vô tê que i num lugar lá da minha quebrada todo dia de manhã pra sê ressocoisado, sei lá. Caraio, meu. Tirei a sena acumulada. Putaquepariu. Eu vô nesse treco de res-socoisá aí um tempo, depois ó, vô cair no mundo.

199

ISOLINA – E não é que ele foi mesmo lá no *Felina*! Vem vê gente, tá o máximo, o máximo!

MOURA – Daí eu estou zapeando a televisão agora mesmo e o que é que eu vejo? Ouço o nome do veado, Eloy Helol. Vou ver: o que é? Ele está dando uma entrevista nessa porcaria desse programa feminino. Falando que foi tudo armação da polícia. Que é tudo mentira. Que usaram ele pra se promover, pra mostrar serviço... Cadê o telefone dessa emissora?

ELOY – Porque, caros espectadores, eu sou filho de barões do café por parte de mãe. Meu pai era de uma família libanesa finíssima. Nunca na minha vida fui submetido a uma humilhação dessas.

ISOLINA – Gente, ele ta negando tudo. Dizendo que foi tudo mentira.

MOURA – Cadê o telefone dessa emissora? Cleusa, venha cá me ajudar. Onde está essa porcaria dessa empregada? Cleusa, Cleusa. Meu deus, Cleusa, me ajuda a procurar...

200

ELOY – Imaginem só se eu ia pôr minha carreira em risco em uma situação dessas. Vou dizer uma coisa: é verdade, sou homossexual. Mas um homossexual digno, decente. E quiseram me usar como bode expiatório. Não conseguem conter os bandidos, então inventam coisas assim. Mas eu sou digno. Dignidade agora, é isso que eu digo.

LEO – Se eu encontrá de novo com aquela bicha, vô cobra os cinquentinha. O viado tá pensando o quê?

MOURA – Cleusa, vem aqui, Cleusa.

ISOLINA – Gente, sabe que eu acredito no seu Eloy?

MOURA – Cleusa, pelo amor de deus!

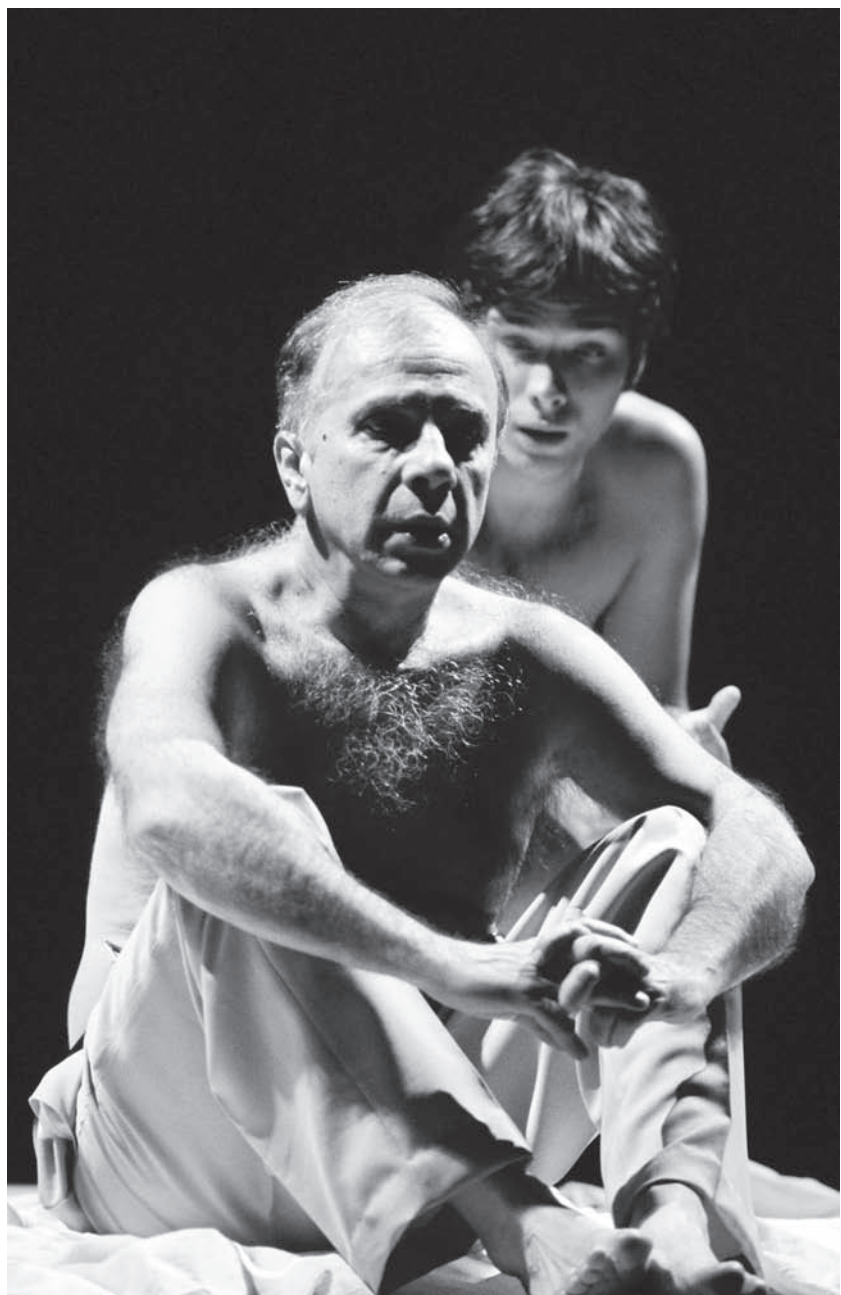
LEO – Vambora mãe, vambora antes que os cara
mude de ideia.

ELOY – É esse o meu apelo. Dignidade agora. E com o maior prazer anuncio que passo a trabalhar nesta emissora como repórter. E nossa primeira reportagem, amanhã, vai ser sobre agências de modelos e suas contratadas que morrem de anorexia, de bulimia. Tem muito lixo que vamos revelar. Vejam *Felina* amanhã. Também quero saber para onde foi que mandaram esse pobre menino que foi preso junto comigo nessa armação indecente. Vamos contar a história dele, ajudá-lo a deixar de ser um garoto de rua. Preparem-se. Vamos viver grandes emoções juntos. Até amanhã!

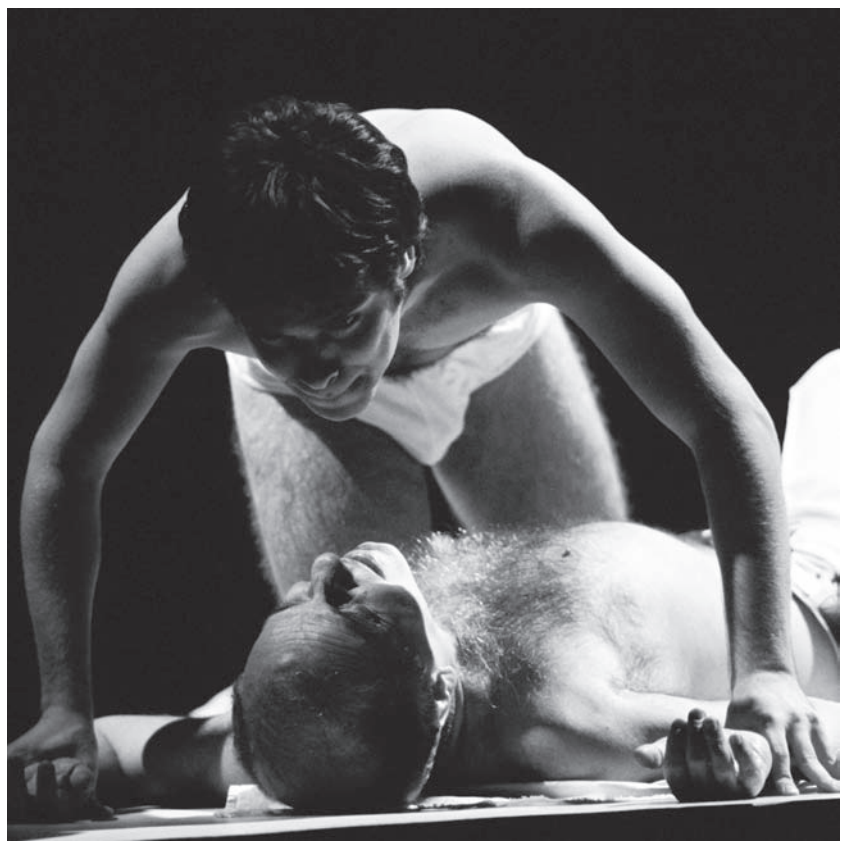
201

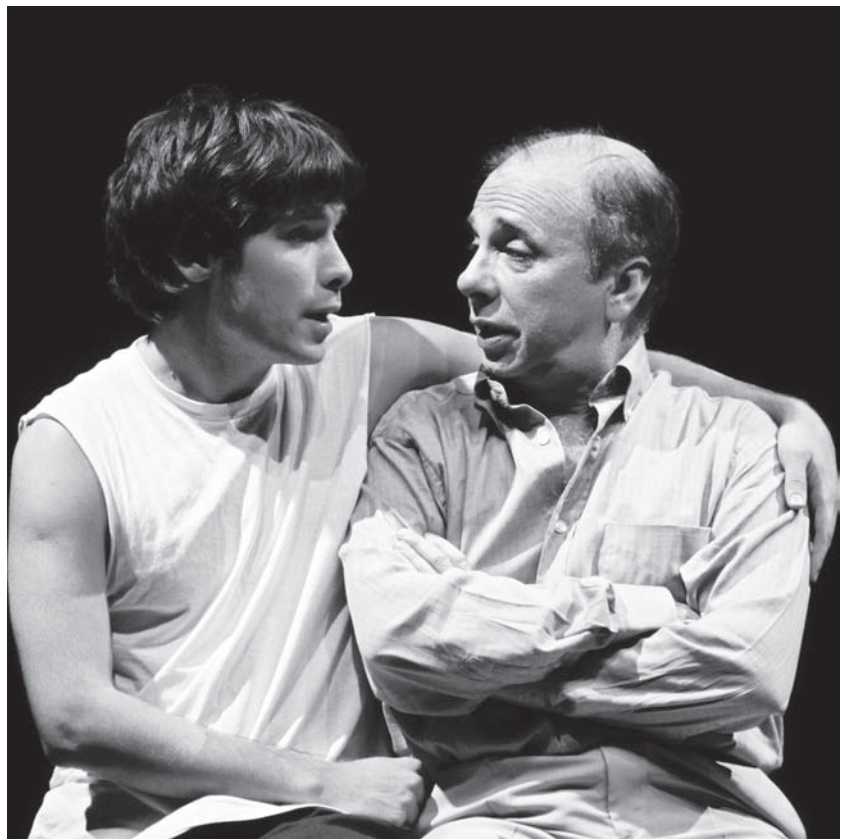
Os quatro falam ao mesmo tempo, improvisando ou usando falas do texto. As vozes crescem e se misturam agora de forma indistinguível. Música sobe. Black out.

FIM



Errado





Errado

Ação em São Paulo, no fim do ano 2000

Dramatis Personae:

Frederico

Jairo

Assunção

Paulo

Gisela

As indicações cenográficas servem apenas para situar o ambiente em que cada cena acontece. A peça não foi concebida pelo autor para se encaixar em uma estética determinada, seja realista ou teatralista ou expressionista ou impressionista ou o que for. Que os realizadores encontrem o seu melhor modo de materializar esta trama no espaço da cena.

207

CENA 1

Boate gay do Centro de São Paulo, não qualquer uma, mas a American Grafitti, vulgo Bailão, na Marquês de Itu. Há 30 anos seu nome era Homo Sapiens, ponto de encontro de bichas “finas”. Com a decadência do Centro, a frequência mudou. A casa agora é *point* de jovens que

apreciam coroas e vice-versa. Um povo que vai da classe média à “gente humilde, que vontade de chorar”. O lugar insólito também atrai descolados. Mistura ótima música dos anos 70/80 com axé, *funk* ou o que de mau gosto machista estiver em voga. Sugestão, por luz ou por algum efeito, de multidão contida num quente pequeno espaço onde pessoas dançam e se acotovelam, excitadas e ensurdecidas pelo som altíssimo.

208

Na beira da pista está Frederico. Nem magro nem gordo, ao redor dos sessenta, grisalho, barba aparada, veste calça lisa e camisa pólo. Esportivo, mas sóbrio. Aproxima-se Jairo, vinte e poucos anos, bonito, mais alto que Frederico. Usa calças largas de cintura baixa, com amplos bolsos laterais e camiseta justa, decote em V. Por um tempo, atento, Jairo observa Frederico. Este nota o assédio, mas não reage. Jairo dá uns passos na direção de Frederico, que se afasta. Jairo chega mais. Frederico enfim se interessa. Jairo nada diz. Frederico, incomodado com o silêncio do garoto, inicia a conversa de modo um tanto abrupto.

FREDERICO – Vem sempre aqui?

JAIRO – Pergunta mais uó, chefia.

FREDERICO – Uó? Não sei o que é uó. E o que eu deveria perguntar?

JAIRO – Assim: “O que cê acha de mim?”

FREDERICO – Tá certo. O que você acha de mim?

JAIRO – Um tesão.

FREDERICO – É?

JAIRO – Por quê? Não sabia que é um tesão, chefia?

FREDERICO – Não é esse tipo de elogio que costumam me fazer.

209

JAIRO – Vem sempre aqui?

FREDERICO – Se eu pergunto, é “uó”. Mas você pode?

JAIRO – Só rindo! Claro. Eu posso tudo.

FREDERICO – O que é uó?

JAIRO – Um monte de coisa é uó. Coisa assim, que não tá com nada. Como perguntar se vem sempre aqui. Quer um gole?

FREDERICO – O que está bebendo?

JAIRO – Gim-tônica.

FREDERICO – Muito obrigado.

JAIRO – Nossa, parece que tem nojo, chefia!

FREDERICO – Não é nojo. É falta de estômago.

JAIRO – Vamos ali no canto? Lá, não precisa gritar tanto.

FREDERICO – Eu já estou saindo.

JAIRO – Não quer mudar de ideia?

FREDERICO – Não sei.

210

JAIRO – Pensa bem.

FREDERICO – Estou cansado.

JAIRO – Vamo pra longe dessa barulheira. Aqui tá melhor, né? E então, ainda não me disse: vem sempre no Bailão?

FREDERICO – É a primeira vez. Quer dizer, vi-nha antes, quando chamava Homo Sapiens. Faz muito tempo. Hoje saí com amigos, alguém teve a ideia de descer pro Centro. Achei que seria divertido. Agora, não sei mais. Quer dizer, não gostei. Está tudo diferente. Você nem era nascido quando parei de vir aqui.

JAIRO – Vamo sentar aí. Por que não veio nunca mais?

FREDERICO – Uma longa história.

JAIRO – Quero saber.

FREDERICO – Não aqui.

JAIRO – Tem razão. Aqui é lugar pra outras coisas. Posso te beijar? Ou você também não quer fazer isso aqui?

FREDERICO – Bem, com beijo eu não me incomodo. Pra falar a verdade, estou com uma vontade danada de beijar você.

211

JAIRO – Então vem cá, chefia. ... Bom de beijo, hein?... Faz o quê?

FREDERICO – Sou professor.

JAIRO – Achei mesmo que cê tinha pinta de escritor.

FREDERICO – Não escrevo. Dou aula.

JAIRO – É a mesma coisa, meu.

FREDERICO – Não é, não. Você faz o quê?

JAIRO – Trabalho de vendedor. Ei, quero beber mais uma. Vam’pra pista?

FREDERICO – Não. Estou cansado, mesmo, preciso ir embora.

JAIRO – Que horas são?

FREDERICO – Quase quatro e meia.

JAIRO – Tá a fim de chegar, chefia?

FREDERICO – Sim. E você, vai ficar?

JAIRO – É. Tenho de dar um tempo.

212

FREDERICO – Tem?

JAIRO – Moro na perifa. Ônibus, só depois das cinco e meia.

FREDERICO – E você tem de esperar aqui.

JAIRO – É. Quer dizer, não tenho outro lugar pra ir.

FREDERICO – Que tal minha casa?

JAIRO – O quê?

FREDERICO – Minha casa. Pode esperar lá. Te ofereço um drinque. Não tenho gim, mas arrumo uma vodca-tônica.

JAIRO – Cê parece todo na sua, mas é rápido no gatilho se tá a fim, né mesmo?

FREDERICO – Quer ou não?

JAIRO – O que que você acha, tesão?

FREDERICO – Acho que sim.

JAIRO – Gol. Acertou na mosca. Como cê se chama?

FREDERICO – Frederico. E você?

JAIRO – É Jairo.

FREDERICO – Bonito nome.

213

JAIRO – Precisa dizer isso não. É feio pra caralho.

FREDERICO – Eu não acho. Bem, vamos?

JAIRO – Preciso me despedir da minha amiga, que ela veio comigo. Vou avisar. A Assunção. Tá dançando aí na pista. Viu? Aquela fofinha que deu tchau. Dá um tempo, chefia. Volto já. Antes, outro beijo. ... Beija bem, mesmo. Não foge, hein?

CENA 2

Casa de Frederico. Livros, jornais e revistas, um computador. Frederico e Jairo, na cama. Trepa-

ram e agora conversam com a intimidade artificial que proporciona o sexo entre estranhos. Jairo dá uns goles em um copo longo que está no chão, ao lado da cama.

JAIRO – Tá organizando o que, uma passeata?

FREDERICO – Não, imagina! Já marchei em muita passeata. Mas organizar? Não teria saco. Eu e uns colegas armamos um protesto pela Internet. Somos membros de uma ONG.

JAIRO – Uma o quê?

214

FREDERICO – Uma organização não governamental. A nossa organiza ações sociais. Temos um *site* na Rede e uma revista eletrônica onde discutimos política, comportamento, economia, um monte de coisas que afetam a vida do cidadão. Precisa fazer alguma coisa, Jairo. Por exemplo: essa CPI da corrupção tem que sair. E isso só vai acontecer com pressão popular. Pusemos na linha um documento de protesto. Já temos milhares de assinaturas.

JAIRO – Não tou nem aí pra política. Tou cagando, entende, chefia?

FREDERICO – Mas você tem de se interessar, quer dizer, vocês, a sua geração. Porque são o futuro. Sem a adesão dos jovens, as coisas vão...

JAIRO – Adesão... eu quero adesão, mas é em você, gostoso. Vem cá. Para de discurso.

FREDERICO – Não estava discursando. Só disse que...

JAIRO – Não vim aqui pra ter aula. Vim pra trepar. E quero mais.

FREDERICO – Você é muito mandão. Não gosto de gente que dá ordem.

JAIRO – Não estou dando ordem. Só pedindo.

FREDERICO – E eu estou dizendo que...

215

JAIRO – Chefia, já sei! Olhaí, saquei qual é a tua. Você nunca mais voltou no Bailão porque ia lá antes com alguém que gostava. Foi isso?

FREDERICO – Escuta, eu...

JAIRO – Pensou que eu tinha esquecido essa história? Esqueci não. Tou mesmo a fim de saber. Que aconteceu?

FREDERICO – Nada que te...

JAIRO – Deixou de ir porque perdeu o cara. Tá certo?

FREDERICO – Que porra é essa?

JAIRO – Ele te deu um pé na bunda?

FREDERICO – Jairo...

JAIRO – Não. Acho que você perdeu o cara porque ele morreu. Devia ser mais moço. Sempre se entendeu por gente moça, né? Ele morreu de quê?

FREDERICO – De nada, ninguém morreu. Para com isso.

216 JAIRO – Morreu de Aids. Só pode ser. Cês moravam juntos aqui nesse apê?

FREDERICO – Dá pra falar de outra coisa?

JAIRO – Cê não tem o vírus, né?

FREDERICO – Não. Eu não tenho o vírus. E agora chega. Está na tua hora. Pode ir.

JAIRO – Desculpa, eu precisava saber.

FREDERICO – Saber o quê? Não te contei nada.

JAIRO – Não fica invocado, chefia. Eu nem ia perguntar. Mas cê me deixou curioso: por que um cara gostoso vive tão sozinho?

FREDERICO – Não sou gostoso, e não vivo tão sozinho.

JAIRO – Ah, não? Querendo enganar quem? Tá na cara. Tão sozinho que só falta ter gato. Mas chega de papo. Vamo cair na sacanagem.

FREDERICO – Você acha que pode...

JAIRO – Já disse, posso tudo, chefia. E tou a fim. Quer aproveitar?

FREDERICO – A sua sorte é que você, sim, é muito gostoso. Senão, garanto que eu te mostrava o caminho da rua.

217

JAIRO – Você também é muito gostoso, professor. Senão, pode crer que eu já tinha puxado. Acha que sou otário?

FREDERICO – Não. É um sujeito muito abusado.

JAIRO – Pois então vamos abusar mais. Vem cá.

FREDERICO – E o seu ônibus?

JAIRO – Hoje é domingo, eu não tenho compromisso. Cê tá com muita pressa de me ver fora daqui?

FREDERICO – Não.

CENA 3

Loja onde trabalham Jairo e Assunção. Franquia de grife popular, tipo Levi's ou Wrangler, em *shopping* do ABC. Decoração e peças expostas têm estilo padronizado, o mesmo de dezenas de lojas país afora, mundo afora. Assunção, gordinha, roupas muito modernas, é um tanto agressiva. Age como quem tem estoques intermináveis de autoconfiança.

JAIRO – Não aconteceu nada de mais. Foi assim, normal.

218 ASSUNÇÃO – Normal, como? Veio trabalhar com a mesma roupa que estava na boate anteontem. Passou o fim de semana com o velho e nem foi pra casa pôr uma roupa limpa?

JAIRO – Ele não é velho, é coroa. E desde quando cê fica me controlando? Não sabia que eu tinha lhe dado essa intimidade.

ASSUNÇÃO – Ser veado, se não tem outro jeito, tudo bem. É um pecado, você sabe, vai arder no inferno, mas isso é problema seu. E a gente faz força pra aceitar, pra entender. Só que transar com velho é indecente. Pega um cara da tua idade, um veado mais normal.

JAIRO – Ah, que bosta, é a última vez que eu te levo comigo. Só enche o saco. Fica pondo defeito no que eu faço. E eu não sou veado. Transo com muita mulher. Sou bi.

ASSUNÇÃO – Bi, bi... Você é bichona, isso sim.

JAIRO – Pergunta pra Rita do salão de beleza se ela não transou comigo. Mais de uma vez.

ASSUNÇÃO – Quando eu estava a fim, comigo você nunca transou, boiola.

JAIRO – Você não é meu tipo.

ASSUNÇÃO – Tipo! E você lá tem tipo?

219

JAIRO – Assunção, que saco. Vai pegar no pé? E quer saber: gostei do cara.

ASSUNÇÃO – Pior pra você.

JAIRO – Cê não entende.

ASSUNÇÃO – Pois eu prefiro não entender, mesmo. Vamos parar com esse papo aranha, que a gerente já tá olhando feio. Além do mais, se não sabe o que é melhor pra você, não sou eu que vou dizer.

JAIRO – Melhor pra mim? Que onda é essa?

ASSUNÇÃO – Dá um tempo, cara. Olha a gerente.

JAIRO – Na boa, eu achava que a gente era amigo, que você curtia sair com meus amigos.

ASSUNÇÃO – Jairo, você não saca nada. Se acha muito espertinho, muito liberado, mas não vê merda nenhuma, falou? Vai com o seu coroa, vai, e com o seu bando de amigo veado. Sabe o que você vai ser? Veadão vendedor de roupa. Vai ficar velho e morrer nisso.

JAIRO – E daí?

220

ASSUNÇÃO – Como, e daí? É isso que quer da vida? É isso?

CENA 4

Sala de Frederico e Paulo na faculdade onde dão aula. Frederico está ao computador, navega na Internet. Paulo lê e corrige textos.

FREDERICO – Absurdo. Há dois dias a página quase não é mais acessada. E as últimas toneladas de mensagens que mandamos tiveram um índice insignificante de respostas. Onde as pessoas estão com a cabeça que não percebem a importância disso? É um momento histórico,

e ninguém se incomoda. Como o moleque do fim de semana.

PAULO – O quê? Você conheceu um moleque no fim de semana?

FREDERICO – Sim. E daí?

PAULO – Como, e daí? O ermitão conhece alguém e fala nisso com essa calma? Me conta como foi. Que houve?

FREDERICO – Nada. Espera um pouco. Deixa eu passar esta mensagem.

PAULO – Não adianta ficar entupindo a caixa das pessoas com essas mensagens. Quem tinha de responder, já respondeu.

221

FREDERICO – Não tivemos nem dez mil adesões.

PAULO – Fred, quer mais? Isso já é um número enorme de gente.

FREDERICO – Pra fazer diferença, precisamos de muito mais. E dez mil é o número bruto. Deve ter muita assinatura duplicada ou triplicada aí, pessoas que estão em mais de uma lista. Quando filtrar tudo...

PAULO – Me conta do moleque. Como foi isso?

FREDERICO – Foi sendo. Como você quer que essas coisas sejam? Saí com o Luciano e a velha turma. Programa nostálgico e triste. Dói ver a ação do tempo nos amigos, nos lugares. Dói mais ainda pensar em como eles veem a ação do tempo em mim. O povo inventou de ir ao Homo Sapiens, que agora tem outro nome. E lá conheci um moleque. Foi isso. O garoto está “cagando” pra política, como ele mesmo diz. Um absurdo.

PAULO – Fred, nem todo o mundo é obrigado...

FREDERICO – É obrigado, sim. Não venha me dizer que...

222

PAULO – Só digo que você é muito rígido. Muito cheio dos ideais. E o mundo nunca é amistoso com quem vive perseguindo ideais.

FREDERICO – Sou pragmático, não idealista. Na escola, na política, claro, eu tenho ideais. Não daria aulas nem trabalharia na ONG se não tivesse. Mas no cotidiano, onde você vê isso, os meus ideais?

PAULO – Em tudo o que faz. E olha que nos conhecemos há muito tempo.

FREDERICO – O fato de ser meu cunhado não significa que você me conheça.

PAULO – Marido da tua irmã, colega de trabalho, confidente e melhor amigo. Se eu não te conhecer, quem há de?

FREDERICO – Admito que você está mais habilitado que outros. Mas isso não significa...

PAULO – Não mude de assunto. Além do mais, eu admiro seus ideais. Estava fazendo um elogio. Mas fale do moleque.

FREDERICO – É só um moleque. De algum lugar do ABC, não prestei atenção exatamente. Um subúrbio desses.

PAULO – Você é tão democrático e tão elitista. Difícil de entender. Mas vai ou não falar do moleque? O que aconteceu?

223

FREDERICO – Já disse. Nada de mais.

PAULO – Deram um bimbo?

FREDERICO – Paulo!

PAULO – Que foi? Agora virou freira? Só perguntei se bimbaram, ué! Alguma vez a gente teve pudores de falar sobre sexo?

FREDERICO – Não. Mas faz tanto tempo que eu não...

PAULO – Exatamente por isso eu perguntei. É uma novidade e tanto. Desde que o Alfredo morreu, você resolveu enterrar seu tesão.

FREDERICO – Não enterrei nada.

PAULO – É feio mentir.

FREDERICO – Não foi isso. É que não encontrei ninguém com quem... Mas chega de tratar da minha vida. Nós temos coisas mais urgentes. Um país ruindo. É estranho o Brasil. Aceitou durante décadas o regime militar como se não pudesse nunca se livrar daquilo. Depois conseguiu se levantar com as diretas já. E pôs o Collor pra correr em dois anos. Quando parecia ter aprendido a lição, aceita sem hesitar toda a corrupção, todo o desmando deste governo absurdo, comandado por um suposto intelectual. Mas a nossa parte, ao menos...

224

PAULO – Já falamos sobre tudo isso, tantas vezes. Me responda só uma coisa: bimbaram?

FREDERICO – Sim, Paulo, sim. E foi muito legal. Ele passou o domingo comigo. Foi embora só na segunda de madrugada. Agora chega. Vamos pensar no que se pode fazer pra recolher mais assinaturas. E se nós compusermos uma mensagem de mais impacto?

PAULO – Mais impacto, como?

FREDERICO – Quem sabe usando imagens. As pessoas precisam acordar.

PAULO – Vocês vão se ver de novo?

FREDERICO – Não sei.

PAULO – Depende de quem?

FREDERICO – Eu não vou ligar. Se ele ligar, pode ser.

PAULO – Por que você é assim?

FREDERICO – Assim, como?

225

PAULO – Assim, teimoso. O menino tem alguma coisa. É a primeira vez que vejo você se interessar por alguém depois de milênios.

FREDERICO – Eu me interessei por muita gente. Que não me olhou na cara. Eu sou um velho, e a cultura *gay* é território dos jovens e belos. Em países civilizados, os velhos têm um pouco mais de espaço. Aqui, nós somos invisíveis. Ninguém olha na cara.

PAULO – Você não é um velho. E esse menino olhou.

FREDERICO – Um alienado.

PAULO – E daí?

FREDERICO – Daí que é um absurdo. Não me interesse por gente assim.

PAULO – Você não deve se fechar desse jeito, Fred. Não pode nem admitir que está esperando a ligação dele? De repente... liga você.

FREDERICO – Eu não quero. Não vai dar certo.

PAULO – E se der?

FREDERICO – Não vai dar.

226

PAULO – Mas, se der? Você não gostaria de viver de novo um amor? Foi tão feliz com o Alfredo.

FREDERICO – Esse moleque apático não é o Alfredo. E poderia ser meu neto.

PAULO – Não exagere.

FREDERICO – Então meu filho. Mas chega de falar nisso. Tem coisa mais urgente.

CENA 5

Casa de Frederico e loja onde trabalham Assunção e Jairo. Frederico disca um número, Assunção atende.

FREDERICO – Eu poderia falar com o Jairo, por favor?

ASSUNÇÃO – Quem deseja?

FREDERICO – É... É um amigo.

ASSUNÇÃO – Jairo? Um momento. Jairo, telefone pra você. Oi, ele está atendendo um cliente. Quer deixar recado?

FREDERICO – Diga a ele para telefonar para Frederico

ASSUNÇÃO – Pois não.

227

JAIRO – Quem era?

ASSUNÇÃO – O Frederico. Quem é, o velho? O cara fala todo empolado: “Diga a ele para ligar para Frederico”. Eu, hein! Não vai ligar pra ele?

JAIRO – Mais tarde.

CENA 6

Casa de Frederico

FREDERICO – Telefonei quatro ou cinco vezes. Você nunca está. Sempre atende uma mulher.

Fala que você foi almoçar, ainda não chegou, está com cliente ou sei lá o quê. Nem esperava mais. Tomei um susto quando você chamou.

JAIRO – Eu disse que ia ligar hoje. Mas não recebi nenhum recado seu. Falou na loja?

FREDERICO – Claro. O número que você me deu.

JAIRO – Que esquisito.

FREDERICO – Pelo visto tem alguém lá que não passa minhas mensagens.

228 JAIRO – Não sei o que rolou. Só que não importa. Agora eu tou aqui, não?

FREDERICO – Sim, agora você está aqui.

JAIRO – Então, já decidi o que quer fazer? Eu tava a fim de ir no cinema. Queria ver o filme de kung fu que concorreu no Oscar. Mas você falou da festa de uma tua amiga?

FREDERICO – Pois é. Uma professora da faculdade está dando uma grande festa hoje.

JAIRO – Eu vim até vestido.

FREDERICO – Notei. Você está muito bonito. Fica ótimo de preto.

JAIRO – Então, o que escolheu? Cinema ou festa?

FREDERICO – Jairo, você não se incomodaria de mudar de programa? Eu não estou passando muito bem.

JAIRO – O que você tem, chefia?

FREDERICO – Coisa de velho.

JAIRO – O que é?

FREDERICO – Um negócio crônico.

JAIRO – Tem medo de dizer?

FREDERICO – Não. Mesmo porque não dá pra disfarçar. Uma crise de gota.

JAIRO – Ah, aquele negócio de ácido úrico. Dá no pé, né?

FREDERICO – Sim.

JAIRO – Que saco, chefia. Dói pra caralho. Meu vô também tem.

FREDRICO – Ah, é?

JAIRO – Isso aí. Bom, vamos fazer o que cê quiser. Fico aqui numa boa. Ainda tem daquela vodca?

FREDERICO – Pensei que poderíamos jantar fora. Ao menos isso eu te ofereço. Tem um restau-
rantinho francês muito simpático aqui na esquina,
e a comida é uma delícia. Topa?

JAIRO – Tá legal. Vamos nessa.

FREDERICO – Tem tempo. Não precisa sair correndo.
Você não gostaria de tomar sua vodca, antes?

JAIRO – Sim. Cê não bebe nada?

FREDERICO – Não posso. A gota, lembra? Álcool
proibido.

230 JAIRO – Não gosto de beber sozinho.

FREDERICO – Te acompanho com suco de tomate.

JAIRO – Então falou, chefia. Onde são as be-
bidas? Podeixar que eu sirvo. Cê não vai ficar
andando por aí com esse pé inchado. Cara, sabe
que teu apê é bem legal? Bacana mesmo.

FREDERICO – Obrigado. Gosto dele. Moro aqui
faz muito tempo.

JAIRO – Sozinho?

FREDERICO – Agora, sim. Deixa que eu pego as
bebidas.

JAIRO – Falou. Não vou te amarrar na cadeira, cara. Eu gosto quando me servem.

FREDERICO – E do que mais você gosta?

JAIRO – Tou gostando de estar aqui, chefia.

FREDERICO – É?

JAIRO – Cê é boa gente. Eu disse pra Assunção que tu é um cara legal.

FREDERICO – Ah, você falou com ela sobre nós?

JAIRO – Pois é, cara. Eu tenho essa mania de ficar levando a Assunção pra tudo que é lugar, e depois ela fica me enchendo o saco, querendo saber o que eu fiz, com quem transei.

231

FREDERICO – E você conta?

JAIRO – É, né? Quer dizer, ela é minha amiga, né? Mas de vez em quando eu dou uns chega pra lá, pra ela não ficar muito abusada. Ela tava na boate quando a gente se conheceu.

FREDERICO – Eu lembro.

JAIRO – Não tem uma música mais animada, não?

FREDERICO – Você pode escolher alguma coisa, está tudo aí.

JAIRO – Quanto CD. Tu gosta de música, né mesmo?

FREDERICO – Muito. Você, não?

JAIRO – Me amarro. Mas não nessas velharias que cê tem aqui.

FREDERICO – Cada qual com seu gosto, não é? Tenho amigos que vêm aqui só para ouvir minhas velharias.

232 JAIRO – Acredito. Tem loco pra tudo. Pô, meu, é boa essa vodca, hein?

FREDERICO – Que bom que você gosta.

JAIRO – E aí?

FREDERICO – O quê?

JAIRO – Tá em pé o convite?

FREDERICO – Pro jantar?

JAIRO – Pra mim dormir aqui.

FREDERICO – Se você quiser, claro que sim.

JAIRO – Lógico que eu quero. Senão, por que ia estar aqui, chefia?

CENA 7

Loja onde trabalham Jairo e Assunção. Casa de Frederico.

FREDERICO – Alô, o Jairo, por favor?

ASSUNÇÃO – Quem deseja?

FREDERICO – É um amigo.

ASSUNÇÃO – Ele foi no estoque buscar mercadoria. Quer esperar?

233

FREDERICO – Não. Eu ligo mais tarde.

ASSUNÇÃO – Quer deixar recado?

CENA 8

Sala de Frederico e Paulo na faculdade. Gisela conversa com o irmão. É mais jovem que ele. Simpática, compreensiva e paciente.

GISELA – A sua sobrinha está chegando de Nova York e nós queremos reunir alguns amigos. Vai ser um jantar simples. Nada de cerimônia.

FREDERICO – Claro, é sempre ótimo ver a família.

GISELA – Não seja irônico. Chamamos mais amigos da Bianca que parentes, pode ficar sossegado. Ela puxou o gosto do tio pela família.

FREDERICO – Mas a tia Zizi...

GISELA – Bem, é de praxe. Sempre que a Bianca volta... É a madrinha, Fred. Acho que morreria se um dia nós não chamássemos. E com a menina morando tão longe...

FREDERICO – Pois é.

234 GISELA – Você implica com tia Zizi.

FREDERICO – Não é verdade.

GISELA – É, sim.

FREDERICO – Ela é chata. Tem gases. E vota no Maluf.

GISELA – Votou uma vez. Você não pode relevar isso?

FREDERICO – Não só votou como fez campanha. Se você perdoou, eu não.

GISELA – Faz tanto tempo.

FREDERICO – É por esse tipo de raciocínio que o país está nesta merda federal.

GISELA – Que tipo de raciocínio?

FREDERICO – Esse aí, desmemoriado, que aceita tudo.

GISELA – Meu irmão, o que aconteceu com você? Está de mau humor? Ela é minha tia e madrinha de minha filha. Que quer que eu faça?

FREDERICO – Não conseguimos reunir mais de sete mil assinaturas para o manifesto pela CPI. Eu estou indignado. Ninguém nem se importa.

235

GISELA – O que você quer que eu faça?

FREDERICO – Mais do que está fazendo!

GISELA – Fazemos o que podemos, Fred. Nem mais nem menos. Mas não vou parar minha vida se a democracia sofrer outra derrota e a CPI não passar.

FREDERICO – Eu não entendo. Você comandou a participação da faculdade na campanha das diretas. E foi das primeiras a sair com os caras-pintadas pedindo a cabeça do Collor. Por que essa acomodação? Porque o presidente veio da academia? Espírito de corpo?

GISELA – Como você pode dizer isso? Assino tudo quanto é documento contra esse governo que está aí. O senhor sabe disso muito bem.

FREDERICO – Mas é só. Antes você militava. Tomava a frente das coisas.

GISELA – Bem, acho que estou em uma fase menos vanguardeira. Mas só porque não vou fazer uma tragédia com o voto que tia Zizi deu pro Maluf, e porque não vou me acabar se a CPI for a pique, isso não significa que...

FREDERICO – Significa que você mudou, minha irmã.

236

GISELA – Claro, todo mundo muda. É um pecado mortal?

FREDERICO – Não. É só um empobrecimento. Estamos mais pobres a cada dia. Não de coisas, de gente. Faltam cabeças. Estão todos acomodados. Até os mais indignados antes estão entorpecidos, perdidos em salários altos, doenças espirituais ou nevoeiros mentais.

GISELA – Estamos mais velhos, Fred. E mais cansados.

FREDERICO – Por isso fico tão indignado. Eles estão derrotando os nossos melhores. Ou por mor-

domias, ou pela exaustão, seja por que for. E a juventude que vem aí... Ah, minha irmã, o que é isso? Eu nunca vi. São garotos descerebrados, quase. Rasos, apáticos.

GISELA – Não fale assim. Aqui mesmo, na escola, tem uma garotada brilhante. Entre os seus alunos.

FREDERICO – Mas estão fazendo o quê? Cuidando dos próprios narizes. Arrumando jeito de estudar no exterior. E os outros, a imensa maioria, são uns débeis mentais que dançam tecno, *funk* ou axé pela noite afora e ficam horas na frente da MTV, vendo um clipe mais patético que o outro.

237

GISELA – Fred, aconteceu alguma coisa?

FREDERICO – Não chega tudo o que está acontecendo? Você quer mais?

GISELA – Você está alterado.

FREDERICO – Há muito tempo eu não me sentia assim, tão sem sonhos. A única coisa que resta é a indignação.

GISELA – Você vai ser um velho insuportável.

FREDERICO – Eu já sou um velho insuportável.

GISELA – Você precisa namorar. Desde o Alfredo, você nunca mais...

FREDERICO – Paulo diz o mesmo. Meu problema não é falta de homem.

GISELA – Não vai bem a história com esse menino que você conheceu?

FREDERICO – Que história?

GISELA – Paulo comentou comigo.

FREDERICO – Bocudo esse seu marido.

238 GISELA – Falou porque estava feliz, queria que eu soubesse. Você é tão fechado. Nunca vi.

FREDERICO – Não sou fechado. Evito encher o saco das pessoas que amo com lamúrias.

GISELA – Não são lamúrias. É a vida de meu irmão. Eu gosto de você, quero saber o que acontece. Com Paulo, você se abre.

FREDERICO – Não porque eu queira. Ele não me deixa alternativa.

GISELA – A história com o menino deu errado?

FREDERICO – Acho que sim. Nada de muito novo. Ficou de ligar e não ligou. Foram dois encontros.

Minha nova aventura amorosa se resume a isso. O que há de errado comigo?

GISELA – Não sei. Para mim, você é como todo mundo.

FREDERICO – Não sou, não. Tem alguma coisa errada. Contamina tudo que eu toco, que eu venho a querer. Eu não sei agir no mundo. Sou um errado.

GISELA – Imagina, Fred, o que é isso! Tanta coisa importante você já fez.

FREDERICO – Mas olha como estou: frustrado, sozinho, triste.

239

GISELA – E cheio de autocompaixão.

FREDERICO – Isso não é verdade.

GISELA – É sim. Preste atenção ao que você está dizendo.

FREDERICO – Eu não tenho autocompaixão.

GISELA – Então é o quê? Autocomiseração? Desde que entrei nesta sala, hoje, para convidá-lo para o jantar de minha filha, você não parou de reclamar. Das poucas adesões na lista da CPI, das pessoas, de você mesmo. O que aconteceu entre você e esse menino?

FREDERICO – Nada, não aconteceu nada. Esse é o problema. Você não entende? Não.

GISELA – Gostaria de tentar, se você me explicasse. Quer falar sobre isso?

FREDERICO – É uma história curta, mas muito muito cheia de detalhes e complicações. Não tenho tempo nem de começar. Em dez minutos entro em aula.

GISELA – Faz um resumo.

FREDERICO – Se resumir, fica sem pé nem cabeça.

240

GISELA – Bem, vamos continuar esta conversa em outra hora. Não quer chegar mais cedo na quarta? Daí tomamos uma bebida sossegados, sem ninguém interromper.

FREDERICO – Você faz questão?

GISELA – De saber de você? Claro que sim.

FREDERICO – Está bem então, minha irmã. Quarta-feira chego mais cedo.

GISELA – E por favor, para de falar essas coisas.

FREDERICO – Que coisas?

GISELA – De que tem alguma coisa errada com você, que nada dá certo.

FREDERICO – Mas tem alguma coisa dando certo na minha vida?

GISELA – Ah, Fred, hoje não dá pra conversar com você.

FREDERICO – Alguma vez deu?

GISELA – Te espero na quarta-feira. Esta história nós vamos levar até o fim.

FREDERICO – Tá certo, Gi, na quarta-feira você saberá de tudo.

241

CENA 9

Loja de roupas

ASSUNÇÃO – E você não voltou mais lá?

JAIRO – Por enquanto não. Mas posso voltar a hora que quiser.

ASSUNÇÃO – O velho não ligou mais aí. Antes ele ligava. Acho ele nojento. Mas você não tem consideração?

JAIRO – Eu sei o que faço. E sei também qual é a tua. Pensa que eu não saco?

ASSUNÇÃO – Não saca o quê, que história é essa, carinha?

JAIRO – O tesão que você tem em mim.

ASSUNÇÃO – Nunquinhas, tá sabendo? Mesmo que você quisesse.

JAIRO – Ah, é? Então por que não larga do meu pé? Tá em cima o tempo todo. Me vigiando. Acha que eu sou bobo? Eu não me importo, isso sim. Sou mais eu.

242

ASSUNÇÃO – Menino idiota. Acha que tá todo mundo interessado em você, moleque?

JAIRO – Todo mundo, não. Mas você, sim. E deve ficar muito puta quando sai comigo. Eu me arrumo, e você, não. Também, quer o quê? Só vai em boate de veado. Lá cê não pega homem. Já tá difícil pras bichas, imagina você, então, com essa fofura toda.

ASSUNÇÃO – Que foi, seu veado, tá me chamando de gorda?

JAIRO – Não sou eu, linda, é o espelho.

ASSUNÇÃO – Como você é escroto. Da próxima vez que me chamar pra sair, vai ver se eu vou dar trela.

JAIRO – Por mim, tudo bem. Não preciso de você, querida. A senhora é que se oferecia.

ASSUNÇÃO – Mas que mentira mais deslavada.

JAIRO – Vamos parar por aqui, que a gerente está de marcação.

ASSUNÇÃO – E você tá com medo, boneca? Vai correndo pro teu vovô, vai, que ele te dá colinho. Não é disso que cê gosta?

243

JAIRO – Sua escrota. Eu nem tou vendo o cara.

ASSUNÇÃO – Até imagino por quê. Arrumou outro veado velho. Vai ver que é mais velho que aquele, não é? Diz pra titia. Quantos anos tem o veado velho que ce tá saindo agora?

JAIRO – Eu saio com quem eu curto, entendeu. Com mulher, com cara da minha idade, com cara mais velho. Quer o quê? Eu posso. Sou gostoso, o povo quer transar comigo.

ASSUNÇÃO – Você ainda vai aprontar alguma feia, e vão marcar essa carinha bonita.

JAIRO – Olha a gerente, mulher, para de dar escândalo.

ASSUNÇÃO – Que foi, tá com medo de perder o empreguinho? Você é cheio dos recursos. Vai se virar, se for pro olho da rua.

JAIRO – Cê tá louca. Olha a gerente.

CENA 10

Orelhão e casa de Frederico

FREDERICO – Alô?

244

JAIRO – Oi, chefia, tudo bem?

FREDERICO – Sim.

JAIRO – Oi, é o Jairo.

FREDERICO – Eu desconfiei.

JAIRO – Pois então, nunca mais que eu liguei, né?

FREDERICO – Eu notei.

JAIRO – Cê deve ter ficado muito cabreiro comigo.

FREDERICO – O que é que você quer, Jairo?

JAIRO – Ah, nada, né? Quer dizer, eu queria conversar.

FREDERICO – Pode falar, eu estou ouvindo.

JAIRO – Não assim por telefone. Pessoalmente. Eu queria explicar por que...

FREDERICO – Por que você sumiu?

JAIRO – É. Cê é um cara muito bacana, chefia, eu queria te encontrar.

FREDERICO – Pois eu acho que a gente não precisa se ver. Não rolou, como vocês dizem.

245

JAIRO – Isso aí. Mas não tem nada a ver com você, cara, isso que eu...

FREDERICO – Ta certo, já está dito.

JAIRO – Pô, não faz isso. Deixa eu te explicar.

FREDERICO – Não há necessidade, Jairo. Já entendi tudo que havia para entender.

JAIRO – Entendeu nada. Nem passou perto. Vamos se encontrar.

FREDERICO – Não vamos não. E agora eu preciso sair. Você vai me dar licença.

JAIRO – Bem, chefia, se é assim...

FREDERICO – É assim, sim. E não me chama de chefia, entendeu? Já encheu meu saco com essa mania. Se eu fosse seu chefe, ia escolher não ser seu chefe. Te punha no olho da rua no primeiro minuto, entendeu?

JAIRO – Pô, invocado, hein, chefia?

CENA 11

Casa de Paulo e Gisela

GISELA – Ele está tão triste.

246

PAULO – Sempre foi triste. Mesmo quando estava feliz com o Alfredo, era um triste. É o jeito do seu irmão. Não há o que fazer.

GISELA – Ele é meio reservado. Engraçado, isso. Os gays em geral são extrovertidos.

PAULO – Seu irmão nasceu assim. Não gosta de falar. Nunca foi de se abrir.

GISELA – Gostaria de saber o que esse moleque aprontou com ele.

PAULO – Uai, ele não te disse? O de sempre. Frederico foi brincar no jardim de infância e acabou mijado. Isso acontece com muita frequência.

GISELA – Eu não entendo por que ele não arruma alguém da idade dele, um cara sério, um companheiro. Por que ele vai se meter com um menino?

PAULO – Gisela, isso não existe. Como você pode querer delimitar as coisas? Por que ele não tem o direito de ir atrás do que o tesão pede?

GISELA – Porque ele sofre. Tenho medo de que um dia o Fred faça alguma besteira.

PAULO – Se está tão preocupada, diga isso a ele.

GISELA – Me preocupa, sim. Desde que mamãe morreu, Fred ficou ainda mais enfiado na concha. Não fala comigo, nunca diz nada. E eu sou irmã. Ficamos de conversar no dia do jantar da Bianca. Ia aparecer mais cedo. Mas chegou quando todo o mundo já estava aqui. Fugiu do nosso encontro.

247

PAULO – Você é muito mais jovem, minha querida, e é mulher. Acho que Fred tem pudor.

GISELA – Ah, tem pudor de falar comigo, que sou irmã. Mas não tem pudor de se meter com esses garotinhos, né?

PAULO – Isso é outra coisa. Não misture os canais.

GISELA – Que canais? Não estou misturando nada.

PAULO – Como não? Seu irmão não é despuddorado. Sai com esses rapazes porque é o desejo deles que decide. Isso é muito natural.

GISELA – Natural. O que é natural? Um cara legal como o Fred passar a vida sozinho porque não consegue encontrar alguém? Sabe o que parece? Que quando ele sai à procura, envolve-se com as pessoas mais impossíveis, aquelas com as quais está na cara que nenhuma história pode dar certo. Como esse menino do ABC, que não tem nada a ver com o mundo do meu irmão.

248

PAULO – Como você pode dizer isso com tanta certeza, Gisela? As afinidades ali são de outra ordem.

GISELA – Não brinque, Paulo.

PAULO – Não estou brincando. Você acha que seu irmão e um garoto muito mais jovem que ele não podem ter nada a ver um com o outro. Se sentirem tesão, e isso acontece, jovens e maduros se atraírem, você tem aí toda a afinidade necessária para uma história rolar. O mais vem com o tempo, com a vida partilhada, como ocorre com qualquer casal.

GISELA – Mas por que o Fred não consegue conservar as pessoas ao lado dele, Paulo? Isso me dá medo. Ele é tão sozinho e tão triste. Ninguém pra fazer companhia.

PAULO – Você acha ele sozinho e triste. Eu acho que ele vive bem assim. Se precisar, um dia, pode contratar um enfermeiro, um motorista. Não é má ideia. Poderiam até prestar mais de um serviço, de repente.

GISELA – Como você é sórdido.

PAULO – Sou realista.

GISELA – Impossível conversar assim.

PAULO – Perfeitamente possível, não vem com essa. Quer uma dica? Mas não fica fazendo drama pra cima do Fred, Gisela. Ele não gosta disso. Se quer conversar, não arme uma ocasião solene. Deixe acontecer naturalmente, e daí é só não permitir que ele escape. Simples.

GISELA – Não vejo nada de simples. Queria que ele não se atormentasse tanto.

PAULO – E lá vamos nós de novo. Já falamos mil vezes sobre isso, Gi.

CENA 12

Casa de Frederico

JAIRO – Pó, cara, eu pensei que você não ia querer mais me ver. Na boa, não saquei.

FREDERICO – O que é que você não sacou?

JAIRO – Que que eu fiz pra te deixar assim, tão cabreiro.

FREDERICO – Se você não percebeu, o problema não é meu.

250 JAIRO – Calma. Deixa eu falar. Dei um tempo. Precisava fazer isso. Você é superlegal. Por isso eu não podia te fazer de bobo.

FREDERICO – Eu não estou interessado em nada do que você quer me dizer.

JAIRO – Porra, Fred, tou tentando te explicar que...

FREDERICO – Que não deu certo. Que poderia ter dado certo, mas não deu. É isso que houve, só isso. O resto não me interessa.

JAIRO – Cê tem medo do quê?

FREDERICO – Não tenho medo de nada. Mas posso escolher não ouvir sua história.

JAIRO – Vamos fazer uma trégua?

FREDERICO – Isto não é uma guerra.

JAIRO – Pombas, é o quê, então?

FREDERICO – O ideal é que não seja nada. Sabe muito bem que não está aqui porque quero. Fui forçado a deixá-lo subir.

JAIRO – Que puta mentira. Eu não forcei ninguém.

251

FREDERICO – Como não? Invadiu o saguão do prédio e mandou dizer que não iria embora enquanto eu não o recebesse.

JAIRO – Eu não invadi. Entrei porque o carinha lá de baixo abriu a porta pra mim. Nem perguntou nada. Já me conhecia das outras vezes. E não fiz nada. Só fiquei sentado naquele sofá. Que tem de mais nisso?

FREDERICO – Como acha que eu me sinto? Vem me ameaçar em minha casa.

JAIRO – Não tou ameaçando ninguém, chefia.

FREDERICO – Não me chama de chefia, já disse.

JAIRO – Tá bom, chefia. Mas eu queria dizer que...

FREDERICO – Vá embora, por favor, e me deixe em paz.

JAIRO – Para com isso. Tou querendo conversar e você fica aí, como na novela.

FREDERICO – Que novela?

252 JAIRO – A novela da televisão. Fica fazendo pose, falando essas coisas. “Vá embora, por favor, e me deixe em paz.” Isso dizem na televisão, chefia.

FREDERICO – Vá embora, Jairo. Agora.

JAIRO – Não.

FREDERICO – Agora.

JAIRO – Só depois.

FREDERICO – Estou sem nenhuma paciência.

JAIRO – Vai fazer o quê? Me bater? Me pôr de castigo? Deixa eu falar de uma vez, porra. Daí eu digo tudo que vim dizer e vou embora e você fica aí, curtindo o seu mau humor.

FREDERICO – Você entrou à força em minha casa...

JAIRO – Chega de papo furado.

FREDERICO – Vou chamar a segurança e mandar...

JAIRO – Não vai mandar nada, tá sabendo?

FREDERICO – Não sou obrigado a...

JAIRO – A me ouvir? É obrigado, sim. Quero te dizer que não sou sacana. Desculpa.

FREDERICO – Que história é essa?

JAIRO – É isso. Queria te dizer que eu fiquei muito chateado, cara, porque rolou assim. Quer dizer, não rolou, né?

FREDERICO – É? Bom. Já pediu suas desculpas. Pode ir embora.

JAIRO – Eu tinha gostado muito se rolasse, entendeu?

FREDERICO – Não é verdade. Ou você não teria fugido.

JAIRO – É isso que eu queria dizer. Eu falei uma vez que posso tudo, não é? Mas não é bem as-

sim, cara. Eu tenho um rolo, aí. Faz tempo, já. A gente se gosta muito.

FREDERICO – Quer dizer que você ainda estava traindo outra pessoa quando transou comigo? Por que fez isso?

JAIRO – Não fiz nada. Nós brigamos. Eu era livre quando conheci você.

FREDERICO – Você já explicou tudo. Pronto. Pode ir.

254 JAIRO – Eu me amarrei, chefia. Isso que eu queria dizer. Que se não tivesse outra história, teria o maior prazer de ficar com você.

FREDERICO – Fica pra próxima encarnação.

JAIRO – Não brinca com isso.

FREDERICO – Estou cansado. Amanhã logo cedo dou aula na faculdade. Preciso dormir.

JAIRO – Cê não é de dormir cedo.

FREDERICO – Tenho que acabar de preparar a aula. E não temos mais nada a dizer.

JAIRO – Eu tenho.

FREDERICO – Não. Já está bom.

JAIRO – Ele é mais velho que você.

FREDERICO – Jairo, eu não...

JAIRO – Um pouco mais gordo, também. E é casado.

FREDERICO – Que me importa...

JAIRO – Faz tempo que a gente tá junto. Desde quando eu tinha 17 anos. Eu gosto, sabe...

FREDERICO – Não me importa. Eu não quero saber.

JAIRO – Mas você é tão legal, que eu fiquei balançado.

FREDERICO – Problema seu.

JAIRO – Bem que eu quis terminar com ele, chefia. Mas não deu. Ainda não.

FREDERICO – Você não precisa me dizer nada disso.

JAIRO – Mas eu quero falar, entende? Pra você sacar que se eu digo que sinto muito, cara, é porque eu sinto muito mesmo. Não tou te sacaneando. Eu não brinquei com você.

FREDERICO – Isso não me interessa.

JAIRO – Como não rolou um lance entre a gente, eu não te interessei mais?

FREDERICO – Fiquei muito triste. Ainda estou. E você veio cutucar a ferida. Pra quê?

JAIRO – Você acha que eu não fiquei triste, meu? Que pra mim foi tudo numa boa?

FREDERICO – Isso não me diz respeito.

256 JAIRO – Nunca eu deixo rolar cama, quando venho pra noite. Fico nuns beijinhos, no máximo um boquete, se o tesão é muito. Quando querem ir pra cama, eu corto. Não gosto.

FREDERICO – Pois me pareceu bem o contrário disso.

JAIRO – Porque com você foi diferente, porra. Não tou dizendo?

FREDERICO – Por favor, vá embora.

JAIRO – Quem sabe um dia, quando eu me livrar desse meu enrosco...

FREDERICO – Você acha que eu vou ficar aqui, esperando?

JAIRO – Acho que não. Cê vai arrumar namorado logo. Gostoso desse jeito, vai se acertar quando quiser. Já tou até sentindo ciúme.

FREDERICO – Para com isso. Vá embora.

JAIRO – Quando eu puder, venho te procurar. Se você ainda estiver solteiro, quem sabe então se...

FREDERICO – Esse dia não existe. “Se” é uma coisa irreal. Vá embora. É a milésima vez que te peço.

JAIRO – Sabe que eu tenho um puta tesão por você? Só de estar aqui, assim, falando, fico de pau duro. Vamos dar uma de despedida?

257

FREDERICO – Chega. Estou cansado. E preciso preparar a aula.

JAIRO – Bem, então falou, chefia. Parar de encher o teu saco. Vou chegando. Mas se prepara, que um dia eu volto.

FREDERICO – Não, não volta. Se eu puder evitar...

JAIRO – Minha vida não é engraçada, chefia. Eu também não sou feliz. Fico esperando o dia que posso ver o... Quase nunca dá certo. A mulher... os filhos... Só que os filhos são mais velhos que

eu. Por isso que eu venho pra noite, pra não ficar esperando. Pra viver.

FREDERICO – Tchau, Jairo.

JAIRO – Não fica com raiva de mim.

FREDERICO – Não tenho raiva de você.

JAIRO – Bem, até.

FREDERICO – Adeus.

258 JAIRO – Lembrei de você quando a CPI da corrupção não passou. Até acompanhei a história no jornal. Que sacanagem fizeram lá, né? Deve ter ficado muito cabreiro, não ficou?

FREDERICO – Prefiro não falar sobre isso neste momento, se não se incomodar.

JAIRO – Eu não me incomodo, cara. Eu, não. Tchau.

FREDERICO – Jairo.

JAIRO – Que foi?

FREDERICO – Volta aqui um instantinho.

JAIRO – Oi.

FREDERICO – Posso te fazer uma pergunta?

JAIRO – Claro.

FREDERICO – O que há de errado comigo?

JAIRO – Hã?

FREDERICO – O que eu tenho de errado? Só isso que eu quero saber.

JAIRO – Nada, ué. Não tem nada de errado.

FREDERICO – Alguma coisa devo ter. Pensa bem. O que que tem em mim que você não gosta? Pode falar sem medo.

259

JAIRO – Mas não tem nada, Frederico. Que papo mais aloprado esse, chefia.

FREDERICO – Tem um negócio errado em mim. Ou as minhas histórias não seriam assim.

JAIRO – Assim, como?

FREDERICO – Assim, umas merdas que nunca dão certo. Por que você resolveu ficar com esse teu amante casado que não te faz feliz em vez de ficar comigo? Diz.

JAIRO – Porra, chefia, eu não sei.

FREDERICO – Não me chama de chefia.

JAIRO – Tudo bem. Mas eu não sei. Pode crer.

FREDERICO – Não vou deixar você sair daqui sem me dar uma resposta.

JAIRO – Só que não tem resposta, cara. Por que eu gosto de torta de limão e não como bolo de chocolate? Isso que você quer saber, não dá pra explicar. Não tem como.

FREDERICO – Tem de ter. Precisa dizer o que não está certo em mim.

260

JAIRO – Eu não sou doutor, como vou saber se tem alguma coisa que não está certa em você? Tudo me parece certo demais. Você não pensa que o problema pode ser outro, né? Que o errado sou eu, não você. Errado por largar um cara bacana, que tá a fim de mim, pra continuar esperando um encontro aqui, outro ali, quando dá, com aquele bundão.

FREDERICO – Então você não vai me dizer o que tem de errado comigo?

JAIRO – Só se você me disser o que tem de errado comigo, chefia.

FREDERICO – Não me chama...

JAIRO – ... de chefia. Já sei. Então, vai dizer?

FREDERICO – Não vejo nada errado em você.

JAIRO – Tem certeza? Olhou bem?

FREDERICO -- Bem, acho que agora chega disso, não?

JAIRO – Falou. Vou parar de te azucrinar, chefia. Tou indo. Até.

FREDERICO – Até. Espera, só mais uma coisa. Essa tua história, com esse sujeito casado...

261

JAIRO – O...

FREDERICO – Não precisa dizer, não quero saber o nome dele. Essa tua história você também comenta com a tua amiga gordinha da loja?

JAIRO – A Assunção. Ela não é minha amiga. A gente brigou. Nem se falamos mais.

FREDERICO – Mas antes de brigar comentava? Como comentou com ela da gente.

JAIRO – Não. Essa outra história eu não comento com ninguém. Por quê?

FREDERICO – Por nada. Fiquei curioso. Agora tchau.

JAIRO – É que o cara é casado, entende?

FREDERICO – Não precisa explicar. Eu perguntei por perguntar.

JAIRO – Bom, vou chegando. Desculpe alguma coisa.

FREDERICO – Tchau, Jairo.

JAIRO – Se precisar de mim...

262 FREDERICO – Eu não vou precisar de você.

CENA 13

Loja onde trabalham Jairo e Assunção

ASSUNÇÃO – Oi, Jairo. Não fala mais com os pobres?

JAIRO – Oi, tudo bem?

ASSUNÇÃO – A gente nunca mais saiu junto.

JAIRO – Depois daquilo que você disse, pra que eu ia querer sair com você?

ASSUNÇÃO – Aquilo o quê?

JAIRO – Ah, esqueceu?

ASSUNÇÃO – Imagina, Jairo. Aquilo foi em instante de raiva. Eu estava brava com você.

JAIRO – Não sei por quê. Eu nunca te fiz nada.

ASSUNÇÃO – Deixa pra lá. Já passou.

JAIRO – Falou.

ASSUNÇÃO – Quando você vai me convidar pra sair?

JAIRO – Uma hora dessas. Tou dando um tempo, sabe?

263

ASSUNÇÃO – De mim?

JAIRO – Da noite.

ASSUNÇÃO – Ah, eu não. Ando me divertindo bastante. Ontem fui com um povo lá na Stereo. Sabe quem tava na pista? Aquele velho que você namorou.

JAIRO – Ah, é?

ASSUNÇÃO – Aquele que ligava aqui pra loja. Tava lá. Ele e mais um bando. Por que veado sempre sai em bando, hein?

JAIRO – Tá me provocando?

ASSUNÇÃO – Não, magina. Tava brincando.

JAIRO – Brincadeira mais besta.

ASSUNÇÃO – Nossa, como você está cheio de não-me-toques. Antes não era assim.

JAIRO – Verdade. Antes não era.

ASSUNÇÃO – Vamos fazer as pazes, vai. Eu não quero ficar de mal.

264 JAIRO – Cê faz minha cabeça de penico, diz tudo que quer dizer, depois entra com esse lance de “não quero ficar de mal”. E eu? Esqueço tudo e não se fala mais no assunto?

ASSUNÇÃO – Caramba, Jairo, não sabia que cê era rancoroso desse jeito.

JAIRO – Não sou rancoroso. Só não tenho mais saco pra pentelhação, sacou?

ASSUNÇÃO – Pentelhação?

JAIRO – É. Pentelhação, aporrinhação. Não quero mais nada disso pra cima de mim, entendeu? Você, a maior malresolvida, cagando regra, dizendo que eu ia me dar mal. Lembra?

ASSUNÇÃO – Pra te acordar, pra você ter uma ambição na vida. Não é só passar o dia no *shopping* e de noite ir pra balada.

JAIRO – Cê não sabe nada de mim, Assunção.

ASSUNÇÃO – Imagina só! Eu sei que...

JAIRO – Não sabe porra nenhuma. Nem o começo do começo. Só porque caiu na noite comigo umas vezes, acha que pode...

ASSUNÇÃO – Ô, Jairo. Não fica assim. Eu não quero brigar com você, querido. Além do mais, eu vou ser subgerente a partir do mês que vem. Então, seria legal que a gente ficasse bem, porque como eu posso ter uma relação de chefia com você se...

265

JAIRO – Cê não vai ser minha chefe.

ASSUNÇÃO – Como não, meu bem? Vou ser chefe de todos os vendedores.

JAIRO – Pois é. Eu ouvi dizer. Mas não vou estar mais aqui, falou?

ASSUNÇÃO – Não?

JAIRO – Eu pedi transferência. Estou indo semana que vem pra outra loja.

ASSUNÇÃO – Ah.

JAIRO – A senhora não vai mandar em mim nunquinha, sacou?

ASSUNÇÃO – Até parece que eu ia mandar em você. A gente é amigo. Teve uns desencontros aí, mas a gente é amigo.

JAIRO – Está falando só por você. Eu não sei disso, não. Agora tchau. Tenho de cuidar de umas coisas.

ASSUNÇÃO – A outra loja que você vai trabalhar é perto?

266 JAIRO – Não. É longe. Eu tou indo pra São Paulo. Vou mudar de vida, entendeu?

ASSUNÇÃO – Claro. Vai cair ainda mais na gandaia. Acabar com a saúde.

JAIRO – O que eu vou fazer não te interessa. Mas pode ter certeza. Vou mudar de vida.

ASSUNÇÃO – Bem, boa sorte, meu bem.

JAIRO – Pra você também. Ainda vai chegar a gerente disto aqui.

ASSUNÇÃO – Se um dia você quiser voltar, seu lugar vai estar guardado.

JAIRO – Tá certo. Pode esperar.

CENA 14

Sala de Frederico na faculdade.

GISELA – Bem, será que você pode me explicar?

FREDERICO – O quê?

GISELA – Isso que acabei de te perguntar: por que razão nunca conversamos?

FREDERICO – Mas nós conversamos sempre.

GISELA – Não sobre o que importa. Você fala de trabalho, de política, até da família. Mas não de você mesmo, dos seus sentimentos, do que está acontecendo aí dentro.

267

FREDERICO – Meu coração vai bem, obrigado.

GISELA – Mesmo depois daquele baque?

FREDERICO – Não chegou a ser um baque, minha irmã. Só uma aporrinhção breve.

GISELA – Pois então. É isso que eu quero saber. Paulo diz que eu deveria contar pra você como me sinto a seu respeito. A gente é tão distante...

FREDERICO – Culpa minha. Você era tão mais nova. Acho que me acostumei a ver você sempre como uma menininha.

GISELA – Uma menininha que vai ser avó.

FREDERICO – O quê?

GISELA – Sua sobrinha está grávida.

FREDERICO – Bianca? É mesmo?

GISELA – Por que o susto?

FREDERICO – Sempre achei que ela era do tipo que não teria filhos.

GISELA – O que te fazia pensar assim?

268 FREDERICO – O modo dela, o fato de não gostar de crianças, um monte de coisas.

GISELA – Bem, você estava enganado.

FREDERICO – Pois é. Engraçado. Vou ser tio-avô.

GISELA – Ainda bem que o tempo não passa só para mim.

FREDERICO – Ele passa principalmente para mim.

GISELA – Para todos nós, meu irmão.

FREDERICO – É apavorante, isso, essa velocidade.

GISELA – Apavorante para mim é a ideia de que minha filha vai ter meu neto em Nova York, longe da mãe, do pai, dos amigos.

FREDERICO – Lá é a casa dela. Tem o marido, a família dele.

GISELA – Não é a mesma coisa. Mas não fuja do assunto. Estávamos falando de nós.

FREDERICO – Sim, não esqueci.

GISELA – Fred, por que a distância?

FREDERICO – Não sei. São essas coisas. A vida.

GISELA – Mas a gente é que faz isso. Não é a vida que nos separa. Somos nós.

FREDERICO – Eu fico culpado por não te procurar mais. Depois que mamãe morreu...

GISELA – Acho você muito triste, Frederico. E muito sozinho, também. Tenho medo. Fora Paulo e Bianca, você é minha única família de verdade. Queria poder te ajudar mais.

FREDERICO – Ajudar no que, Gisela?

GISELA – Pois é, não sei. Mas queria ver você feliz.

FREDERICO – Eu não sou infeliz.

GISELA – Você sabe que não é disso que estou falando.

FREDERICO – Sim, eu sei.

GISELA – Fico com receio de um dia ver você doente sem ninguém pra te ajudar. Às vezes penso que você pode fazer alguma bobagem.

FREDERICO – Que bobagem?

GISELA – Uma loucura.

270 FREDERICO – Eu posso ser triste, como você diz. Mas sou um triste sereno. Não um desesperado. Tenho a impressão de que não faria uma loucura. Talvez seja uma característica dos errados. Será que há mais gente assim no mundo? Eu poderia quem sabe abrir um clube.

GISELA – Estou falando sério.

FREDERICO – Eu também.

GISELA – Fico preocupada com você.

FREDERICO – Não é necessário. Se você quiser, podemos conversar mais vezes.

GISELA – Mas falar de verdade, do que importa.

FREDERICO – E o que importa?

GISELA – Ora, que pergunta! Tudo aquilo que tem a ver conosco, comigo. Fred, você sabe o que eu quis dizer.

FREDERICO – Claro que sei. Estava brincando.

GISELA – Isso não é assunto para brincadeira.

FREDERICO – Ao contrário.

GISELA – Ao contrário o quê?

FREDERICO – Acho que é assunto para brincadeira, sim.

271

GISELA – Você ficou arrasado, não é?

FREDERICO – Não sei dizer. Acho que foi mais que isso, ou muito menos. Não sei dizer ainda. Foi uma dor muito intensa mas muito curta. Depois, fiquei indiferente. Como estou indiferente em relação ao menino sobre o qual você perguntou. Uma coisa estranha. Nunca senti nada parecido. Costumava ficar irado por meses, anos. Agora, foi como se... Como se não fosse comigo.

GISELA – Se quer saber, acho isso bom. Você está aprendendo a lidar com a realidade. Bem-vindo ao clube.

FREDERICO – Eu sempre soube lidar com a realidade, Gisela. E esta versão indiferente de mim mesmo me assusta.

GISELA – Talvez assuste. Mas torna a vida um pouco mais fácil.

FREDERICO – Sinto como se estivesse mais pobre.

GISELA – E mais sereno.

FREDERICO – Conformado. O que não é a mesma coisa.

272 GISELA – A gente não pode ser a palmatória do mundo.

FREDERICO – A gente não pode ser nada.

GISELA – Não é verdade. Que absurdo!

FREDERICO – Mas não se preocupe. Apesar de estar assustado com essa minha indiferença, eu fiquei mais experiente. Ainda estou vivo. Mesmo depois de velho...

GISELA – Você não é velho.

FREDERICO – ... a gente continua a aprender. Fiquei mais maduro. Cada trombada que se leva serve ao menos pra isso.

GISELA – É verdade.

FREDERICO – E estou achando tudo engraçado. Estou rindo agora mais que nunca. Tenho ido ao cinema para ver comédias, imagine. Nunca suportei comédias.

GISELA – Você está diferente, mesmo.

FREDERICO – Diferente, como? Eu me sinto o mesmo.

GISELA – Nunca na vida você tinha se aberto assim. Ao menos não comigo.

FREDERICO – Você não disse que estava preocupada, que queria conversar, saber coisas?

273

GISELA – Claro. Mas disse isso a vida toda, e você nunca me deu atenção.

FREDERICO – Bem, não estou dizendo que mesmo depois de velho continuo a aprender?

GISELA – Vamos jantar hoje, só nos dois?

FREDERICO – Por quê? Algo especial?

GISELA – Sim. A celebração desse nosso diálogo, que é novo.

FREDERICO – Tem razão. Ele merece ser celebrado. Levo o vinho. Mas amanhã.

GISELA – Por que não hoje?

FREDERICO – Tenho outro compromisso.

GISELA – É mesmo? O que vai fazer?

FREDERICO – É um compromisso.

GISELA – Vai encontrar alguém. Pela sua cara, só pode ser. É isso? Acertei?

FREDERICO – Amanhã eu conto.

GISELA – Então eu acertei, é isso mesmo. Namoro no ar. Pelo seu sorriso...

274

FREDERICO – Para de querer adivinhar. Já disse, amanhã eu conto.

GISELA – Mas faz um *trailer*. Como chama, que idade tem, onde conheceu.

FREDERICO – Gisela! Eu amo você.

GISELA – Também amo você. Bom, jantar amanhã, hein, sem falta. E com novidades.

FREDERICO (*Rindo.*) – Até amanhã.

FIM

São Paulo, 1.º de setembro de 2001

Observação importante: devido ao tema da peça e ao comportamento de personagens, diretores e intérpretes podem ficar tentados a dar ao texto uma leitura que passe pela complacência e pela autopiedade. Nada mais incorreto. Os personagens pertencem à categoria de gente que leva tombos, levanta, segue em frente e ri da desgraça. Frederico é ranzinza, mas dotado da capacidade de se perceber, de não se levar a sério. Jairo, apesar da juventude, também saca as ironias da vida. Os personagens não são figuras de melodrama, mas pessoas comuns, que enfrentam reveses da melhor forma que podem, e com humor.

Ficha Técnica

Um Deus Cruel

Autor: Alberto Guzik

Elenco: Alessandra Fernandez, Alexandra Golik, André Boll, Isa Kopelman, Raul Figueiredo e Washington Gonzales.

Cenário: Kléber Montanheiro

Trilha Sonora: Alberto Bbandone

Figurino: Claudia Schapira

Iluminação: Fran Barros

Grupo Le Plat du Jour

Diretor: Alexandre Stockler

O espetáculo estreou em março de 1997 no Teatro da Reitoria, dentro do Festival de Teatro de Curitiba. A partir de agosto daquele ano a mesma produção fez temporada no Teatro Artur Azevedo, em São Paulo.

277

Errado

Autor: Alberto Guzik

Direção: Sérgio Ferrara

Atores: Débora Duboc, Élcio Nogueira Seixas, Luah Guimarães e Renato Borghi. Ator convidado: Gabriel Pinheiro

Cenários e Figurinos: Cyro Del Nero

Trilha sonora: Sérgio Ferrara

Luz: Alessandra Domingues / Marcos Franja

O espetáculo estreou dia 13 de junho de 2002, no Teatro do Sesi, dentro da Mostra de Drama-

turgia Contemporânea realizada por iniciativa de Renato Borghi e do Teatro Promíscuo.

Na Noite da Praça

Autor: Alberto Guzik

Direção e concepção cênica de Luis Valcazaras.

Elenco: Álvaro Franco, Marília de Santis, Ricardo Corrêa e Rodrigo Fregnan.

Assistência de direção: Janaína Afhonso

Trilha sonora original: Kalau

Iluminação: Flávio Duarte

Cenografia: Luiz Valcazaras

Figurinos: Fabiano Machado

Preparação Corporal: Mariana Dios-Tan

Fotos André Stéfano

Vídeo: Kalau Prod. Art.

Estreou no dia 13 de abril de 2007, no Teatro dos Satyros 1, dentro da mostra E em Sete Dias se Fez a Praça Roosevelt.

Cansei de Tomar Fanta

Autor: Alberto Guzik

Direção de Daniel Tavares

Elenco: Cléo De Páris e Fábio Penna

O espetáculo estreou dia 11 de outubro de 2008, dentro do projeto DramaMix, nas Satyrianas.

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Sérgio Roveri	11
Um Deus Cruel – Sábado Magaldi	17
Um Deus Cruel	21
Cansei de Tomar Fanta	131
Na Noite da Praça	157
Errado	203
Ficha Técnica	277

Crédito das Fotografias

André Stéfano 132, 133, 134, 156, 158, 159, 160

Lenise Pinheiro 202, 204, 205

Tika Tiritilli 22, 24, 25, 26

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

*Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena*

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 300

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Guzik, Alberto

O teatro de Alberto Guzik : Um Deus Cruel; Cansei de tomar fanta; Na noite da praça; Errado – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

300p. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-644-0

1. Dramaturgos brasileiros 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Título: Um Deus Cruel. IV. Título: Cansei de tomar fanta. V. Título: Na noite da praça. VI Título: Errado. VII. Série.

CDD 792.092 81

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Teatro : Biografias 792.092 81

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores

Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal

Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 Mooca

03103-902 São Paulo SP

www.imprensaoficial.com.br/livraria

livros@imprensaoficial.com.br

SAC 0800 01234 01

sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Além de ser um dos mais respeitados críticos teatrais do Brasil, professor de Teatro na ECA e EAD, depois no Macunaíma e Escola Wolf Maia, **Alberto Guzik** tem se confirmado como ator (pertence ao Grupo Satyros de São Paulo) além de ter escrito para a Coleção Aplauso as biografias de Naum Alves de Souza e do grupo Satyros. Guzik tem se destacado também nos trabalhos de ficção. Em 1995, ganhou o prêmio Jabuti por seu romance de estreia, *Um Risco de Vida*. Escreveu ainda biografias (*Paulo Autran, um Homem no Palco*), contos (*O Que é Ser Rio, e Correr?*).

Mas este volume apresenta outra faceta do talento de Guzik: seu trabalho como dramaturgo. São quatro peças que revelam o autor por trás do reconhecido crítico. *Um Deus Cruel* (1997), num exercício de metalinguagem apresenta as mazelas de uma montagem teatral em andamento; *Errado* (2002) traz um solitário intelectual e sua relação com um jovem e despreparado balconista; *Cansei de Tomar Fanta* (2003) é sobre um casal de namorados que resolve discutir suas vidas a partir de uma simples lata de refrigerantes; e *Na Noite da Praça* (2007) parte de um comentado furto ocorrido em um cemitério de São Paulo para traçar um perfil do culto ao espetáculo de nossa sociedade.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, na sua proposta de resgate e preservação da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-644-0



9788570606440